

EDNA JULIA SCOMBATTI MARTINS

ANEXO AO PROCESSO Nº 280/93-C.M.

DE VOLTA À ESCOLA:

Investindo em uma proposta de
Universidade Aberta à Terceira Idade

MARÍLIA

1997



*“Aprender a ouvir pacientemente em ti mesmo, dar
a ti mesmo uma chance de encontrar teu próprio
caminho, que é teu e de ninguém mais”.*

Reich



MFN
2172

CLASS.: 370.193
M 386d
TOMBO: Tese 842

EDNA JULIA SCOMBATTI MARTINS



**DE VOLTA À ESCOLA: Investindo em uma Proposta
de Universidade Aberta à Terceira Idade**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para a obtenção do Título de Doutor em Educação (Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira)

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Aparecida Cória-Sabini

1410000842



MARÍLIA

1997

CLASS.: 370.193
M 386d
TOMBO: Tese 842

EDNA JULIA SCOMBATTI MARTINS



FFC

**DE VOLTA À ESCOLA: Investindo em uma Proposta
de Universidade Aberta à Terceira Idade**

Comissão Julgadora

Tese para Obtenção do Grau de Doutor

Presidente e Orientador:

Segundo Examinador:

Terceiro Examinador:

Quarto Examinador:

Quinto Examinador:

Marília, de de 199

AGRADECIMENTOS

À D. Idalina,

Em um tempo mágico

Nos encontramos

E no dia a dia

Aprendi

Aprendi

Com seus gestos simples

E seu coração,

Justo e sábio,

A trilhar meu próprio caminho

A sua marca

Ficou em mim

E hoje,

Se minha colheita é mais abundante

Devo-a a você

Por isso,

Compartilhe comigo, minha mãe

Mais um pouco da minha história

Que você ajudou a construir

AGRADECIMENTOS

Na trajetória deste trabalho, cujo significado se expressa no resumo de nossas reflexões, muitos foram os que colaboraram para que as ações empreendidas não perdessem o sentido coletivo da prática. Aos parceiros da Proposta, os nossos agradecimentos:

- Grupo de Trabalho, que não mediu esforços para que implantássemos, no dia 13 de abril de 1994, o Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* na FCL de Assis: Célia, Elizabeth, Francisco, Olympio, Regina, Telma, Paulo Tadeu, Nilza e Dr. Carlos.
- Profissionais colaboradores que nos procuraram para trabalhar junto ao Programa: Malvina, Marli, Loyde, Hugo, Leda, Paulinho, Taís e Maria Helena.
- Colegas da Unidade, professores e funcionários, que dividiram os seus saberes com a terceira idade em sala de aula.
- Alunos estagiários: Oswaldo, Veridiana, Claudete, Kedma, Maira, Stella Maris, Adriana Silva, Carla, Cesar, Eliseu, Luciana, Ruy, Joyce, Alexandre, Sara, Lucia, Fernanda, Alessandra Valéria, Celiane, Adriana Medeiros, Alessandra Dias, Frederico, Sonia, Juliana Lima, Elisa, Ana Claudia, Sandra, Renata, Valdemir, Daniela, Juliana Barros, temos certeza que “experimentar” a terceira idade colaborou para fortalecer, em cada um de vocês, o amadurecimento pessoal e o aprimoramento profissional.
- Profissionais do CAPs Vila Fiuza e da Estação Experimental de Assis - Horto Florestal.
- Especialistas da área médica e odontológica de Assis e região.
- Zally, Presidente do Conselho Estadual do Idoso de São Paulo.
- Diretores e Vice-Diretores da FCL de Assis.



- Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da UNESP.
- Amigos do Núcleo do Idoso de Assis.
- Alunos do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade*.

Por fim, queremos expressar aqui também a nossa gratidão, pelo apoio incondicional recebido, a:

- Profa. Dra. Maria Aparecida Cória-Sabini, nossa orientadora, que sempre acreditou neste trabalho, deixando-nos livres para seguirmos o caminho que idealizamos.
- Marcia, Terezinha e Beth, pela presença amiga e constante.
- Milton, marido e companheiro.
- Anna, Maria e Helena, irmãs queridas.
- Juliana, Marcos e Lucas, filhos amados.

A todos aqueles que, anônimos, estiveram conosco, solidários no pensamento e na ação desta jornada, muito obrigada.



MARTINS, E. J. S. *De volta à escola*: Investindo em uma Proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade. Marília, 1997, 236p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília da Universidade Estadual Paulista.

RESUMO: Considerando o crescimento surpreendente da população idosa e a necessidade de medidas dirigidas à implantação de políticas sociais voltadas a esta questão, mobilizações de diversas naturezas vêm sendo feitas com o objetivo de propor ações que contribuam para que a problemática que tal fato vem provocando seja incorporada pela sociedade de modo geral. Neste sentido, enquanto profissionais comprometidos com um projeto coletivo de transformação da sociedade, coordenamos o desenvolvimento do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade*, em funcionamento na FCL de Assis desde 1994. Contemplando duas fases na sua implantação, o Programa primeiro aproximou o idoso ao câmpus universitário, oferecendo atividades de curta duração, para que ele reconhecesse na Faculdade o espaço possível também de sua atuação. A análise dos resultados daquele primeiro momento nos forneceu subsídios para a programação gradativa de atividades que, priorizando os interesses e expectativas do público-alvo, se constituiu na segunda fase. O objetivo desta centralizou-se na efetivação da Universidade Senior: cursos e/ou oficinas de atualização de conhecimentos e de exploração de potencialidades para que, fundamentado e fortalecido, o indivíduo que envelhece possa refletir a sua participação na sociedade. Nesta perspectiva, as atividades desenvolvidas até então, através de um trabalho interdisciplinar e interdepartamental integrado que prioriza os princípios da Educação Continuada, evidenciam que: ao se contemplarem os anseios do público-alvo, num ambiente diversificado culturalmente, é possível engendrar novas formas de relacionamento, estimuladas nos grupos de referência compostos por pessoas com interesses comuns, em direção ao fortalecimento de uma visão positiva de velhice e de favorecimento do processo de envelhecimento daqueles que se beneficiam das oportunidades educacionais oferecidas.

Unitermos: Educação Continuada; terceira idade; cidadania; Psicologia Comunitária; velhice e envelhecimento.

MARTINS, E. J. S. *Going back to school: investing in a proposal of a University Open to the Third Age*. Marília, 1997. 236p. Ph. D. Thesis. Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília da Universidade Estadual Paulista.

ABSTRACT: The surprising growth of the old-age population and the need of social policies to face the problem in an effective and positive way have led people to propose actions capable of overcoming difficulties and at the same time liable to be absorbed by society in general. Along these lines, committed to programs devised for fostering changes in society, I have held the office of Coordinator of the Program *UNESP Open to the Third Age* since 1994. In charge of such an office, I planned to develop that program in two phases. Firstly, to motivate and persuade old people to participate in short-term activities so that they could see the campus as an adequate place to their activities. Secondly, analysis of their participation in such activities helped us to devise a graded-activity program meant to meet the needs, interests and expectations of old people. The Senior College Program devised for old people offered them courses and/or workshops whose purpose was the fostering of knowledge improvement and the exploring of their potentialities. Well-grounded and fitted out, old people can think about their role in society. In that respect, the teaching staffs of all the courses of our college developed an interdisciplinary work to meet the interests and needs of old people emphasizing the principles of Continuing Education. Such a work led us to the following conclusion: the meeting of our target group's needs and interests in a culturally varied milieu is likely to develop new relating approaches and encourages old people to face old age in a positive way, helping them to grow older with ease and fulfillment.

Keywords: Continuing education; third age; citizenship; Community Psychology; old age and growing older.



MARTINS, E. J. S. *En retornant à l'école: en investissant dans une Proposition d'Université Ouverte à la Troisième Âge*. Marília, 1997, 236p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília da Universidade Estadual Paulista.

RÉSUMÉ: En considérant la croissance surprise de la population plus âgée et la nécessité de mesures définies à l'implantation de sociales vers cette question, de mobilisations de plusieurs natures sont en train de se réaliser avec le but de proposer des actions qui puissent contribuer à la problématique qui tel fait vient provoquer, soit absorbée par la société en général. Dans ce sens là, en tant que des professionnels compromissés à un projet collectif de transformation de la société, j'ai développé un travail comme coordinateur du Programme *UNESP Ouverte à la Troisième Âge*, à la FCL d'Assis, dès 1994. D'accord cette coordination, j'ai décidé de développer ce Programme en deux phases. D'abord, pour motiver les plus âgés, en leur offrant des activités de courte durée puisqu'ils puissent reconnaître le campus comme un espace favorable à leurs activités. Seconde, l'analyse de leur participation dans ces activités, nous a fourni des subsides pour la programmation graduelle d'activités qui, mise en relief les intérêts et les attentes du public-visé. Le but de cela c'est centralisé dans la concrétisation de l'Université Senior: cours et/ou atelier d'actualisation de connaissances et d'exploration de potentialités. Fondamenté et fixé, par que l'individu puisse réfléchir sur son participation dans la société. A cause de cela, les activités développées, à travers un travail interdisciplinaire intégré, qui priorise les principes de l'Éducation Continué, avec de l'emphase: quand ils se contempler les volontés du public-visé, dans un milieu diversifié de culture, il est possible engendrer des nouvelles formes de relacionement, stimulées dans les groupes de référence composées par des gens avec des intérêts en commun, vers les efforts d'une vision positive de vieillesse et d'une façon de favoriser le processus de vieillissement de ceux qui se bénéficient des opportunités éducatives offertes.

Mots-clés: Éducation Continué; troisième âge; citoyenneté; Psychologie Communautaire; vieillesse et vieillissement.



ÍNDICE

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS	11
I - APRESENTAÇÃO	12
II - SOBRE O ENVELHECIMENTO E A VELHICE	18
III - O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA: DADOS, CARAC- TERÍSTICAS E POLÍTICAS DE AÇÃO	42
IV - O ESTADO DE SÃO PAULO: POLÍTICAS DE ATENDIMENTO A IDOSOS	59
V - O NÚCLEO DO IDOSO DE ASSIS	70
VI - METODOLOGIA	95
VII - O PROGRAMA UNESP ABERTA À TERCEIRA IDADE	104
1 - Os subsídios teórico-práticos da Proposta	106
2 - Colocando a Proposta em prática	124
3 - Explicitando os desejos, as expectativas, os interesses e as ne- cessidades da clientela	140
4 - Explorando a aceitação da forma de funcionamento do Programa	152
5 - A Divulgação constante e persistente como uma estratégia de disseminação da idéia	158
6 - A avaliação e o significado do Programa para os participantes	164
VIII-CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
IX - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	212
X - ANEXOS	221

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 - Distribuição da população sexagenária, no Estado de São Paulo, por domicílio	60
Gráfico 2 - Distribuição da população sexagenária, no Estado de São Paulo, por sexo e domicílio	61
Gráfico 3 - Distribuição da população sexagenária analfabeta, no Estado de São Paulo, por sexo e domicílio	61
Tabela 1 - Frequência dos níveis de cada item que caracteriza o perfil do associado masculino do Núcleo do Idoso de Assis	79
Tabela 2 - Frequência dos níveis de cada item que caracteriza o perfil do associado feminino do Núcleo do Idoso de Assis	80
Tabela 3 - Caracterização dos sujeitos por idade, sexo e estado civil.....	142
Tabela 4 - Caracterização dos sujeitos por idade, sexo e escolaridade.....	143
Tabela 5 - Caracterização dos sujeitos por idade, sexo e estado civil.....	166
Tabela 6 - Caracterização dos sujeitos por idade, sexo e escolaridade.....	167



I

APRESENTAÇÃO

Acreditamos ser importante registrar aqui o surgimento do nosso interesse a respeito da chamada **terceira idade**. Em 1990, quando ministrávamos a disciplina Psicologia Social no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, ao orientarmos trabalho prático num dos postos de atendimento à saúde do Município, deparamo-nos com a questão da hipertensão expressivamente representada em uma clientela feminina, composta na sua maioria por donas de casa com idade superior a 45 anos. Este fato, até esperado porque confirma dados sobre o perfil do hipertenso, nos fez refletir que as pessoas podem estar se aproximando de um envelhecimento precoce quando acometidas de disfunções orgânicas muitas vezes provocadas por causas emocionais.

Como profissional e pesquisadora que procura estar atuante na prática social, nos dois anos seguintes oferecemos estágio neste posto de atendimento à saúde, ocasião em que procuramos assegurar não só a formação do aluno de Psicologia como participante da realidade social, mas também proporcionar às pessoas, usuárias dos serviços oferecidos no local, o contato com a prática daquele que, no relacionamento com o outro, deve saber ouvir e fazer a leitura correta dos conteúdos emergentes - o psicólogo.

Paralelamente, estava se formando na cidade uma associação voltada para a terceira idade - o Núcleo do Idoso de Assis. Começamos a frequentar as suas reuniões e, mesmo que num primeiro momento não soubéssemos ao certo onde poderia nos levar aquela inserção, hoje temos consciência de que aquele estudo, aqui apresentado resumido, foi muito importante para o nosso próprio crescimento pessoal e profissional, além de nos oferecer subsídios à pesquisa na área. Ainda, a restituição dos resultados de tal trabalho à própria população pesquisada ou, pelo menos, àqueles que norteiam as políticas de



ação voltadas à terceira idade em Assis, poderiam estar servindo como ponto de reflexão para orientar novas práticas direcionadas a esta faixa etária especificamente.

Muito mais importante do que cumprir uma exigência formal, que é transformar toda uma experiência de trabalho num relato científico, é vivenciar os ditames de uma profissão em prol da saúde física e psíquica daqueles para os quais dirigimos os nossos esforços quando, por exemplo, o recurso do olhar científico muitas vezes é deixado de lado, face à sabedoria popular da clientela. E é isso que provoca o crescimento - tanto do profissional, quanto do outro - saber captar na comunidade a sabedoria, o senso comum e a episteme contidos nas manifestações populares. Aí reside a prática do profissional verdadeiramente envolvido com os desejos, as necessidades e as expectativas da população.

Enquanto participante, como associada e pesquisadora do Núcleo Regional do Idoso de Assis e, enquanto professora universitária que tem como uma de suas atribuições a prestação de serviços à comunidade, engajamo-nos também na assessoria à Secretaria da Ação e Desenvolvimento Social do nosso Município naquilo que era de sua responsabilidade e competência com relação ao cidadão idoso. O interesse, cada vez maior pela questão, levou-nos a participar, em 1993, do I Encontro de Universidades Abertas à Terceira Idade, promovido pelo Conselho Estadual do Idoso de São Paulo, em Bertioxa (SP). Novos horizontes se abriram então, ao percebermos que muito a Universidade poderia contribuir, se encampasse uma proposta de trabalho dirigida ao idoso sob uma determinada perspectiva e que tivesse, como princípio norteador, o oferecimento de atividades voltadas para a promoção da educação, em caráter permanente, para todos aqueles que quisessem se informar e

formar no contato com uma instituição de ensino superior. O entusiasmo por esta nova possibilidade de trabalho nos fez promover, ao final daquele ano, em conjunto com a Secretaria de Ação e Desenvolvimento Social e o Núcleo Regional do Idoso de Assis e, com o apoio do Fundo Social de Solidariedade do Município, o 1º Encontro de Assis e Região - "*Universidade Aberta à Terceira Idade: Experiências e Projetos*", oportunidade em que não só foram discutidos temas relacionados ao envelhecimento e a uma vida saudável nesta fase, com a participação de especialistas no assunto, mas quando também foram apresentados os projetos de universidades abertas à terceira idade da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP) e da Universidade Metodista de Piracicaba (SP), instituições consideradas pioneiras neste serviço no Estado de São Paulo, e que para nós, naquele momento, eram modelos que poderiam nortear um futuro trabalho na nossa cidade. Este Encontro teve uma repercussão muito grande, até porque para dele participar vieram pessoas - leigos (idosos ou não) e profissionais de diferentes áreas - de Assis e de toda a região mais próxima, demonstrando que a preocupação pela questão é um compromisso da sociedade como um todo. A semente estava plantada. Fazê-la germinar era a nossa tarefa dali por diante.

Se temos como pressuposto que "... qualquer homem, independentemente de sua idade, é livre para fazer opções, para aderir ... é um ser de consciência, é um ser capaz de se distanciar do mundo em que vive, de pensar sobre esse mundo, de pensar sobre si, de pensar sobre os outros..." (Washington, 1980:13), todos podem aprender, não importando a idade, desde que lhes sejam oferecidas as oportunidades. No caso do idoso, o caminho a ser percorrido neste processo está exatamente em se levar em conta toda a bagagem social, cultural e histórica, resumo de uma vida inteira, e importarmo-nos,

nós profissionais, no quanto isso tem de pedagógico a nortear as nossas ações dirigidas a ele.

Uma vez assentada sob o tripé - docência, pesquisa e extensão - uma Universidade que se constrói e se desenvolve pelo trabalho de todos os seus profissionais, e que tem como fim em si mesma a geração e a difusão do conhecimento, não pode se manter alheia a questões que vêm mobilizando cada vez mais profissionais de diferentes áreas. Foi assim que ao fim do ano de 1993, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual Paulista/UNESP, também sensibilizada e atenta à questão do idoso, elaborou o Projeto Universidade Senior tendo-o encaminhado a todas as suas unidades. Foi em função do nosso envolvimento com a terceira idade, já há algum tempo, que fomos convidados a coordenar os trabalhos no Câmpus de Assis. Implantar a proposta na nossa Unidade, fazê-la desenvolver-se e procurar demonstrar o quanto isto pode contribuir para o resgate da auto-estima e da confiança em si mesmo do idoso, é o que iremos relatar neste trabalho. Esperamos, com este estudo, que não se resume ao relato formal do que a tese representa, mas a toda uma experiência que envolve, inclusive, uma avaliação do trabalho desenvolvido até então, podermos contribuir para que a reflexão sobre formas alternativas de atendimento ao idoso sejam incorporadas pela sociedade de modo geral, e nós, enquanto profissionais de uma universidade, cumprimos o dever de fazer com que esta idéia se transforme em realidade concreta.

Assumir um projeto que englobe a nossa própria formação e crescimento, enquanto profissionais e cidadãos, é fazer com que nossa ação seja revestida de um compromisso individual e coletivo que implica, inclusive, em deixarmos transparecer não só os nossos afetos, mas também as nossas



limitações, propiciando que o sentimento de iguais seja realmente vivido entre iguais, e a proximidade seja favorecida pelo diálogo para que sejamos, todos, sujeitos que caminham juntos para a construção de uma mesma história. É isto que tentamos, todos os envolvidos no Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, fazer, pois como salienta Mello (1994:37)

A relação profunda e verdadeira, diferente de uma relação programada, mecânica, contém um grande aprendizado que não se esgota, pois vem do fundo da alma, impregnado de emoções.

SOBRE O ENVELHECIMENTO
E A VELHICE



II

SOBRE O ENVELHECIMENTO E A VELHICE

Observa-se, nos últimos anos, uma crescente preocupação por parte de vários segmentos da sociedade, com a condição social dos indivíduos que estão envelhecendo. Esta preocupação vincula-se ao significativo crescimento da população idosa que, em termos percentuais, se expressa tanto nos países desenvolvidos, quanto nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento - os considerados 'países jovens'. Este fato pode ser explicado pelo progresso dos recursos científicos e tecnológicos que, colocados à disposição da população, contribuem para aumentar a média de vida (previsível) dos cidadãos.

Paralelamente, pesquisadores já trabalham com a hipótese da longevidade, ao mesmo tempo que se preparam para criar uma geração que comemore o meio da vida aos 70 anos. É nesta direção que, ano após ano, as pesquisas sobre a(s) causa(s) do envelhecimento vêm se intensificando cada vez mais, chegando tanto à provável descoberta do gene associado ao envelhecimento, quanto a testagens de vitaminas que, funcionando como sinalizadoras, podem retardar o processo, além de medicamentos revolucionários que previnem e até curam algumas doenças típicas desta fase da vida. Se hoje a pessoa morre quando atinge o seu limite genético¹ (segundo aqueles que acreditam no código genético como o delimitador da vida), estando este por volta dos 85 anos, os estudos que investem no retardamento das causas do envelhecimento, estimam a vida máxima do homem entre 135 e 137 anos (hoje presume-se que ela se encontra ao redor dos 115 anos²). Entretanto, mesmo

¹ Estudos desenvolvidos nos EUA, ao isolarem um dos genes (Age 1) atuantes no cérebro, descobriram que o mesmo altera o tempo de vida dos animais, inclusive dos humanos, o que pode indicar que o tempo biológico já estaria determinado antes do nascimento. Os próximos passos da pesquisa estão centralizados em investigar se esse gene também atua no processo de envelhecimento humano, uma vez ter sido detectado que os organismos sem ele vivem duas vezes mais que os outros que o têm.

² Neri (1995a) aponta ser esta uma visão otimista do futuro da velhice, incentivada princi-

com todos os estudos que, relacionados ao entendimento do processo de envelhecimento, se destinam à melhoria da qualidade de vida, a sociedade, de modo geral, não se acha suficientemente preparada e capacitada para receber e atender esse contingente populacional. É por esta razão que vários setores e estudiosos do assunto estão, cada vez mais, dispensando uma maior atenção a esta fase considerada ainda por muitos como a final do desenvolvimento humano.

Mesmo que esteja comprovado cientificamente existirem mudanças físicas que implicam na diminuição de certas capacidades, pesquisas mostram que "... as diferenças individuais no ritmo de declínio em todas áreas são acentuadas e parecem estar relacionadas tanto com a saúde física quanto com a quantidade de atividade e estabilidade emocional" (Bee, 1977:293). Isto posto, confirma a tese de que aquela pessoa idosa que conseguiu resolver de modo satisfatório e sem arrependimentos os conflitos pelos quais passou na sua trajetória de vida, certamente terá mais chances de uma velhice com saúde, feliz e produtiva. Do contrário, poderá ser um ser amargurado, tendo o rancor e o desespero como companhias. É com esta perspectiva que a Psicologia vem tentando trabalhar as questões relacionadas ao desenvolvimento e envelhecimento, até porque, segundo Bianchi (1993:56), o "... fator idade está sempre presente, pela simples razão de que não existe nenhuma idade que escape à preocupação com *"ficar mais velho"*. Sua argumentação, enquanto terapeuta clínico, é a de que a angústia gerada pelo fato - ficar mais velho - não parece depender exclusivamente da idade cronológica, uma vez que existem pessoas

palmente pela pesquisa médica em Gerontologia que, ao investir nas noções de melhoria das condições de vida do idoso procura a desaceleração do processo patológico normal até o limite de longevidade do ser humano, "... definido hoje como 90 anos, com um desvio padrão de 10 a 15 anos" (p.9).

que se entregam, ainda jovens, a um processo de envelhecimento psíquico, sendo até fator de *stress* o medo de envelhecer, uma vez que este pode representar a solidão e o isolamento, enquanto outras, pessoas idosas, se mostram menos angustiadas em relação ao próprio envelhecimento.

Segundo Paiva (1986), a vivência positiva ou negativa da velhice depende das relações que o idoso estabeleceu com as experiências ambientais, culturais e históricas ao longo de sua vida as quais, por sua vez, contribuirão para a modelagem de seu autoconceito - a percepção e avaliação de si próprio. Por outro lado, as tensões experimentadas, principalmente pelo homem durante a participação no mundo do trabalho, podem também repercutir no seu ajustamento ou desajustamento social na velhice, estando atribuído ao *stress* a que esteve exposto uma das prováveis causas que explicam o fato de viver menos do que a mulher. Desta forma, se "... a velhice pode ser definida como um conjunto de modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas que se observam no ser humano por volta dos 60 anos em diante", identificadas num *continuum*, "... tal processo pressupõe perdas e ganhos: "modificar" significa perder alguma coisa, substituindo-a por outra ... Assim, na velhice, as modificações, os funcionamentos emergentes (os ganhos) são em geral mais limitados, mais precários que os perdidos" (Prates da Silveira e Silva Bento, 1982:134). E em razão de terem perdurado, por muito tempo, noções associadas apenas a limitações e deficiências nos anos da velhice, esta fase tem sido encarada como um período da vida atípico, extraordinário, deficitário e pouco produtivo, colaborando também, para esta visão, a atribuição de causalidade a alguns eventos e/ou normas sociais (como por exemplo, a aposentadoria) no momento em que eles são relacionados à incapacitação e à desintegração do ser humano que envelhece. (Paiva, 1986)

Pesquisas sobre o envelhecimento e as várias fases da idade adulta são relativamente recentes. Consideradas incipientes nas primeiras décadas deste século, foi a partir dos anos 50³ que se assiste à explosão de trabalhos científicos sobre o envelhecimento, ganhando força e se firmando nos anos 70 e hoje, em todas as áreas, estão em franca expansão, revelando a preocupação gerada pelo acelerado aumento de sexagenários no mundo todo. E, certamente, o princípio de que o desenvolvimento se processa ao longo de toda a vida do ser humano veio para revolucionar a idéia daqueles que acreditavam a psique estabelecida já na infância e adolescência. Dentre os estudiosos que contribuíram para redirecionar a psicologia do desenvolvimento abrangendo todo o ciclo de vida, destaca-se Erik Erikson. Sua maior contribuição neste campo está exatamente em apontar que o desenvolvimento psicológico do indivíduo adulto se processa num *continuum* de estágios⁴, sendo cada um deles "... caracterizado por um padrão de mudança do ego, que é resultante da interação entre valores individuais e as forças sociais. Essa dicotomia entre o individual e o social provoca uma crise, pois o ego deve manter sua identidade ao mesmo tempo que deve responder de maneira satisfatória às exigências sociais" (Cória-Sabini, 1993:107). Ora, a busca de respostas novas, anteriormente inexistentes no repertório do indivíduo, faz com que os mecanismos adapta-

³ Neri (1995b) destaca que o ... *alheamento dos cientistas em relação à velhice deveu-se à que na ocasião em que as sociedades produziam conhecimento científico sobre o desenvolvimento, experimentava-se grandes progressos na qualidade de vida de suas populações graças ao progresso da medicina, à crescente urbanização e à melhoria dos cenários de trabalho, o que os levou a colocar a ciência a serviço dos ideais dominantes de progresso, aos quais a perspectiva de ganhos decorrentes do potencial de crescimento da infância, como decorrência da diminuição da mortalidade infantil e a conseqüente melhora significativa na expectativa de vida, ajustava-se como uma luva* (p.17).

⁴ Segundo Neri (1995b:20) foi Charlotte Buhler a precursora da perspectiva de desenvolvimento como um processo ao longo da vida humana ao publicar, em 1935, os resultados da análise baseada numa linha de investigação clínica, de 300 autobiografias de homens adultos e concluir que *existe uma seqüência regular nos eventos e experiências na vida adulta*.

tivos do ego sejam acionados e, neste sentido, provocam sempre uma direção. Esta direção, por sua vez, dependerá do grau de ajustamento e amadurecimento da pessoa. É assim que, ao identificar várias fases de desenvolvimento psicossocial ao longo da vida - do nascimento à idade adulta - Erikson ancora sua teoria nas exigências opostas que o indivíduo tem que equilibrar e integrar. Das crises e conflitos conseqüentes, emerge a capacidade em estar lidando com as opções em direção a um desenvolvimento emocional saudável ou não, o que significa que a possibilidade de reestruturações, modificações e reintegrações da personalidade são indícios de que o crescimento psicológico nunca cessa. Outros estudiosos do assunto identificam o curso da vida em períodos seqüenciais de desenvolvimento. Nesta premissa, o ciclo da vida estaria dividido numa série de períodos que duram, cada um, de vinte a vinte e cinco anos aproximadamente. A fase da maturidade avançada seria o quarto período, indo do início dos 60 ao início dos 80 anos, que é quando começa o afastamento social, uma vez que não se tem grandes responsabilidades e nem tampouco a obrigação de realizar o trabalho que se fazia antes, mas que, entretanto, pode levar ao risco da pessoa se tornar irrelevante para a sociedade, mesmo que ela esteja em constante desenvolvimento e com maior possibilidade de gozar a vida.⁵

Contrariando esta vertente, existem teóricos que não demarcam o ciclo da vida em estágios. Segundo Cória-Sabini (1993), a argumentação deste outro ponto de vista baseia-se em alguns aspectos, os quais compreendem não só o ritmo dos acontecimentos da vida, mas também as tarefas so-

⁵ Paiva (1986) aponta que, ao contrário de estudos desenvolvidos nos EUA que procuram caracterizar e enaltecer a velhice como os melhores anos da vida, por conta das desobrigações sociais e do tempo livre do idoso, outros estudiosos revelam que tais idéias servem de consolo e de negação dos aspectos negativos desta fase.

ciais, os problemas e as preocupações - que não são exclusivos de uma determinada faixa etária - e, por fim, as mudanças interiores, que são contínuas e refletem a representação de mundo que cada indivíduo tem. Neste sentido, a noção de continuidade do desenvolvimento ganha força se ele é entendido como decorrente das interações que o indivíduo estabelece, num processo de influência contínua e recíproca com o meio social, fazendo com que "... o adulto seja construtor da sua dimensão de tempo e de espaço ... presente e passado constituem uma realidade psicológica, que é organizada a partir de diferentes sistemas de valores. Segue-se, daí, que descrever a existência como uma seqüência de períodos claramente demarcados é um jeito de prejudicar a idéia da vida, como se ela fosse um conjunto de interações que obedecem a um certo número de normas e padrões" (p.113). Nesta premissa, crescimento e desenvolvimento não são sinônimos. Uma vez que muitos aspectos da natureza humana continuam a se desenvolver através de todo o ciclo vital, num processo que engloba tanto o crescimento quanto a involução, esta última é típica do fim da vida, que é quando se dá a instalação da senescência biológica - o ficar velho fisicamente, quando há um declínio físico e mental gradual, diferentemente do processo de senilidade em que as desorganizações mentais ocorrem concomitantemente ao declínio físico de forma acelerada.⁶

⁶ Entretanto, deve-se esclarecer aqui que a perda de algumas funções intelectuais, dentre elas a memória, caracterizando um processo de demência, pode ser consequência do Mal de Alzheimer que é quando ocorre a degeneração gradual dos neurônios. Segundo cientistas norte-americanos, os idosos podem ser classificados em três grupos: os que ficam lúcidos até os 90 anos, os que têm alguma perda relacionada ao funcionamento do cérebro e os que sofrem do Mal de Alzheimer. Salientam, entretanto, que se há boas condições de saúde permeando o processo de envelhecimento do indivíduo e exercícios que estimulam outras áreas do cérebro que não as normalmente utilizadas, as perdas não são tão graves. Além disso, o desenvolvimento de testes por cientistas norte-americanos, que distinguem entre as células do corpo humano, as velhas das jovens, caminham para a criação de drogas que podem estar retardando o envelhecimento e melhorando a qualidade dos últimos quinze ou vinte anos de vida, época de ocorrência de doenças degenerativas, como o Mal de Alzheimer.

Muitas das representações sobre velhice e envelhecimento, perpetuadas através dos anos por diferentes discursos e em vários segmentos, devem-se também às noções difundidas pelo saber médico, mais especificamente pela Geriatria e Gerontologia. Segundo Haddad (1986), em nome do cientificismo, em nome da palavra estar com a "ciência", muitas das intenções destas vertentes objetivaram traçar o perfil do idoso para *programar-lhe o modo de ser* e para propor e executar ações voltadas a ele. É também da Gerontologia o termo *Terceira Idade*⁷ para o "último" estágio da vida do ser humano, tendo sido logo aceito e incorporado, a par de muitas outras noções que fundamentaram o processo de envelhecimento sob uma determinada ótica, muitas vezes centralizadas na classe média que, funcionando como pólo irradiador de situações e opiniões, propicia que elas sejam incorporadas por outras classes e situações de classe. (Magalhães, 1989:69) Muitas das caracterizações sobre a velhice no ideário médico oscilam ora entre identificá-la simplesmente como uma fase puramente cronológica, ora como um momento da vida como tantos outros, ora como tendo realmente características biológicas específicas, não devendo, neste caso, ser confundida com doença, e muito menos ser considerada como a fase de "... perda dos ideais da juventude, a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, o humor irritadiço, a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho" (Ávila, 1978:25), o que, na opinião de Haddad (op. cit.), denuncia o caráter da produção social da velhice por apelar ao subjetivismo e ao idealismo. Neste sentido, as generalizações ligadas à seletividade da capacidade intelectual de quem envelhece também devem ser vistas com cautela, pois "... numa

⁷ Há quem alerte para o uso indiscriminado dessa expressão, principalmente se ela acoberta a exclusão e a integração social do ser humano e coloca, sob o mesmo jargão, homens e mulheres na maturidade e na velhice.

sociedade de classes, alicerçada na divisão social do trabalho, a poucos é reservado o privilégio do exercício de atividades intelectuais que lhes garanta, por extensão, esse privilégio na velhice. Generalizar para a velhice o que pode ser vivido por apenas uma minoria de velhos é avançar o *sinal vermelho* da ciência" (Haddad, op. cit.:29) e perpetuar a ideologia a-histórica do saber médico sobre a velhice.

Neri (1989b, 1990), em revisão de literatura sobre atitudes em relação à velhice, aponta que, embora tenham sido desenvolvidos vários estudos visando captar as variáveis individuais de natureza psicológica e sociológica, abrangendo itens como idade, sexo, classe social, escolaridade, profissão, principalmente a partir dos anos 50, muitos deles carecem de coerência metodológica e conceitual. Isso denuncia que muitas interpretações feitas a partir dos dados coletados estão contaminadas pela utilização distorcida e indiscriminada de termos e pela escolha e confecção equivocada de instrumentos de medida, gerando resultados confusos, mas que, mesmo assim, e sem uma avaliação mais apurada, acabou por se incorporar ao repertório gerontológico. Neste sentido, alerta a pesquisadora, basear-se em pesquisas que não desenvolveram uma teorização adequada aos seus propósitos, o que, conseqüentemente, reflete-se na inconsistência dos conteúdos dos instrumentos de pesquisa, é forçar um processo de 'supergeneralização' provocado pelo mascaramento das questões específicas. Além disso, continua ela, nortear-se (e com atraso!) por conhecimentos produzidos externamente só colabora para fazer com que a Gerontologia brasileira caminhe a passos lentos e pautada por "práticas ideologizadas" pelo modelo geriátrico que tendem a ver a velhice como doença e, portanto, necessitando das "providências e proteção da sociedade e do Estado". Nos últimos anos, entretanto, e como reflexo das cobranças da sociedade de

uma nova ordem social em relação à velhice, vem se estabelecendo na área, na opinião da pesquisadora, uma "saudável crítica interna" que, a par das necessidades sobre o envelhecimento no nosso país, está evoluindo para um estado de aceitação geral na reversão do processo de negação do espaço social do idoso.

E mesmo que ainda permaneçam noções que respaldam e direcionam ações voltadas para os idosos, e para quem está envelhecendo, calcadas no ideário geriátrico/gerontológico que, moldado sob uma determinada ordem legitimadora de um discurso naturalista sobre o corpo, segundo Neri (1995a), a postura científica emergente sobre desenvolvimento / envelhecimento que expressa a crença no desenvolvimento comportar tanto ganhos quanto perdas, e não somente perdas e limitações associadas à idade avançada, vem procurando difundir a idéia da possibilidade de manutenção e aprimoramento da funcionalidade nas áreas física, cognitiva e afetiva. Nesta direção, "... dominar o segredo da arte de viver, julgar com precisão, aconselhar em decisões que envolvem as incertezas da vida é algo que está reservado especificamente aos idosos (muito embora a idade em si própria não garanta o alcance de altos níveis de sabedoria por todos os indivíduos)" (p.7). Ora, se entendemos o desenvolvimento se processando ao longo de toda a vida do ser humano, implicando não só em ganhos mas também em perdas, esta dupla face que o caracteriza pode ser um indicador no tratamento da questão da velhice, uma vez que "... o envelhecimento pode envolver avanços selecionados, que pode ser otimizado se os indivíduos e a sociedade forem capazes e tiverem disponibilidade para investir mais recursos na geração de uma cultura positiva de velhice" (Neri, 1995b:11).

Desta forma, se o envelhecimento é entendido como um processo, o estado da velhice, do ponto de vista psicológico, pode se instalar

quando os indivíduos têm rebaixada a sua auto-estima, por não lhe serem asseguradas as oportunidades para que possam expressar livremente todo o seu potencial prazeroso, principalmente se são enquadrados no preconceituoso *estágio marginal* da vida. Estudos e pesquisas têm indicado que o isolamento do apoio social pode gerar situações de risco com relação a problemas físicos e mentais. Mesmo que seja a fase da vida em que se acredita ter-se todo o tempo disponível, uma vez que não existem mais os compromissos, nem tampouco as responsabilidades, ela tem, porém, os seus complicadores quando, por exemplo, a falta de um planejamento - o que fazer com este tempo disponível - e a ociosidade acabam provocando comportamentos, que podem comprometer a saúde mental do indivíduo.

É assim que se vem percebendo, em nível global, mobilizações, em vários âmbitos, dirigidas a propor uma convivência saudável com a questão do envelhecimento. A própria Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu que tal fato pode trazer consequências imprevisíveis, principalmente quando não se tem programas preventivos e adequados ao atendimento não só da população idosa que, presumivelmente, viverá mais, mas também daquela que está envelhecendo e que, se se confirmarem as projeções, será mais numerosa que a atual. Essa organização também passou a designar o período de 1975 até 2025 como a Era do Envelhecimento, tendo sido o ano de 1982 instituído como o Ano Internacional do Idoso. Por conta de todas estas questões, em 1982, representantes de 56 países, reunidos em Assembléia Mundial em Viena, traçaram o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento. A diretriz norteadora dos trabalhos foi a idéia de ser a vida significativa, se na velhice são atendidos aspectos fundamentais relacionados à cidadania, como a saúde, a moradia, o trabalho e o bem-estar que, com certeza,

resumem o conjunto de prioridades em direção a uma vida digna e a um envelhecimento bem sucedido. Para a implementação salutar destas medidas e considerando não só os interesses gerais mas também os aspectos particulares norteados a segmentos específicos, há que se ter a parceria eficaz do Estado e da sociedade civil na caracterização de uma política de envelhecimento consciente e dirigida às reais necessidades dos cidadãos.

Quando se admite a velhice como *categoria social*⁸, está se considerando o idoso como constituinte de um grupo social discriminado e marginalizado, em consequência das generalizações e estereótipos perpetuados pela sociedade que lhe retira a própria individualidade, sendo que, muitas vezes, ele é condenado ao silêncio e à reclusão em função da intolerância, discriminação e segregação impostas pelos padrões produzidos pelas condições econômicas e culturais (veja-se, por exemplo, o grande número de idosos que têm família e que vivem em asilos e/ou casas de repouso). Mesmo que se pense neles como os indivíduos de 60 anos ou mais, é muito discutível o conceito de idoso estando, como já apontado anteriormente, muitas vezes associadas ao envelhecimento, características psicológicas, independentemente da idade cronológica. É assim que, enquanto alguns se entregam prematuramente a um sentimento de marginalidade como consequência da idade, outros, entretanto, resistem às marcas físicas da velhice quando persistem em sentirem-se (e mostrarem-se) jovens, seja adequando-se aos novos comportamentos, seja mascarando as marcas do tempo numa atitude de desconhecimento (voluntária tal-

⁸ Magalhães (op.cit.) aponta que a questão social da velhice é consequência da ... *expansão das classes trabalhadoras assalariadas e desprovidas, fazendo com que o idoso, antes circunscrito ao meio familiar e ao âmbito da assistência religiosa, seja transformado em questão pública a exigir a ação institucionalizada do Estado e da Sociedade Civil* (p.15-6), uma vez que ... *a instituição social familiar reproduz o modelo social vigente, sob o aspecto biológico, da força de trabalho direta ou indiretamente produtiva* (p.71).

vez?) da face *perversa* da velhice e na procura da vivência da juventude como se esta fosse eterna. Neste raciocínio, cada um tem a idade que julga ter, a qual muitas vezes, na opinião de Magalhães (1989:107), reflete "... uma imagem triste que fere nossa sensibilidade e que aliena o idoso, na busca burlesca de um tempo irrecuperável", e/ou aquela que a sociedade lhe confere, e esta, quase sempre preconceituosamente, acaba impondo estereótipos negativos que vão colaborar para influenciar opiniões sobre os idosos, como por exemplo, o de que "... toda pessoa idosa esquece ou não aprende fatos novos, ouve mal, constitui-se um estímulo sexual aversivo, não tem capacidade para o trabalho ou é muito lenta" (Paiva, 1986:19).

Na nossa sociedade, onde privilegia-se a produção e o reconhecimento dos indivíduos engajados em atividades profissionais, o idoso, geralmente, acaba não se enquadrando nesses moldes socialmente valorizados e, muitas vezes, ele se vê marginalizado não só pelo grupo mais próximo, como também pela sociedade mais abrangente, o que pode contribuir para a perda de sua autonomia. Os jovens, de modo geral, ao verem os idosos apenas como pessoas no fim da vida⁹, reflexo da postura moldada de tolerância aos velhos, colaboram para que seja perpetuado o distanciamento intergeracional uma vez que, ao não se fomentar o diálogo, o estranhamento e a distância na comunicação se instalam. As forças culturais, ao incutirem que a velhice é sinônimo de deterioração, dependência e abandono, faz com que o meio social desvalorize a chamada *terceira idade*, pois ao relegar os idosos a papéis não produtivos dentro da comunidade pode estar provocando um processo de envelhecimento

⁹ Revisão de literatura sobre estudos de atitudes de adolescentes e jovens em relação ao idoso, realizada por Neri (1989b), ... *sugere fortemente que predomina uma visão negativa*, embora "adultos mais jovens" sejam vistos de modo mais positivo do que "adultos mais velhos", além de outros estudos terem evidenciado nos jovens também percepções neutras e até positivas em relação ao idoso.

precoce¹⁰, principalmente se ele (o idoso) é estimulado a perder o interesse em se manter em atividade, o que, certamente contribuirá para que o contato com o ambiente social se torne mais escasso. Assim, situa-se um modelo de ser humano que pode ser localizado nos homens e mulheres que não os da elite urbana, até porque estes dispõem de meios de preservação das condições de vida em direção a um envelhecimento saudável, mas nos representantes das camadas médias e nos trabalhadores de baixa renda¹¹. E, neste processo, a sociedade está construindo a imagem do envelhecimento social baseada em fatores sócio-econômicos, e localizada em determinado padrão de homem - envelhecimento este que pode levar à morte social, acentuada pela redução da sociabilidade provocada não só pelas perdas biológicas, mas também por ocorrências outras, como por exemplo, a morte dos parentes mais próximos.

O envelhecimento social é um processo freqüentemente lento que leva à progressiva perda de contatos sociais gratificantes. É um processo que se inicia em algum momento da vida de um dado ser humano, acentua-se em diferentes ocasiões e, através de avanços e recuos nem sempre precisos, pode levar à chamada "morte" social. O envelhecimento social, como resultado de uma série de ocorrências por vezes alheias à vontade dos que nela estão envolvidos é o caminho percorrido em direção à morte social e esta é o total isolamento,

¹⁰ Ainda, de acordo com Magalhães (1989:103), são nos extratos mais pobres da população que estão as imagens mais cruéis do envelhecimento: idosos abandonados, dementes e/ou delinquentes senis, sem proventos e assistência, muitos internados em asilos, abrigos, hospitais e/ou colônias psiquiátricas.

¹¹ Segundo Magalhães (op. cit.:15) ... em cada sociedade e na mesma sociedade, em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidade, papéis e significados distintos em função do meio ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo de vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte.

a completa ausência de relacionamentos interpessoais; é a impossibilidade ou a perda da capacidade de estabelecer relações significativas com outros seres humanos (Motta, 1989:16).

As mudanças físicas, definidas durante todo o ciclo vital, acarretam, por conta de representações preconceituosas da sociedade, processos desencadeantes de perda dos papéis sociais, papéis estes responsáveis pela manutenção da auto-estima e da imagem do idoso na sociedade. Que mudanças inevitáveis ocorrem na velhice, é inegável, até porque o processo do envelhecimento biológico é geneticamente programado. O embranquecimento dos cabelos, o surgimento das rugas, a diminuição gradativa da audição e da visão e, comumente, a perda da memória¹², são marcas que, dentre outras, muitas vezes identificam a pessoa nesta fase da vida. O que se questiona é porque, por conta destes aspectos, a sociedade, como num círculo vicioso, contribui para criar e manter o estereótipo negativo, ora hostil ora indiferente, a respeito dos idosos. *De um modo geral, parece existir um incômodo muito grande em se lidar com a velhice. De que servem (então) as pesquisas e o avanço das ciências no sentido de prolongar a vida, se o homem não sabe o que fazer dos*

¹² Pesquisas desenvolvidas nos EUA sobre a fisiologia da perda da memória utilizam o condicionamento clássico da resposta da pálpebra. Traçando paralelos entre seres humanos e coelhos em processo de envelhecimento, visam chegar ao entendimento do que muda na memória com a velhice a fim de que se possa intervir, farmacológica ou cirurgicamente, em direção ao seu aprimoramento e, quem sabe, ao desenvolvimento de uma pílula a ser usada por todos, no futuro, para melhorar o próprio desempenho. Da mesma forma, os estudos que utilizam técnicas comportamentais para aprimorar algumas capacidades cognitivas, e/ou suprir deficiências, demonstram que as mudanças ocasionadas pela perda da memória em consequência do declínio mental que ocorre com o envelhecimento, podem ser minimizadas com o treinamento educacional adequado, com atividades e estimulação mental constantes, tendo como suporte o trabalho intelectual, ou outros interesses, na melhoria do desempenho dos idosos nas várias tarefas do cotidiano. Pesquisa longitudinal desenvolvida por psicólogos nos EUA durante 38 anos, acompanhando um grupo de 5000 pessoas, corrobora estas orientações.

anciãos ? ... É provável que o velho esteja representando alguma coisa muito angustiante, com que as pessoas não conseguem lidar. Pode ser que ... a exclusão do velho esconderia o desejo (de toda a sociedade) de ficar sem fim, de não acabar nunca, de não morrer (Prates da Silveira e Silva Bento, 1982:133-4, 136).

Nesta linha de raciocínio, a imagem de velho que predomina e se perpetua na sociedade pode ser interpretada como consequência do processo de modernização, estando localizada principalmente nos países industrializados¹³. Como resultado da perda do seu espaço no mundo do trabalho, provocada pela dissociação da sua experiência e das inovações tecnológicas em implantação, descarta-se o saber e a vivência acumulados do idoso. E na comparação dessas sociedades com as sociedades ditas primitivas, a conotação de velhice torna-se oscilante entre a valorização do homem em função da experiência adquirida e a marginalização como consequência da sua inoperância no processo produtivo. Embora haja tanto um declínio das manifestações emocionais quanto um decréscimo dos sintomas psicossomáticos à medida que a idade avança, os adultos mais velhos parecem ser mais capazes em chegar à essência de um problema o que, tradicionalmente, passou a ser encarado como aumento da sabedoria mas que pode ser creditado à vivência e à experiência acumuladas, as quais permitem contribuir para a solução de problemas de for-

¹³ Neri (1989a) em revisão de literatura abrangendo estudos interculturais sobre atitudes em relação à velhice, concluiu que as atitudes positivas relacionadas ao velho são apontadas por diversos autores como típicas das sociedades primitivas e históricas, passando entretanto a uma percepção negativa com o processo de modernização e industrialização. Tal fato é explicado em função de haver nas sociedades ditas primitivas uma menor mobilidade social o que, conseqüentemente, permitia que o velho, também raridade na população, fosse valorizado e prestigiado pela sua atuação (p.80). Aponta também que outros estudiosos, por sua vez, ... *sugerem que o status do idoso é menos afetado pelos processos de urbanização e industrialização do que por fatores pessoais, tais como doenças, conflitos intrafamiliares, pressões exercidas pelos jovens e problemas econômicos* (p.82)

ma prudente e equilibrada.

Numa sociedade classista, baseada nas relações sociais decorrentes das relações de produção, onde a ideologia da classe dominante produz idéias objetivando fazer com que os indivíduos acreditem na desigualdade por natureza, embora, contraditoriamente, "permite" a todos o direito ao trabalho e oferece "iguais" chances de melhoria de vida, encontra-se o idoso que, enquanto ser humano dessa mesma sociedade, também acreditou e incorporou todo este universo conceitual. Num tempo em que se valoriza a programação e a racionalização de métodos, em detrimento da atribuição de sentidos e objetivos, o homem, quando se depara com a condição da velhice, imposta social e culturalmente pela aposentadoria (a qual, na maioria dos casos, não cobre ao menos as necessidades básicas) e pela capacidade produtiva (dependendo das condições de trabalho durante a vida, muitas vezes extenuante e desgastante, o indivíduo chega já sem saúde à aposentadoria) como marcos divisores e reflexos das expectativas sociais de comportamento, tem inferido sobre si a incapacidade de produzir. Conseqüentemente, ficam reduzidas as chances de desenvolvimento e aprimoramento do seu desempenho, mesmo com os vários estudos comprovando que o processo de desenvolvimento do indivíduo continua durante todo o ciclo vital, *desde que hajam condições favoráveis*. O senso comum, entretanto, ao solidificar a questão de que as pessoas idosas têm suas faculdades diminuídas, cria e perpetua a idéia da fragilidade do ser humano situado na terceira idade. Com o passar dos anos, o idoso vai tomando consciência do próprio envelhecimento, principalmente pela estimulação que o mundo exterior confere à sua idade e, conseqüentemente, os seus papéis sociais são esvaziados. Desprovido de suas funções na sociedade, ele se vê às voltas com a sensação de inutilidade e improdutividade, passando a perceber-se

como um peso para o grupo do qual participa. E quando é dirigido para manifestações que valorizam apenas a exploração do lúdico nas suas formas de participar e viver, fortalece a idéia ou a imagem de sua dependência, ridiculamente despertada na expressão de comportamentos infantis.

E assim,

Passamos a encará-lo como a uma criança, só que com um fator agravante e, no caso, decisivo: na criança, a sociedade investe e programa seu retorno de capital, ao passo que para o velho qualquer benefício que este usufrua é, a priori, considerado como investimento improdutivo (Arruda, 1986:20).

E

... o fato de ser um homem reduzido à condição de "sobra", de "resto", durante os últimos quinze ou vinte anos de sua existência, comprova a falência de nossa civilização: semelhante evidência nos deixaria interditos se considerássemos os velhos como seres humanos, tendo às suas costas uma existência humana, e não como cadáveres ambulantes (Beauvoir, 1976:11).

Conforme aponta Neri (1989a:81), a revolta de Beauvoir, expressa muitas vezes nas reflexões de seus estudos históricos e etnográficos sobre a velhice, é resultado de constatações como a de que nas sociedades primitivas, mesmo que o idoso fosse valorizado em função de sua experiência e co-

nhcimentos acumulados, ele não era poupado de ser expulso da comunidade quando esta o sentia como sobrecarga em razão de sua improdutividade.

A sociedade contemporânea, caracterizada pela lógica capitalista na qual o tempo é devorado pelo trabalho que, pela sua forma alienante, faz com que as pessoas não se percebam como engrenagens do sistema, promove pouca ou quase nenhuma oportunidade ao idoso. Consumidos pelo trabalho (entendido como meio de vida do homem) - o que importa é a produção - os indivíduos não vêem o tempo passar e, quando se apercebem (principalmente ao chegarem à aposentadoria), a vida - de difícil recomeço - perdeu-se no tempo envolto pela atividade útil planejada. Sua velhice, afetada pelo produtivismo e consumismo, típicos de uma sociedade que valoriza o novo, nem sempre o melhor, em detrimento do antigo, agora obsoleto, sofre as mazelas de um sistema que, inconseqüente, ao provocar incessantemente a destruição do passado e do vivido, dissolve a função social de sua memória nas relações que também são transitórias.

E, se o sentido de nossa vida baseia-se nos objetivos que queremos atingir no futuro que nos espera, o idoso, com todas essas sensações negativamente impostas, seja pelo meio mais emergente ou pela sociedade de modo geral, vai assumindo as suas perdas e, gradativamente, vai passando a uma fase de desadaptação. Ao chegar à aposentadoria, que muitas vezes coincide com a saída dos filhos de casa, ele pode sentir-se abatido pelo *stress*, o que estaria significando tanto a perda do vínculo com o mundo do trabalho, quanto o advento de outras decorrentes dela. A sensação de impotência, diante do envelhecimento inevitável a todo ser humano, é então experimentada com muito maior intensidade. A experiência de vida volta-se contra ele próprio uma vez que, para chegar a essa fase, muitos anos de dedicação ao trabalho e à

família transcorreram e, por sua vez, a idade avançada lhe confere a nostalgia da velhice embalada pela feição das lembranças.

E muitas vezes, para defender-se da precariedade de sua situação, que pode ser resumida no isolamento social, o idoso busca refúgio em práticas, consideradas por muitos como alienantes, mas que para ele podem ser alternativas de sobrevivência, que o farão ficar cada vez mais isolado da sociedade da qual faz(ia) parte. Isto porque, nesta fase de sua vida, é o que lhe está fazendo sentido, uma vez que a procura de sentido para a sua vida, faz com que ele se ajuste às coisas se elas fazem sentido para ele. A ambigüidade, um recurso registrado muitas vezes no mundo do idoso, pode identificar comportamentos de preservação da auto-estima: enquanto algumas limitações são atribuídas à idade, outras são justificadas por ele como consequência de enfermidades temporárias. E é na vivência deste processo, marcado tanto pela diminuição de certas capacidades como pela acentuação de outras, que revela-se a marca da ambigüidade, típica muitas vezes nesta fase: *... do que deixa de ser e continua sendo, mas que é, agora, o que não era antes* (Ramadam, 1984:121).

E se há falta de preparo para a velhice poderão ocorrer comportamentos que se caracterizam não só pela fixação no passado mas também pela irritabilidade, aliada, muitas vezes, à rigidez e à desconfiança. Quando o tédio se instala, o idoso, cada vez mais, poderá embutir-se em si próprio, sendo que o autoritarismo, a depressão e o isolamento constantes contribuem para que a aversão ao novo se instale. No caso do homem idoso, a ausência de busca de satisfações, dentro e fora de casa, faz com que ele se sinta rejeitado e se rejeite, provocando uma situação de desajustamento muito maior se comparada com a da mulher que envelhece, haja vista que esta, mesmo que tenha tido também um vínculo com o mercado de trabalho, persiste com os valores res-

ponsáveis pela sua formação no desempenho dos papéis tradicionalmente definidos como femininos.

No caso da mulher de baixa renda e nível cultural inferior, o trabalho doméstico é quase sempre o catalisador de suas energias, sendo os filhos o alvo natural do seu investimento.

Sem dúvida ... é função dessa mulher produzir filhos, talvez o seu melhor e mais valorizado produto, tanto a nível pessoal de auto-gratificação, como a nível social e econômico, por oferecer uma mão de obra barata, a qual atende ao modo de produção capitalista. Afinal de contas, ela teve uma longa escolaridade (as cartilhas ideológicas), onde a maternidade sempre foi retratada como uma experiência extraordinária e engrandecedora (Pereira, 1990:74).

Entretanto, à medida em que o tempo passa, e os papéis reprodutores dos aspectos domésticos da cultura tradicionalmente definida como feminina são esvaziados, assim como a casa que não mais abriga a família nuclear - os filhos crescem, vão trabalhar, casam-se e constroem a sua própria família - muitas mulheres passam a achar sua existência vazia. Mesmo que o modelo de mãe - abnegada, incansável, produtiva, gasta, fatigada - enfatizado revele o caráter ético-machista do sistema, ele faz com que o aparelho psíquico feminino se sinta gratificado na busca desse prazer. E a imagem constante da pessoa da terceira idade a cuidar de netos, veiculada pelas mesmas "cartilhas ideológicas" que enfatizam e enaltecem a maternidade, reforça a seqüência da ordem "natural" dos fatos: o papel maternal, que a ela é reservado exercer na sua plenitude, tem no exercício do dever de avó, a sua continuidade, até por-

que os papéis e as relações familiares, definidos pela função da família no interior da sociedade, reproduzem as regras mantenedoras da razão reprodutora, social e biológica de ser da instituição familiar.

E assim ...

Sua identidade se modela entre as diferentes imagens da pessoa e do seu grupo, com as quais ela se defrontará em sua existência cotidiana: um problema de reconhecimento reflexo, que vai desde a negação ou a aceitação que alguém faz de si mesmo (Pereira, 1990:61).

No caso masculino, a partir dos 50 ou 60 anos, é época do homem também assumir a condição de avô, agora como função enfraquecida do seu papel de pai. Observa-se, entretanto muitas vezes, que é com certa dose de despreparo o exercício deste papel, até porque, se comparado com o da mulher, que acumula muitas vezes com o trabalho assalariado as funções domésticas e familiares, a sensação de inutilidade experimentada pelo homem nesta função é reflexo do fato de ser a sua imagem reconhecida e valorizada se associada ao mercado de trabalho. Isto porque, quando uma pessoa se torna idosa, depois de ter convivido durante um longo tempo com determinados papéis sociais, como por exemplo, o de pai, mãe, esposo(a), dona de casa, empregado(a) e outros tantos, incorpora, com o decorrer dos anos, as atribuições inerentes a eles. Portanto, não é um processo sereno assumir esta perda, tão cristalizados e embutidos que estão no seu "eu", mesmo que nesta trajetória da vida possa haver a oportunidade de conquista de outros.

Quando existe um espaço sócio-individual que possa garantir ao ser humano ambientes favoráveis à velhice, o que certamente contribuirá

para a manutenção da sua auto-estima, podem estar lhe sendo asseguradas possibilidades de participação na sociedade a que pertence. Entretanto, a legislação, aliada ao contexto sócio-econômico vigente, impede que ele, ao se desligar do vínculo empregatício, desfrute de uma velhice saudável apoiada pelo Estado. Ao instalar-se a aposentadoria por idade, demarca-se o fim da sua vida produtiva profissional, que pode lhe acarretar a vivência de um processo que vai do ostracismo à incapacidade pois, aqueles que são ativos após a idade da aposentadoria, freqüentemente não têm oportunidades para aplicar seus conhecimentos e assim, continuarem produtivos.

Dadas todas essas considerações, não podemos ficar alheios à importância, cada vez mais crescente, da preocupação sobre o envelhecimento no país. É de uma fase do ciclo da vida, considerando a sua ordem natural, que estamos falando (ou escrevendo): daquilo que somos e/ou seremos algum dia, até porque

... o envelhecimento exprime um processo lento e imperceptível, insidioso até, e torna-se evidente quando tomamos consciência das primeiras modificações físicas que nos levam à descoberta de um outro "nós mesmos", com quem devemos viver (Reboul, 1980:29).

E se o papel fundamental da Psicologia é contribuir para que o homem encontre a sua humanidade, a sua própria sobrevivência, enquanto ciência e profissão, deve estar garantida pela identificação de seus profissionais com uma postura que privilegia o conhecimento universal, mantendo, entretanto, as peculiaridades com relação ao objeto de estudo, o que lhe assegura a sua identidade. Nesta direção, colaborar para que sejam superadas noções negati-

vamente estereotipadas sobre o envelhecimento, é investir no fortalecimento de uma cultura que, respeitando o equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do ser humano na velhice, possa vir a favorecer o seu pleno desenvolvimento. Sem dúvida, este é o objetivo de todos nós.

III

O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA: Dados, Características e Políticas de Ação

III

O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA: Dados, Características e Políticas de Ação

Segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

estimativa de 1990, há 14 milhões de pessoas com mais de 60 anos. Para o ano 2020, o Departamento de População da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirma que os brasileiros maiores de 60 anos serão mais de 32 milhões numa população estimada em 240 milhões de habitantes, e de 34 milhões no ano 2025 o que, nesta última caso, equivaleria a 14,9% da população em geral. Se nos anos 70 os brasileiros de 60 anos e mais, de ambos os sexos, correspondiam a 1,06% da população, em 1980 a 6,1% e em 1991 a 7,3% a projeção para o ano 2000 é de que eles chegarão a 8,3% da população total.

A elevação do nível de vida do ser humano em escala mundial vem gerando preocupações de diferentes naturezas, haja vista a expectativa crescente, principalmente nos países industrializados, da média de vida da população. Só o **BRASIL** tem hoje em torno de 12 milhões de idosos (considerando-os a partir dos 60 anos), e as estatísticas mostram que, cada vez mais, estamos caminhando para não sermos mais um país de jovens, uma vez que a proporção dos maiores de 65 anos - eles são hoje em torno de 8,4 milhões - se eleva anualmente a uma taxa de 3,5%, enquanto a população como um todo cresce menos de 2%. Isso demonstra um crescimento da média de vida no país em torno de 10%, a par de uma esperança de vida próxima dos 63 anos para os homens e dos 70 para a mulheres. Estes dados comprovam que, proporcionalmente, a população idosa é a que mais crescerá, haja vista ter sido, no período compreendido entre 1980 e 1996, segundo o IBGE, superior 2,5 vezes em relação à média geral. Projeta-se um crescimento desta faixa etária em 94% no período compreendido entre 1985 e 2005.

Segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos - SEADE, no ano 2000 o Brasil estará com aproximadamente 14 milhões de pessoas com mais de 60 anos. Para o ano 2020, o Departamento de População da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) projeta que os brasileiros maiores de 60 anos serão mais de 32 milhões numa população estimada em 240 milhões de habitantes, e de 34 milhões no ano 2025 o que, neste último caso, equivaleria a 14,9% da população em geral. Se nos anos 70 os brasileiros de 60 anos ou mais, de ambos os sexos, correspondiam a 5,06% da população, em 1980 a 6,1% e em 1991 a 7,3%, a projeção para o ano 2000 é de que eles chegarão a 8,3% da população total.

Os dados comparativos de censos demográficos realizados no período de 1872 a 1991, no Brasil, revelam que a população de 60 anos ou mais vem crescendo significativamente, conforme demonstrado a seguir:

Período	População Total (em mil)	Crescimento da População Total (em %)	População de 60 Anos ou Mais		
			Total	% de Crescimento	% de Crescimento em relação à Pop. Total
<u>1872</u>	9.930.478	—	695.730	—	7,00%
<u>1890</u>	14.333.915	44,34%	673.265	-3,13%	4,69%
<u>1900</u>	17.438.434	21,66%	558.399	-17,10%	3,20%
<u>1920</u>	30.635.605	75,68%	1.234.176	121,02%	4,02%
<u>1940</u>	41.236.315	34,60%	1.675.534	35,76%	4,06%
<u>1950</u>	51.944.397	25,96%	2.205.341	31,62%	4,24%
<u>1960</u>	70.191.370	35,12%	3.330.996	51,04%	4,74%
<u>1970</u>	93.139.037	32,69%	4.716.208	41,58%	5,06%
<u>1980</u>	119.002.706	27,77%	7.216.017	53,00%	6,06%
<u>1991</u>	146.825.475	23,37%	10.722.705	48,59%	7,30%

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil - 1994

Em função do processo de envelhecimento de sua população, processo este causado pela redução das taxas de natalidade e mortalidade e

investimento em hábitos estimulados pelo avanço na saúde pública, aliados à combinação do prazer e sabedoria de vida, na **EUROPA** estão os países com o maior número de sexagenários, sendo de 100 milhões a expectativa para o final do século XX do número de pessoas com mais de 60 anos. Os octogenários serão superiores a 17 milhões. É interessante apontar aqui que na **FRANÇA** as mulheres vivem mais tempo do que no resto do continente, sendo o número de velhos atualmente com mais de cem anos em torno de 1100. Na **ITÁLIA**, onde hoje cerca de 25% das pessoas situa-se na faixa etária de 60 anos ou mais, esse número deverá triplicar no período dos próximos cinquenta anos. Na **SUÉCIA** e na **DINAMARCA**, os idosos somam atualmente 22% do total da população.

Na **HOLANDA**, a vida média da população gira em torno de 80 a 88 anos, tendo a população de velhos superado a de jovens. Lá, diferentemente dos países latinos, os idosos têm independência financeira, podendo optar por morar em asilos e/ou casas de repouso, ou sozinhos. Muitos preferem morar sós, em suas próprias casas, e não com os filhos. Na Holanda, a aposentadoria dá-se aos 65 anos, sendo que a pessoa que vai se aposentar submete-se a um treinamento intensivo, que inclui reuniões com a família - sobre a velhice e alternativas pós vida empregatícia - já um ano antes da data provável de seu desligamento do trabalho.

No **JAPÃO**, com frequência os trabalhadores se aposentam antes dos 60 anos, embora o desejo de muitos deles seja pela continuidade da vida ativa e produtiva. Respeitando essa expectativa e necessidade, foi estabelecido um programa - Voluntários Aposentados do Japão - com o objetivo de formar parcerias desses aposentados com organizações ou projetos que ne-

cessitem de experiência técnica e profissional em países em desenvolvimento.¹

O envelhecimento global da população torna-se também um problema de dimensão internacional quando se discute a reposição da força de trabalho. Vejamos: como consequência da diminuição do número de pessoas em idade produtiva e geograficamente localizadas, como é o caso da **ALEMANHA** que, segundo previsões da ONU, no ano 2000 terá em torno de 7 milhões de habitantes a menos do que hoje (projeta-se para num prazo de meio século pouco mais de 50% da população ser constituída de idosos), as baixas taxas de natalidade e de mortalidade ocasionam um desequilíbrio demográfico na economia. Tendo o sistema previdenciário um alto índice de gastos com um número cada vez maior de aposentados, aliado à manutenção do caixa da Previdência Social ser resultante da força de trabalho do segmento em atividade profissional, esta dicotomia entre baixo número de pessoas na escala produtiva versus alto número de aposentados a exigirem cada vez mais o que lhes é de direito depois de uma vida de trabalho, conseqüentemente acaba ocasionando um desequilíbrio do próprio sistema previdenciário.

Esta situação, sentida hoje principalmente na Europa, estima que com o alto contingente populacional de idosos, os jovens terão que trabalhar dobrado para que o pagamento dos aposentados seja suprido.² Nos países pobres isto também poderá ocorrer, uma vez que os aumentos dos gastos com a previdência social e saúde, certamente, acarretarão uma crise que dificilmente

¹ Em 1993, segundo o Anuário de Estatísticas Mundiais da OMS, a maior taxa de probabilidade de vida ao nascer era dos japoneses, sendo deles também a menor taxa mundial de mortalidade: 4,5 para mil nascidos vivos. Notícias atuais dão conta que nos últimos cinco anos o número de japoneses centenários dobrou, perfazendo hoje 8500 pessoas. A expectativa de vida naquele país é de 83 anos para mulheres e 77 para homens.

² Na Europa, o índice de desemprego médio é superior a 11%, confirmando a previsão para os anos 90 de uma evolução na taxa de desempregados no Primeiro Mundo que, segundo especialistas em competitividade industrial, é consequência das revoluções tecnológica e administrativa. Estas revoluções permitiram o gerenciamento das empresas com um número cada vez menor de pessoas aliado a um sistema de qualidade, gerando, conseqüentemente, uma equipe menor e melhor qualificada de trabalho.

será contornada se não se adotarem medidas preventivas à instalação do problema. Face a este aumento da população de aposentados que, conseqüentemente, gera uma pressão significativa nos orçamentos públicos dos países desenvolvidos, analistas do Fundo Monetário Internacional - FMI - recomendam algumas medidas, dentre elas corte de despesas, ajuste das taxas de contribuição para os planos públicos, estimulação de planos privados de aposentadoria, além de aumento das idades-limites para se aposentar.

Na **AMÉRICA LATINA**, o número de aposentados concentra-se, na sua grande maioria, na linha de pobreza, segundo estudo da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) da ONU, divulgado em 1993 e que reforçam dados já apresentados no Relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento de 1990 sobre o Desenvolvimento Mundial. Estatísticas mais recentes levantadas pela Divisão de Envelhecimento e Saúde da OMS dão conta que o crescimento acelerado da população com mais de 60 anos nos países em desenvolvimento poderá criar um caos econômico e social no ano 2020, como conseqüência das dificuldades criadas pela exclusão da massa minimamente assalariada, se não se implantarem já políticas de atendimento a esta faixa etária. Dos onze países estimados para ter uma maior concentração de idosos no ano 2025, oito estarão no 'Terceiro Mundo', o que é motivo de preocupação, haja vista não haver nestas nações uma projeção linear do crescimento da população sexagenária com a renda *per capita* e, neste sentido, as dificuldades de adaptação às rápidas mudanças que o fato vem provocando, poderão se acentuar ainda mais, alertam especialistas da OMS. Este dado, se aliado à falta de uma política de preparo para a velhice, torna-se alarmante, como no caso do **BRASIL**, que se atualmente tem em torno de 12 milhões de idosos (sendo cerca de 9,5 milhões entre aposentados e pensionistas),

com previsões de em 2025 ocupar o sexto lugar entre os países do mundo que terão mais de 16 milhões de sexagenários, perfazendo 15% da sua população³, a situação de miséria atinge em torno de 69,8 milhões de brasileiros⁴. E esta situação poderá se agravar se continuarem a ser mantidas as atuais desigualdades econômicas entre os países industrializados e o mundo em desenvolvimento, podendo até tornarem-se desumanas, alerta o Relatório de 1995 sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Mesmo que países da América Latina tenham conseguido uma relativa recuperação econômica, a taxa de pobreza tendeu à elevação, o que denuncia um crescimento unilateral e a falta de programas de investimento no capital humano ao beneficiar apenas os já ricos em detrimento dos pobres. Se o aumento da esperança de vida é visto como característico do desenvolvimento social, o referido Relatório adverte para a necessidade de se investir em capital humano, oportunizando a criação de programas educacionais e de serviço social. Somente com esta estrutura, os países pobres poderão se adequar aos rápidos avanços tecnológicos e competir pelo domínio das novas qualificações.

Em contrapartida, a cultura dos **ESTADOS UNIDOS**, ao propiciar condições, inclusive materiais, para que a pessoa idosa permaneça em atividade no mercado de trabalho, pode estar colaborando não só para a manutenção dos contatos interpessoais, como também para a possibilidade de

³ Como consequência da consolidação da estrutura urbana brasileira e da relativa melhoria tanto dos serviços de saúde como os de saneamento básico, no período de 1960 a 1995, o índice de mortalidade infantil foi reduzido significativamente (de 118 por mil nascidos vivos em 1960 para 38 por mil em 1995), tendo a expectativa de vida ao nascer do brasileiro saltado de 52 para 66 anos e a população total crescido de pouco mais de 70 milhões para cerca de 157 milhões no mesmo período.

⁴ Segundo o Censo do IBGE de 1991, a maior parte de chefes de família, com 65 anos ou mais, ganha até 2 salários-mínimos.

transposição de algumas de suas limitações físicas ou mentais no desenvolvimento da rotina diária⁵. Para absorver esta camada da população como força produtiva, a economia norte-americana criou um segmento de mercado que utiliza a mão de obra dos chamados "*senior citizens*", fortalecendo a crença de que o indivíduo em atividade pode ter retardado o seu processo de deterioração física e psíquica. Além disso, os idosos dos EUA também fazem mais do que cultivar o convívio social. Os pertencentes ao que a Revista TIME chamou de "*Gray Power*" mostram ser hoje uma força ativa e mobilizadora na participação da vida política do país.

Dados do United States Census Bureau (*apud* Bokovoy & Blair, 1994) estimam que a proporção de norte-americanos com mais de 65 anos vai passar de 12% em 1986 para 24% em 2020, tendo sido significativo o aumento desta faixa etária nos últimos dez anos⁶. Este crescimento do número de idosos nos Estados Unidos aumentou a preocupação com a saúde pública, haja vista a significativa proporção de portadores de doenças crônicas entre as pessoas mais velhas, o que vem acarretando um elevado custo anual para a Seguridade Social daquele país. Segundo especialistas médicos, é também a mudança do perfil das doenças, gerada pela transformação do quadro de enfermidades infecto-contagiosas para o de crônico-degenerativas, o fator responsável por muitos dos problemas ligados ao envelhecimento, até porque algumas das doenças podem se arrastar por cerca de trinta anos, confirmando dados que apontam que os indivíduos maiores de 60 anos consomem três vezes mais recursos em saúde. Entretanto, como consequência de um preparo saudá-

⁵ Numa parceria governo-universidades, a saúde dos norte-americanos com mais de 65 anos é pesquisada anualmente.

⁶ Em 1995, a expectativa média de sobrevida nos EUA foi de 9 anos para as mulheres e de 7 para os homens, superando o índice de sobrevivência de países como a França, Inglaterra, Suécia e Japão.

vel da velhice, doenças agudas, e muitas vezes fatais, como o derrame e o ataque cardíaco, estão em queda, o que demonstra ser a prevenção a melhor aliada da sobrevivência do homem.

Este novo padrão demográfico, que em nível mundial vem crescendo anualmente a uma taxa girando em torno de 2%, está gerando políticas de atuação que ora podem ser entendidas como propostas meramente assistencialistas - melhoria da qualidade de vida para aqueles percebidos como o grupo minoritário e, neste sentido, considerados os esquecidos da sociedade⁷ - ora se revestem de suportes científicos que, amparados pelo discurso das diferentes áreas do conhecimento, procuram analisar os reflexos do envelhecimento populacional em uma sociedade em processo de mudanças aceleradas.

Nesta vertente - a consideração da velhice como um estágio da vida e não o fim da participação dos indivíduos nas atividades e emoções do dia a dia - se situam as medidas e/ou propostas de ação que visam a não estigmatização do idoso por parte da comunidade onde ele vive. São estas propostas as consideradas libertadoras. Entretanto, quaisquer que sejam elas, estão permeadas por uma ideologia que é, conforme Haddad (1993), a-histórica, sendo justamente por conta desta a-historicidade que o idoso não consegue mais ter definido o seu papel social, papel este que pode lhe permitir preservar a própria imagem social.

A velhice é pensada, exclusivamente, como etapa natural do ciclo biológico da vida, como momento inexorável da existência a que todos estão virtual e igualmente expostos, como fenômeno independente do

⁷ Amparadas por políticas sociais de apoio ao idoso, muitas vezes são implantadas medidas que se por um lado podem gerar benefícios, por outro podem contribuir para perpetuar ainda mais a condição de estigmatizado.

modo pelo qual a sociedade capitalista explora a força de trabalho, condenando o trabalhador não apenas a uma antecipação do processo de depreciação natural de sua capacidade de labor mas, antes de tudo, a uma depreciação social que afeta o conjunto da classe trabalhadora. Por isso, a característica fundamental da ideologia da velhice repousa em sua a-historicidade, em ocultar e desconhecer os diferentes modos de viver, sofrer e suportar a velhice (Haddad, 1993:12).

Segundo Magalhães (1989), a não consideração das diferenças regionais e sociais que afetam o conjunto da população brasileira permite que, ao se alongar e melhorar o percurso da vida, se construa alguns modelos: um modelo de rejuvenescimento, localizado nos estratos sociais superiores; um modelo de isolamento social, nas camadas médias da população; e um modelo de marginalidade, socialmente forjado para a grande massa, destituída de patrimônio, dos trabalhadores assalariados de baixa renda, símbolo de uma velhice precocemente desenvolvida e excluída pelo desgaste biológico em consequência da ausência dos cuidados necessários.

Esta depreciação dos indivíduos socialmente localizados à margem da escala produtiva, aliada à ociosidade do ser humano como consequência da tecnologia que está sendo introduzida no processo de organização econômica, vem gerando tensões que a longo, médio e curto prazos, certamente envolverão a sociedade como um todo. Ter-se-á um quadro que já está preocupando analistas em escala internacional, uma vez que a modernidade em alguns países, principalmente naqueles em desenvolvimento, vem sendo im-



plantada sem estudos e reflexões mais apuradas do processo, ao contrário de países desenvolvidos que, mesmo tendo muito mais tempo e recursos para se prepararem para o envelhecimento de suas populações, também enfrentaram dificuldades na mudança do perfil etário. Previsões de especialistas projetam que esta mudança acontecerá num período de 26 anos no **BRASIL**, ao contrário da França, por exemplo, que demorou mais de um século para dobrar de 7% para 14% a população idosa, e outros países do Primeiro Mundo que vêm preparando seu envelhecimento há cerca de 70 anos. É assim que a substituição da mão de obra pela intensificação das inovações tecnológicas de modo geral, poderá acabar fazendo com que a esse já alto contingente de aposentados se junte mais um grande número de pessoas expulsas da escala produtiva, gerando um tipo de indivíduo que pode ser caracterizado como um pseudo-idoso - não é velho, biologicamente falando, mas, no entanto, está à margem da produção.

Como consequência deste processo modernizante pode-se prever uma série de fatores que poderão acometer o indivíduo, resumidos aqui na insatisfação, no ausentismo e no alcoolismo, que certamente envolvem a saúde do trabalhador. Enfermidades como a hipertensão, o *stress*, a úlcera, a gastrite, o enfarto, a diabetes, o câncer e várias outras são, em muitos casos, atribuídas ao adoecimento psíquico, embora a deterioração psíquica irreversível seja a exceção e não a regra da velhice, principalmente quando não há graves doenças físicas.

Dados da pesquisa de levantamento⁸ sobre algumas condições de vida da população maior de 60 anos, moradora nas sedes das regiões metropolitanas do Brasil e Capital Federal, visam traçar o perfil do idoso residente nestas áreas com vistas a suprir uma lacuna que residia justamente em *elucidar a real situação em que vivem os idosos brasileiros para, dentre outras possibilidades, permitir que se viesse a direcionar com maior precisão uma política social para tal categoria, além de sugerir ou redefinir programas a ela destinados*. Tais dados confirmaram a presença significativa de mulheres idosas na população, aliada à sua maior longevidade quando comparada com o contingente masculino, além de grande parcela de pessoas com mais de 60 anos que vive sozinha ser composta pelo sexo feminino.

É interessante observar que se o envelhecimento era tradicionalmente visto como um problema da Europa, haja vista o contingente de pessoas acima de 65 anos naquele continente ser em torno de 28%, a partir de 1980 detecta-se que a população nos países do 'Terceiro Mundo', dentre eles o Brasil, crescerá em um nível que superará o aumento das outras faixas etárias. Nos anos 70, a porcentagem da população de até 14 anos de idade era de 42,6%, sendo que em 1991 foi de 35% e projeta-se para o ano 2020 em 23,6%, o que significa um declínio gradativo da faixa etária que engloba os jovens. Segundo a pesquisadora Elza Berquó, presidente da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, esse fenômeno é consequência da redução da taxa de natalidade e/ou fecundidade: *Nos anos 70, o número médio de filhos por mulher era de 5,6. Em 91, passou para 2,5* (Folha de São Paulo:

⁸ Pesquisa elaborada, organizada e coordenada por JORDÃO NETTO, MELLO WAGNER, FERRARI e QUEIROZ, especialistas do Departamento de Gerontologia Social da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), sob o patrocínio da Superintendência Estadual de São Paulo da Legião Brasileira de Assistência, nos anos de 1989 a 1992.



10/07/96), e em 1997 reduziu-se a 2,3. Ela aponta ainda que a população idosa no Brasil é majoritariamente de mulheres. Conseqüentemente, há uma feminização do envelhecimento, o que corrobora dados citados anteriormente.

Enquanto nos países ricos o processo de envelhecimento foi consequência da melhoria da qualidade de vida, pelo investimento na educação da população e em hábitos de saúde, valorizando o prazer e a sabedoria de vida, nos países do Terceiro Mundo esse processo resultou não do desenvolvimento sócio-econômico, mas de ações e descobertas médico-tecnológicas, vacinas e antibióticos, que possibilitaram o acesso à cura e à prevenção de doenças antes incuráveis, fazendo com que o prolongamento da vida seja hoje uma realidade. O progresso da medicina é o grande responsável pelo fato do homem estar vivendo mais hoje. Prova disso são os inúmeros estudos em cobaias que investem nas pesquisas que incluem além de dietas balanceadas para saber como a alimentação pode ajudar a humanidade a viver mais, altas tecnologias que permitem um prognóstico preciso da evolução de muitas doenças. Nesta esteira, o **BRASIL** processou uma elevação na expectativa de média de vida bastante acelerada (se em 1945 a expectativa de vida era de 43 anos, em 1992 foi de 68 anos). Esta rápida transição demográfica foi causa de transtornos que a sociedade ainda não tem condições de enfrentar adequadamente, uma vez que não tendo promovido simultaneamente o desenvolvimento social, econômico e educacional, não está preparada para lidar e absorver este contingente populacional, principalmente aquele oriundo das camadas mais pobres que não tem assegurado os cuidados médico-sociais necessários à conservação da sua saúde. Prevê-se, entretanto, que esta mudança acelerada do perfil etário, aliada à dinâmica produzida pelas relações de classe, poderá impulsionar fortes imposições, traduzidas na implantação de medidas emergentes que supram as

necessidades necessárias.

Se no **BRASIL**, em 1986, 48% dos benefícios sociais⁹ eram absorvidos com pessoas com mais de 55 anos, a previsão para o ano 2010 é de que praticamente toda a verba oficial seja consumida por esta faixa etária se não se adotarem políticas de atuação adequadas a esta questão. Só para exemplificar esta questão, atualmente a cidade de São Paulo tem na sua população total 8% de idosos, os quais ocupam 30% das vagas dos hospitais da rede pública, com internações e reinternações, consumindo 45% das verbas da Secretaria da Saúde. Dados do Ministério da Saúde mostram que o número de hospitalizações, a cada mil habitantes, é de 197,2 de pessoas acima de 60 anos contra 52,6 na faixa etária entre 0 e 14 anos, o que demonstra também a falta de condições, principalmente entre aqueles da classe mais desfavorecida, que previnam ou atenuem alguns males¹⁰. Alguns profissionais propõem alternativas para se lidar com esta problemática de uma forma bastante salutar. É o caso, por exemplo, das propostas de especialistas e consultores da OMS nas áreas de saúde e política de idosos que indicam que as soluções para esta problemática poderiam ser atingidas se se estabelecessem objetivos concretos, ou seja, assegurando e estimulando a vivência, com qualidade e integração do idoso na sua própria comunidade e família, através de planejamento de programas preventivos e educacionais à toda população, e envolvendo a interação do Estado e de profissionais de diferentes áreas. Neste sentido, algumas expe-

⁹ Em 1996, o número de brasileiros aposentados somou 14 milhões e meio. Até o ano 2020 a faixa de aposentados, de 65 anos para cima, saltará de 4% (em 1991) para 9% da população, segundo simulação do IBGE sobre a distribuição da população brasileira por faixa etária. A mesma projeção indica que os jovens diminuirão na mesma proporção que o contingente de idosos dobrará.

¹⁰ Dados do Centro de Envelhecimento revelam que dos idosos paulistanos 86% sofrem de alguma doença crônica. Mais preocupante ainda é o fato que apenas 2% dos leitos hospitalares do SUS são reservados aos mais velhos.

riências alemãs têm mostrado ser bastante salutares, como por exemplo, a substituição do serviço militar pelo engajamento dos jovens alistados em programas de assistência social à velhice desamparada, assim como também os idosos, com disponibilidade de tempo, prestarem ajuda aos seus pares que se tornaram dependentes ou incapacitados, nas próprias residências destes enquanto os familiares estão no trabalho. É interessante observar que ambas as experiências demonstram que havendo a mobilização, a organização e a integração entre governo e sociedade civil, esta parceria mostra-se eficaz nas ações de defesa dos direitos dos estratos mais carentes da população, podendo-se propor e desenvolver programas coordenados, cujas soluções muitas vezes estão na própria comunidade.

No ano de 1996, o presidente em exercício do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, assinou o Decreto nº 1948, de 03 de julho, que regula a Lei nº 8842 de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Dentre elas, uma das metas na implementação da política nacional do idoso é dar prioridade às formas alternativas de atendimento, como a substituição dos asilos por centros de convivência e/ou centros de cuidados diurnos, numa estimulação à assistência ambulatorial e domiciliar. Fruto de trabalho coordenado pela Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência e Assistência Social, o Decreto sintetiza, nos seus 20 artigos, ações preconizadas pela Política Nacional do Idoso, e elege como público-alvo pessoas a partir dos 60 anos de idade (nas ações programáticas) e de 70 anos ou mais no Benefício da Prestação Continuada, previsto no artigo 203 da Constituição Federal.

É assim que acreditamos que para haver uma política de atuação voltada para os adultos que envelheceram ou estão envelhecendo, levando



em conta todas as dificuldades que eles enfrentam e, de certa forma podem acarretar, tem a sociedade, no seu conjunto e de modo geral, que se conscientizar de que esta é uma tarefa que cabe a todos nós.

Iniciativa louvável, que procura atender e amparar aqueles que não têm um arrimo, foi a implantação de uma república para idosos na cidade de Santos (SP), demonstrando que iniciativas para atender (e abrigar) pessoas abandonadas pelas famílias, com renda e condições de moradia precárias, vêm sendo feitas. A primeira república para idosos da cidade vai acolher 14 pessoas com idade entre 55 e 86 anos, selecionadas entre 131 no projeto de locação social, as quais vão dividir as despesas da casa. É importante registrar aqui que a proposta de criação de república para idosos partiu da própria clientela durante a Conferência Municipal de Habitação realizada em 1995 naquela cidade, política que ratifica a tese de que ouvidas as necessidades e expectativas da população, pode-se cometer menos erros do que se implantar medidas que, de fora da situação, nós, profissionais, julgamos serem as adequadas.

Resgatar a cidadania - um dos princípios fundamentais da Constituição Federal - das pessoas idosas é um dos compromissos que, dentre outros, todos devemos ter, pois se numa perspectiva histórica, compreende-se que a velhice é uma determinação social, o produto dinâmico e especificador do ritmo e da forma em que se processa o envelhecimento, é consequência dos processos sociais e psicossociais que engendram a evolução da sociedade e, neste caso, das representações que são criadas e perpetuadas sobre a velhice.



Se temos consciência que as condições que o indivíduo vivencia o envelhecimento são determinadas pela trajetória do seu existir, uma verdadeira política de envelhecimento deve ter como princípio que tornar acessível a todas as camadas da população os cuidados necessários e diferenciais ao bem viver e envelhecer, é a garantia para que a cidadania seja restaurada e respeitada nos direitos de todos os cidadãos.

IV

O ESTADO DE SÃO PAULO: Políticas de Atendimento a Idosos

Segundo o Censo Demográfico de 1991, no Estado de São Paulo, de um total de 28.478.077 pessoas, 2.417.451 (8,53%) têm 60 anos ou mais, estando 2.283.268 (93,67%) localizadas na zona urbana e 154.203 (6,32%) na zona rural do Estado (Gráfico 1). Desse contingente, na zona urbana, 1.004.306 pessoas (44,20%) são do sexo masculino e 1.273.962 (55,79%) do sexo feminino. Na zona rural, ao contrário, prevalecem os homens: 86.327 (55,98%) contra 67.876 (44,01%) mulheres (Gráfico 2). Do total da população sexagenária em todo o Estado, 746.526 não sabem ler e escrever, o que significa um índice de 30,62% analfabetos, assim distribuídos: 221.810 (21,97%) homens e 440.526 (44,56%) mulheres na zona urbana e 40.464 (46,87%) homens e 41.924 (64,71%) mulheres na zona rural (Gráfico 3).

IV

O ESTADO DE SÃO PAULO: Políticas de Atendimento a Idosos



Gráfico 1 - Distribuição da população sexagenária no Estado de São Paulo, por domicílio

Segundo o Censo Demográfico de 1991, no Estado de São Paulo, de um total de 28.476.077 pessoas, 2.437.471 (8,55%) têm 60 anos ou mais, estando 2.283.268 (93,67%) localizadas na zona urbana e 154.203 (6,32%) na zona rural do Estado (Gráfico 1). Deste contingente, na zona urbana, 1.009.306 pessoas (44,20%) são do sexo masculino e 1.273.962 (55,79%) do sexo feminino. Na zona rural, ao contrário, prevalecem os homens: 86.327 (55,98%) contra 67.876 (44,01%) mulheres (Gráfico 2). Do total da população sexagenária em todo o Estado, 746.526 não sabem ler e escrever, o que significa um índice de 30,62% analfabetos, assim distribuídos: 221.810 (21,97%) homens e 440.328 (34,56%) mulheres na zona urbana e 40.464 (46,87%) homens e 43.924 (64,71%) mulheres na zona rural (Gráfico 3).

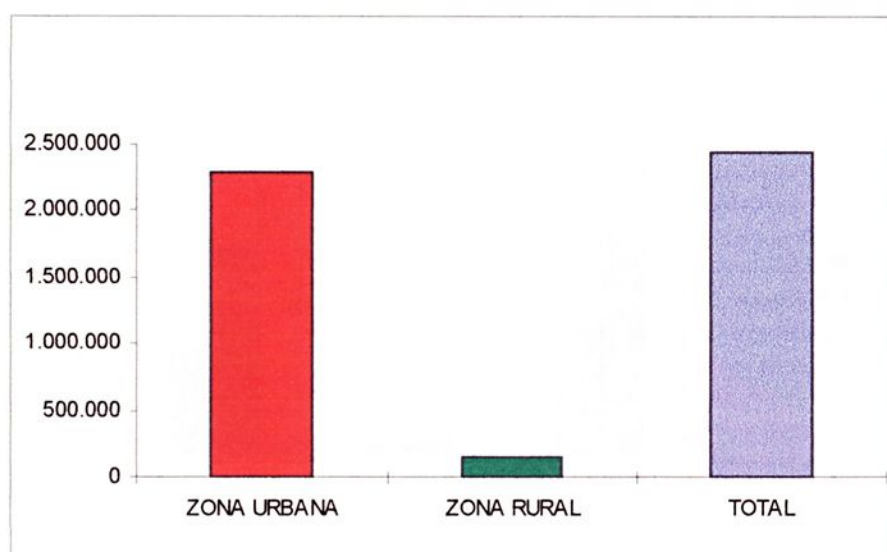


Gráfico 1 - Distribuição da população sexagenária no Estado de São Paulo, por domicílio.

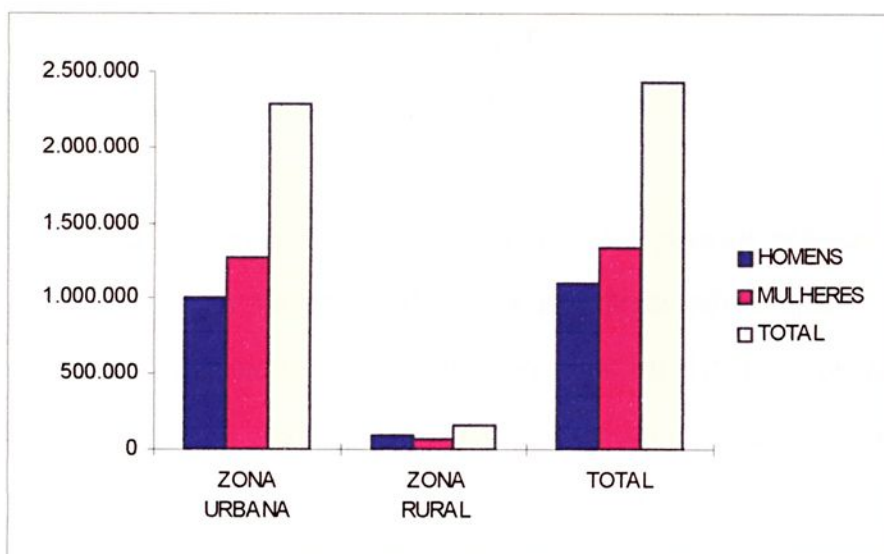


Gráfico 2 - Distribuição da população sexagenária no Estado de São Paulo, por sexo e domicílio.

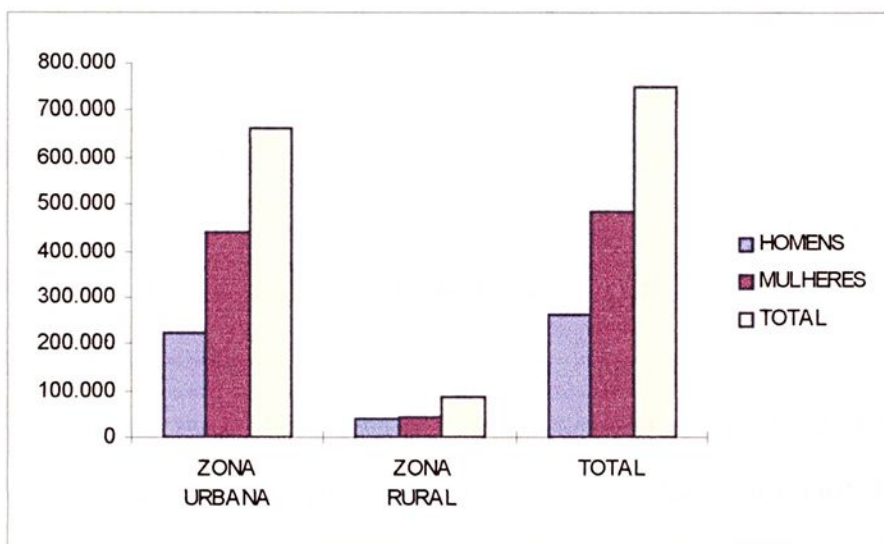


Gráfico 3 - Distribuição da população sexagenária analfabeta, no Estado de São Paulo, por sexo e domicílio.

Os dados apresentados acima, e visualizados nos Gráficos 1, 2 e 3, chamam-nos a atenção para os seguintes fatos:

1. Quando comparado com o percentual de pessoas sexagenárias no Brasil (7,30%), o Estado de São Paulo está acima deste índice: 8,55%, fato que pode ser atribuído às condições de vida oferecidas no Estado - considerado o mais forte do país - que, neste caso, presume-se serem um tanto quanto melhores que as de outras regiões, consideradas mais carentes;

2. A grande concentração de idosos na zona urbana do Estado permite não só que ela seja explicada em razão da migração ocorrida do campo para a cidade (produto da absorção das pequenas propriedades pelos grandes latifúndios em décadas anteriores, processo que desencadeou a expulsão dos pequenos agricultores da zona rural), como também em razão da longevidade propiciada pela oportunidade de acesso aos serviços e cuidados à saúde, mais facilitados na cidade;

3. No contingente de sexagenários do Estado prevalecem as mulheres, sendo elas também em maior número na zona urbana, ao contrário da zona rural, fato que pode ser analisado à luz das condições de vida, mais adversas no campo do que na cidade;

4. Com relação ao índice de analfabetismo dos sexagenários no Estado ele é bastante significativo, sendo que as mulheres perfazem a maior porcentagem, tanto na zona rural quanto na urbana, fato que pode ser explicado pela não oportunidade dada a elas de acesso à educação formal escolar numa época em que se valorizava em muito maior grau a perpetuação dos papéis femininos, tradicionalmente definidos, em detrimento de sua entrada no mundo do trabalho.



Dado relevante a ser apontado aqui também é o número de pessoas centenárias localizadas no Estado de São Paulo pelo último Censo. De um total de 2.244 pessoas com 100 anos ou mais de idade, 552 eram homens e 1.492 mulheres. Deste total, 2.070 viviam na zona urbana (677 homens e 1.393 mulheres) e 174 (75 homens e 99 mulheres) na zona rural. Em ambos os casos, há uma nítida predominância do sexo feminino entre os centenários, o que confirma dados a respeito da maior longevidade da mulher. Embora não tenhamos dados a respeito das condições de vida atuais e/ou anteriores destas pessoas, podemos hipoteticamente atribuir a este aspecto o fato delas merecerem cuidados mais intensivos e especiais por estarem hoje representando uma raridade no conjunto populacional e, por isso, consideradas patrimônio cultural, senão da sociedade mas, pelo menos, da comunidade mais próxima e do seu grupo familiar. Quiçá seja realmente verdadeira a nossa hipótese. Confiamos que as ações, ora empreendidas por todos aqueles preocupados com as condições que envolvem a existência humana em toda a sua trajetória, possam reverter em resultados concretos para que a utopia que permeia a modernidade da qual fala Magalhães (1989:119) não seja um sonho que vemos se desvanecer quando acordamos, mas que seja a transformação do otimismo e da esperança num devir real para todos.

Em Assis (SP), com uma população total de 86.701¹ habitantes, segundo a projeção do SEADE de 1992, o panorama com relação à elevação da média de vida dos indivíduos não se mostra diferente. Aqui, como no resto do mundo, o nível percentual das pessoas situadas nas faixas etárias cor-

¹ Dados preliminares da contagem populacional realizada pelo IBGE nos municípios brasileiros em 1996, apontam que em Assis houve uma redução de 0,55% na sua população, totalizando 83.074 habitantes. Dentre estes, 40.491 homens e 42.583 mulheres.

respondentes à meia e terceira idades, está em ascensão. A população de 60 anos ou mais, segundo o Censo Demográfico de 1991, perfaz um total de 7.597 pessoas, estando 7.207 localizadas na zona urbana e 390 na zona rural. Destes, 5.164 (67,97%) sabem ler e escrever, o que corresponde, proporcionalmente, a 4.975 (69,03%) alfabetizados na zona urbana contra 189 (48,46%) na zona rural, significando que temos na cidade quase 70% de sexagenários que sabem ler e escrever, ao contrário da zona rural que, embora tenha um número reduzido de idosos, mesmo assim os não alfabetizados representam quase 50% do total.

Se a velhice é, no nosso país, uma questão social, produto de processos sociais e psicossociais que engendram a evolução da sociedade, pode-se vislumbrar uma luz no meio do caminho quando a intensa mobilização de movimentos sociais específicos, aliados às lutas político-partidárias, sindicais e civis em torno dessa problemática, vem conseguindo algumas conquistas.

Conforme Costa (1994:42-3), é assim que na busca de identificação e explicitação dos mecanismos através dos quais a esfera política, no plano do aparato administrativo-jurídico e estatal, reflete a aglutinação da vontade pública, consolidada em formas de participação horizontal. Numa democracia é dever da esfera pública não só perceber e identificar os problemas, mas também refletir sobre eles de forma que o complexo político-partidário os assumam e lhes dê forma de serem engendrados. Se na lógica de um Estado Democrático está embutida a garantia da integração dinâmica com a Sociedade Civil, provocando e suscitando uma maior sensibilidade à influência das classes e grupos sociais assalariados, uma política de envelhecimento pode ser normatizada e operacionalizada se contar com o apoio de movimentos reivin-

dicatórios promovidos pelos sindicatos, partidos e associações de classe.

Como vimos anteriormente, inúmeras são as formas de atrair a atenção da sociedade sobre o envelhecimento, tendo sido já várias medidas tomadas. É o caso de termos a criação de atividades voltadas especificamente para quem envelhece(u), ao lado de benefícios, embora muitos deles possam ser considerados de caráter assistencialista que se voltam contra o próprio idoso, no momento em que podem contribuir para o seu alijamento da força de trabalho produtiva. Vejam-se, por exemplo, os cursos dirigidos aos idosos em algumas universidades e dos centros de convivência e/ou as escolas abertas para a terceira idade. Embora a questão do idoso e da velhice tenha surgido e sido tratada como questão da classe média que, mobilizada espontaneamente ou por organizações sociais, levantou esta problemática, não é exatamente neste segmento da população que residem os problemas materiais mais preocupantes, confirmando colocações feitas por Magalhães (1989), Haddad (1993) e outros estudiosos do assunto que, atentos à questão, denunciam os baixos salários (os quais não permitem a formação de um patrimônio) que a maioria dos trabalhadores e os grupos marginalizados - o subproletariado, assim considerado por sobreviver de serviços esporádicos e sem vínculo empregatício - recebem. Muitas pessoas, após os 60 anos de idade e ao chegarem ao fim da vida produtiva profissional, que muitas vezes lhes reserva uma aposentadoria irrisória, acabam voltando ou entrando no mercado informal de trabalho para complementar a renda. Alguns dados de pesquisa desenvolvida pela Fundação SEADE, no ano de 1996, na região metropolitana de São Paulo, revelaram que vem aumentando, mês a mês, o número de idosos acima de 60 anos participando do mercado de trabalho. Naquele ano, a proporção de homens desta faixa etária, empregados ou procurando emprego, chegou a perfa-

zer 23,9%, ao contrário de 21,5% em 1995 e 17,8% em 1985, o que reflete e denuncia que as *aposentadorias pagas no país não são suficientes para manter as pessoas*. Levantamentos feitos em algumas cidades mostraram que os idosos de São Paulo (SP)², a maioria mulheres, pobres e com baixo nível de escolaridade, são os que mais encontram dificuldades em obter oportunidades de trabalho.

Foi assim que, pressionado pelas ações políticas e civis, e pelas determinações sociais que provocam as mudanças, paulatinamente conquistadas no processo de democratização da nossa sociedade, paralelamente à criação de serviços voltados ao idoso por iniciativas privadas isoladas (é o caso, por exemplo, das atividades que o Serviço Social do Comércio - SESC - oferece, já de longo tempo, para a terceira idade, ou mesmo dos cursos de preparação para a aposentadoria promovidos por algumas empresas, dentre outros) que o Estado de São Paulo, alerta à essa problemática, estabelece na sua Constituição, a fundação do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos (art. 110, seção V) especificando a proteção especial ao idoso, dentre outros segmentos, para que seja garantido "... às pessoas idosas, condições de vida apropriadas, freqüência e participação em todos os equipamentos, serviços e programas culturais, educacionais, esportivos, recreativos e de lazer, defendendo sua dignidade e visando sua integração à sociedade" (cap. VII, seção I, art. 278, par. 3º) por meio da "... instalação e manutenção de núcleos de

² Este levantamento demonstrou que, dos idosos, 40% dos homens e 48% das mulheres, declararam-se analfabetos (IBGE - 1991). Reforçando a tese do envelhecimento social estar baseado em fatores sócio-econômicos, e velho ser aquele que não o da elite urbana, mas aquele das camadas médias e o trabalhador de baixa renda, temos como exemplo o fato de empresas de porte estarem, ao contrário dos anos 70 e 80, contratando pessoas com mais de 40 anos para cargos de chefia. Este processo, que valoriza apenas a mão de obra altamente qualificada, que teve a oportunidade de investir na profissão ao longo dos anos, tem nos executivos de mais de quarenta anos o perfil perfeito. Na esteira da Europa e dos EUA, entretanto, o mercado de trabalho brasileiro está começando a se abrir para pessoas com mais de 50 anos, desde porém que elas estejam atualizadas e sejam qualificadas para a função.

atendimento especial" (art. 278, par. 6°).

Objetivando desenvolver maneiras de reintegrar o idoso ao seu espaço sócio-político, econômico e cultural, pela garantia de oportunidades para que ele possa contribuir e participar da sociedade a que pertence, foi criado em abril de 1986, por um Decreto do então Governador do Estado, e regulamentado no ano seguinte pela Lei no 5763, o Conselho Estadual do Idoso (C.E.I.), órgão da Secretaria de Estado do Governo de São Paulo.

Tendo como função primordial formular diretrizes para a implementação de ações voltadas à defesa dos direitos do idoso, o C.E.I. promove, por intermédio de suas comissões técnicas, estudos, debates e pesquisas voltadas para o desenvolvimento, em todos os níveis da administração pública, direta e indireta, da conscientização da comunidade para o respeito à cidadania da pessoa idosa. Devendo também colaborar com os poderes instituídos no âmbito da Justiça, do Legislativo e do Executivo, federais e estaduais, este Conselho volta-se para propostas de estudos que visem a reflexão dos problemas dos idosos para que possam ser implementadas as medidas adequadas às soluções práticas e normativas. Além disso, busca também orientar e encaminhar o idoso e sua família em todas as áreas.

Dentre as propostas estaduais de trabalho com esta questão, foi estabelecida a implantação de Núcleos Regionais de Idosos (N.R.I.) que, obedecendo às regiões administrativas do Estado de São Paulo, visam despertar a atenção e o apoio da comunidade regional e local aos cidadãos que envelhecem. Objetivando o conhecimento da existência, ou a criação de recursos e/ou equipamentos que possam ser utilizados pelo idoso, os N.R.I.s procuram fazer com que todos os cidadãos, independentemente da idade, tornem-se responsáveis pela questão, incorporando atitudes que procurem assegurar a não



discriminação da pessoa situada na terceira idade.

É assim que, em várias regiões do Estado, foram e estão sendo criados Núcleos Regionais do Idoso. Objetivando criar ambientes propícios para o desenvolvimento de atividades que vão ao encontro das necessidades do idoso, as cidades também formam suas próprias associações (algumas delas gerenciadas por uma Diretoria eleita entre e pelos próprios membros, e com estatuto e regimentos específicos à realidade local), as quais procuram despertar, no indivíduo, o gosto pela participação em atividades sociais onde, no coletivo, ele possa preparar-se, através de um processo de (re)educação para a sociabilidade, para enfrentar esse ciclo da vida considerado de difícil recomeço. Porém, essas medidas, vistas por muitos como uma solução para a problemática social da velhice, podem ser, por outro lado, interpretadas como paliativos para encobrir as desigualdades existentes na nossa sociedade onde o idoso, por tudo que a idade - biológica, cronológica e social - possa lhe conferir, torna-se um ser marginalizado da teia de relações que ele mesmo ajudou a construir. Faz-se imperioso então, dentro de tais associações, buscar caminhos que o orientem para a (re)conquista de sua cidadania.

Em consonância com a política de atuação do Conselho Estadual do Idoso de São Paulo, em várias cidades do Estado já estão implantados, ou em fase de implantação, núcleos, centros de convívio, clubes e/ou postos de serviços de atendimento à terceira idade.

Seminários, debates, excursões, cursos, olimpíadas, gincanas, grupos de teatro, corais, atividades físicas, modalidades esportivas, são promovidos com o objetivo de extinguir-se - pela convivência com seus pares ou com outras gerações - a imagem do idoso como um ser incapaz. Aliados às reivindicações para a melhoria da qualidade de vida, fóruns são realizados com

a intenção de se promover o debate contra a discriminação do idoso na nossa sociedade.

A delimitação da idade para as diversas atividades fica por conta das entidades promotoras e das reivindicações e/ou dos benefícios que se quer alcançar. Enquanto alguns benefícios são reivindicados aos maiores de 60 anos, outros programas e/ou atividades dirigem-se àqueles acima de 50 ou 55 anos. Entretanto, independentemente das limitações impostas quando se fixa a faixa etária, todas as atividades têm um só objetivo: a reinserção sócio-comunitária do idoso para que, neste processo, ocorra não só a estimulação para o resgate da sua identidade, como também para que a valorização da sua sensibilidade e da auto-estima sejam produtos da construção de uma auto-imagem positiva. Propiciar informações para que, de posse delas, essas pessoas possam se capacitar a uma vida na qual as relações com o meio sejam melhoradas e o bem-estar físico e mental aumentado, é estar reforçando a sua dignidade como ser humano, uma vez que a solidariedade adquirida no contato com os outros, pode contribuir para a diminuição do preconceito no relacionamento interpessoal.

Coerente com esta postura, constituiu-se em 1º de outubro de 1990, o Núcleo do Idoso de Assis.



Como já dissemos anteriormente, faremos aqui um resumo do nosso trabalho junto ao Núcleo do Idoso de Assis, importante associação atuante em nossa cidade e que em muito contribui para a causa, além de, pelo envolvimento que tivemos com ela, ter desempenhado papel significativo na nossa trajetória profissional e pessoal. Os dados, sistematizados e relatados de forma a facilitar a apreensão da conjuntura da pesquisa, tiveram como suporte na sua coleta a pesquisa-ação-participante, a pesquisa de levantamento, que teve por objetivo traçar o perfil básico do associado do Núcleo, e entrevistas com algumas pessoas responsáveis pela sua fundação, objetivando delinear com certa segurança o início e o histórico de desenvolvimento desta Associação.

Atendendo às diretrizes do Governo do Estado de São Paulo, através do Conselho Estadual do Idoso, o Núcleo do Idoso de Assis foi fundado em 1º de outubro do ano de 1990, com a intenção de expandir também para a nossa região o movimento da terceira idade, já difundido e implantado, sob diferentes formas, em outras cidades e/ou regiões. Na reunião de fundação do Núcleo, mediada pelo Prefeito Municipal, foram convidadas pessoas que, em função de suas ligações com a comunidade e/ou de cargos que na época exerciam, representavam entidades beneficentes e/ou de prestação de serviços. Por esta razão, aquelas próprias pessoas acabaram formando uma Comissão de Trabalho, constituída na ocasião em prol da terceira idade, tendo sido escolhido para presidi-la um médico, com estudos e participação em congressos de geriatria, radicado na cidade há vários anos. Esta Comissão, identificada como a primeira diretoria, mesmo tendo sido formada meio improvisadamente, permaneceu administrando o Núcleo do Idoso de Assis por dois anos.



Embora tenha despertado interesse e entusiasmo pelo movimento na ocasião, o começo dos trabalhos foi um tanto quanto penoso, uma vez que a maior parte daquelas pessoas presentes ao ato de sua fundação não continuou participando, e o grupo, reduzido a umas quatro ou cinco pessoas que continuaram trabalhando, propôs algumas atividades. Uma delas foi a promoção de uma peça de teatro vinda da cidade de Piracicaba (SP) - um fracasso de público para o movimento - mostrando não ser por este canal cultural que o Núcleo iria se fortalecer. Tentativas de palestras sobre temas relacionados ao envelhecimento também não foram avante. Mesmo assim, aquele grupo não desanimou e continuou insistindo, fazendo reuniões para discutir estratégias de estruturação do Núcleo. Foi quando surgiu a idéia de se ir às igrejas para formar grupos de pessoas para trabalhar pelo movimento da terceira idade em Assis, iniciativa que deu resultados satisfatórios.

De igreja em igreja (sempre as católicas) os membros da Diretoria do Núcleo iam aos sábados e/ou aos domingos e explicavam, após a celebração da missa, que toda pessoa, adepta de qualquer religião, poderia estar participando. Aqueles que se interessavam permaneciam na igreja e, enquanto se passavam as informações sobre o que significava o Núcleo do Idoso que estava se formando em Assis, identificavam-se as lideranças. Observando as pessoas que se mostravam mais ativas, os dirigentes pediam-lhes que ocupassem os cargos de coordenador e vice-coordenador do grupo que estava se formando ali. Outros critérios também foram utilizados para a ocupação dos cargos em questão, como por exemplo, a eleição das pessoas que já desenvolviam atividades nas pastorais daquela igreja, e o acatamento das indicações dos presentes à reunião.

Foi assim, então, pela identificação das lideranças ligadas à

Igreja Católica - *as pessoas que se via que queriam mesmo entrar para trabalhar e lutar*, conforme um dos associados entrevistados - que se garantiu a formação dos grupos da terceira idade nos bairros.

Estes grupos, "batizados" pelas próprias pessoas que os compunham, constituíram o Núcleo do Idoso de Assis. É interessante observar que os nomes atribuídos a eles, por meio do voto, expressavam, todos, objetivos ligados ao sentido dado à existência nesta fase da vida: *Esperança, Renascer, Amizade, Primavera, Sol de Verão, Reviver, Renovação, Vida a Vida*.

Tarefa cumprida - grupos formados - restava motivar as pessoas a se juntarem. Foi quando surgiu a proposta dos bailes. O primeiro deles, realizado no salão de festas de uma das igrejas, repercutiu bastante e imprimiu aos dirigentes a idéia de que poderia ser por meio desta atividade que o movimento se fortaleceria na cidade. Prova disso foi o baile seguinte, realizado num domingo à tarde numa grande churrascaria da cidade. Este sim é considerado até hoje, por muitos dos associados, o primeiro baile mesmo - o que fez deslanchar o movimento do Núcleo do Idoso de Assis. Ônibus da prefeitura local transportando - vai e vem - muita gente. Este baile permanece na memória - ainda viva - daqueles que lá estiveram como um marco que realmente incentivou as pessoas a se envolverem no movimento.

Com relação à sua estrutura, organização e funcionamento, o Núcleo, mesmo que num primeiro momento tenha procurado se pautar pela proposta inicial - ser um Conselho Regional - acabou assim não se constituindo. Como no começo não tinha idéia de como se organizar para funcionar, o grupo que levava avante os trabalhos achou que se tivesse um estatuto, ou mesmo um regimento, poderia se constituir numa sociedade. Foi então que, baseado em alguns modelos de associações já em funcionamento em outras

idades, o Núcleo do Idoso de Assis acabou se identificando como uma associação da cidade, autônoma e sem vínculo com a prefeitura local, embora tenha sido criado em decorrência da ação do Estado e do Município. Na opinião de vários dos seus associados, esta é uma vantagem em relação aos conselhos regionais, haja vista poder dispor não só de uma diretoria, mas também da oportunidade de construção de um patrimônio, fatores que colaboram para que se consolide enquanto associação.

Para que o Núcleo começasse a funcionar, da forma como então achou que deveria ser, foi cedida pela Secretaria Municipal da Promoção Social uma sala para que fosse instalado o escritório da terceira idade. Nos bailes, a Comissão de Trabalho informava as pessoas sobre o movimento e o desejo de se formar um clube da terceira idade na cidade. As pessoas interessadas, acima de 40 anos, se dirigiam então ao escritório do Núcleo, e o preenchimento de uma ficha era a garantia de sua filiação à Associação.

Paralelamente, a Comissão de Trabalho, que já então constituía-se numa diretoria, elaborava o Estatuto do Núcleo, que foi aprovado numa assembléia, bastante concorrida, em 30 de abril de 1991.

Desta forma, o Núcleo do Idoso de Assis é identificado como uma associação municipal e, segundo seu Estatuto, caracteriza-se por ser "uma instituição civil, sem fins lucrativos" (Art. 1), que "tem por finalidade propor medidas e articular projetos que visem a proteção, assistência e a defesa dos direitos dos idosos segundo os objetivos do Conselho Estadual do Idoso" (Art. 2) no que se refere às áreas de saúde, educação e lazer.

Assim como outras associações com o mesmo fim, o Núcleo do Idoso de Assis tem como princípio a "não discriminação de seus associados seja pela raça, cor, condição social, credo político ou religioso" (Art. 3).



Administrado por uma Diretoria Executiva, um Conselho Fiscal, um Conselho Deliberativo e por Assembléias Gerais, órgãos estes compostos pelos próprios associados, o seu quadro de sócios constituiu-se por número ilimitado de pessoas identificadas na faixa etária acima dos 40 anos. Embora no início o critério era pela aceitação de somente pessoas acima de 50 anos, entendeu-se que existem outras não idosas mas já aposentadas, e isto poderia ser também um norteador, haja vista que o nosso sistema, ao permitir a aposentadoria por tempo de serviço, forma uma categoria de aposentados situados na meia idade, biologicamente falando. Além disso, a redução do período útil da mão de obra colabora para que muitos adultos sejam precocemente também marginalizados do mercado de trabalho.

E, embora não houvesse nenhum tipo de restrição relacionado ao nível de instrução das pessoas que compunham a Diretoria, os que acabavam sendo eleitos para ocuparem os cargos de gerenciamento do Núcleo do Idoso de Assis eram aqueles que tinham, relativamente, um nível de instrução um pouco superior à média dos associados. Percebe-se assim que, os que se sobressaíam e que, conseqüentemente, acabavam ocupando cargos e/ou exercendo funções dentro do Núcleo, eram aquelas pessoas que tiveram acesso, de uma forma ou de outra, à educação sistematizada.

Dentre outras deliberações, fixou-se também o dia das reuniões: elegeu-se as noites de terça-feira para o dia de encontro semanal dos dirigentes, coordenadores e associados da Terceira Idade. Como não havia um espaço físico para tal, a Igreja Católica cedeu uma sala no Seminário da cidade. Foi numa dessas reuniões que surgiu a proposta de se fazer um concurso para escolher o *slogan* que melhor representasse o movimento da terceira idade em Assis. Venceu

*COM OS ANOS ENVELHECEMOS,
COM A TERCEIRA IDADE REJUVENESCEMOS*

e que, juntamente com o logotipo - uma rosa cor-de-rosa impressa no centro da página - identifica o material de correspondência do Núcleo.

As reuniões, com início sempre às 20 horas, seguiam uma rotina: a Oração do Pai Nosso, dita por todos, em pé e de mãos dadas, seguida pela leitura de um salmo da Bíblia pelo presidente do Núcleo ou por aquele que estivesse coordenando os trabalhos no dia. Em seguida, a palavra era aberta para quem dela quisesse fazer uso. É interessante apontar aqui que existia um clima, nestes encontros, que primava pelo respeito e pela valorização do outro. Isto podia ser observado pela salva de palmas que a pessoa que havia feito uso da palavra, indo à frente, recebia da platéia ao final de sua fala. Nestas ocasiões, parecia haver um conagraçamento que estava, como que uma teia invisível, unindo a todos. E assim também, quando se fazia a prestação de contas pelo coordenador do grupo que havia realizado o baile no domingo anterior à reunião, percebia-se o respeito e a satisfação, dos presentes, ao tomarem conhecimento do montante de dinheiro arrecadado no evento, dinheiro este que estava sendo aplicado na conta-poupança do Núcleo.

Embora estas reuniões, identificadas como assembléias, estivessem abertas a todos, o número médio de participantes girava em torno de 60. Muitas das pessoas que iam aos bailes não iam às reuniões. Com mais frequência, participavam os coordenadores dos grupos das vilas e as pessoas mais interessadas em levar avante o trabalho com a terceira idade. Os assuntos polêmicos, que requeriam uma decisão da maioria dos presentes, eram aprovados ou reprovados pelo voto.

As reuniões, embora não contassem com a participação da totalidade dos associados, conforme apontado acima, foram por nós interpretadas como o aprendizado de um novo tipo de relacionamento. Isso mostrou que a grande maioria estava aprendendo, pela primeira vez, não só a participar de reuniões, como também de reivindicar.

Como acontece em várias associações que reúnem pessoas de níveis culturais diversificados, aconteciam também, no Núcleo, as brigas internas, que ocorriam, principalmente, nas reuniões semanais. Geralmente era o assunto polêmico que fazia aflorar o desentendimento, em função mesmo das opiniões divergentes, mas que, por outro lado, propiciava a oportunidade das pessoas aprenderem a ser participativas da sociedade. Se no início parecia difícil conseguir o entendimento, principalmente porque este entendimento decorria de uma certa maturidade - quando as pessoas passavam a conhecer a melhor maneira de expor suas idéias e de lidar com os conflitos pessoais - depois que tudo se resolvia e se conseguia chegar a um consenso, percebia-se ter havido um outro tipo de aprendizagem: o controle das emoções com vistas à realização do trabalho em conjunto num clima de confiança e solidariedade. Mesmo que não se negue que as pessoas são diferentes na maneira de pensar, perceber, sentir e agir, sendo essas diferenças individuais próprias da natureza humana, as pessoas, no Núcleo, demonstravam muita tolerância quando, por exemplo, procuravam contornar as desavenças para que houvesse um ambiente saudável e de tranquilidade norteando as metas estabelecidas.

Objetivando traçar o perfil dos associados do Núcleo do Idoso de Assis, fizemos um levantamento junto ao fichário¹ da Associação, abordan-

¹ Optamos por fazer o levantamento através das fichas de inscrição uma vez que o universo da pesquisa era muito numeroso e não dispúnhamos, na ocasião, de infra-estrutura para viabilizar um trabalho de campo com a própria população pesquisada.

do os seguintes itens: número de sócios, sexo, idade, estado civil, profissão, condições de moradia, constelação familiar e procedência (este último item diz respeito às vilas e/ou bairros onde moram). As Tabelas 1 e 2, nas páginas seguintes, contemplam os dados obtidos.

Cabe-nos apontar aqui que à época da realização daquele levantamento (1992) as inscrições para admissão de novos sócios estavam suspensas em função da necessidade que sentiu a Diretoria de se organizar melhor para garantir o controle sobre os trabalhos.

Como uma nova prática, no início de 1993, estabeleceu-se que os já associados, quando da renovação de suas inscrições, deveriam ser recadastrados pelo preenchimento de uma outra ficha de identificação, contemplando mais dados informativos sobre as pessoas. Decidiu-se também que o novo valor da anuidade (era cobrada tanto do pretendente a sócio quanto do efetivo, uma taxa anual destinada à manutenção do Núcleo), seria relativo a um percentual do salário-mínimo em vigência. Este sistema de pagamento foi discutido e aprovado em assembléia geral, quando então também se decidiu pela confecção de carteirinhas de identificação, carteirinhas estas que dão ao associado o direito de desfrutar de alguns benefícios, como por exemplo, pagar menos do que o não sócio nos bailes da terceira idade promovidos pelo Núcleo, e de obter desconto em algumas casas comerciais locais.

Neste período de recesso para admissão de novos sócios, foi formado o Conselho Deliberativo - composto por pessoas mais conhecidas - que aprovou o Regimento Interno do Núcleo.



TABELA 1: Frequência dos Níveis de cada item que caracteriza o Perfil do Associado Masculino do Núcleo do Idoso de Assis

Níveis dos Itens	Itens Abordados					Total
	Sexo	Idade (em anos)	Estado Civil	Condição Moradia	Moram Com	
Masculino	450					450
até 39		6 (1,33%)				
de 40 a 44		43 (9,55%)				
de 45 a 49		47 (19,44%)				
de 50 a 54		55 (12,22%)				
de 55 a 59		93 (20,66%)				
de 60 a 64		77 (17,11%)				
de 65 a 69		73 (16,22%)				
de 70 e +		52 (11,55%)				
sem resp.		4 (0,88%)				450
casados			316 (70,22%)			
viúvos			60 (13,33%)			
solteiros			24 (5,33%)			
desq./div.			43 (9,55%)			
separados			6 (1,33%)			
sem resp.			1 (0,22%)			450
casa própria				358 (79,55%)		
casa alugada				70 (15,55%)		
casa cedida				6 (1,33%)		
sem resp.				16 (3,55%)		450
a família					301 (66,58%)	
companheira					23 (5,11%)	
familiares					24 (5,33%)	
sozinhos					47 (10,44%)	
sem resp.					19 (4,22%)	450

TABELA 2: Frequência dos Níveis de cada item que caracteriza o Perfil do Associado Feminino do Núcleo do Idoso de Assis

Níveis dos Itens	Itens Abordados					Total
	Sexo	Idade (em anos)	Estado Civil	Condição Moradia	Moram Com	
Feminino	886					886
até 39		15 (1,69%)				
de 40 a 44		96 (10,83%)				
de 45 a 49		139 (15,68%)				
de 50 a 54		152 (17,15%)				
de 55 a 59		159 (17,94%)				
de 60 a 64		145 (16,36%)				
de 65 a 69		108 (12,18%)				
de 70 e +		68 (7,67%)				
sem resp.		4 (0,45%)				886
casadas			362 (40,85%)			
viúvas			308 (34,76%)			
solteiras			70 (7,90%)			
desq./div.			113 (12,75%)			
separadas			26 (2,93%)			
sem resp.			7 (0,79%)			886
casa própria				727 (82,05%)		
casa alugada				126 (14,22%)		
casa cedida				10 (1,12%)		
sem resp.				23 (2,59%)		886
a família					343 (38,71%)	
companheira					16 (1,80%)	
familiares					367 (41,41%)	
sozinhos					138 (15,57%)	
sem resp.					22 (2,48%)	886

Os dados visualizados nas Tabelas 1 e 2, quando comparados, indicam que:

1 - O Núcleo do Idoso de Assis, à época do nosso levantamento, tinha majoritariamente pessoas do sexo feminino entre seus associados, o que vem reafirmar os dados relativos ao crescimento da população idosa que apontam para uma feminização do envelhecimento. Sabendo-se que muitos dos movimentos sociais, surgidos principalmente nas décadas de 60 e 70, têm a presença constante e propulsora da mulher, esta característica foi encontrada também na associação da terceira idade de Assis, o que vem reafirmar que os movimentos, principalmente aqueles de cunho reivindicatório, têm um grande contingente feminino que os impulsiona. A procura por um lugar onde possa estar garantido o seu direito de expressão, haja vista uma sociedade cada vez mais estranha para aquele que está envelhecendo, pode ter feito com que, numa cidade do interior, com poucas opções, o Núcleo do Idoso de Assis tenha se configurado como o espaço possível, não só para as pessoas idosas, mas também para aquelas que estão se aproximando desta fase da vida.

2 - Conforme apontado no item anterior, os dados relativos à idade dos associados, tanto do homem quanto da mulher, demonstraram que, embora a maior concentração dos sujeitos estivesse na faixa etária compreendida entre 55 e 59 anos, 20,66% no caso masculino e 17,94% no feminino, respectivamente, é curioso o número de associados compreendido nas outras faixas etárias. Embora cause estranheza a presença de sujeitos de 40 anos, ou até menos, num movimento dirigido preferencialmente para a *terceira idade*, pode-se compreender, ou pelo menos tentar analisar este dado, pressupondo-se estarem estas pessoas preparando-se, no coletivo, para a fase da vida que se avizinha

pois o convívio com a maturidade e as transformações que ela acarreta pode ser uma experiência que nem todos estão preparados para enfrentar, seja sozinho, seja na companhia do parceiro.

3 - Com relação ao estado civil dos associados, devemos apontar a grande porcentagem, na época, de homens casados na Associação, o que correspondia a 70,22% da população total masculina. Este dado, bastante significativo, foi por nós interpretado como a presença do homem casado associada à influência da esposa para a sua participação. No caso feminino, mesmo com um grande contingente de mulheres casadas, não deixou de ser relevante (embora esperado) o número de viúvas e desquitadas e/ou divorciadas, correspondendo, respectivamente, a 34,76% e 12,75%. Sabendo-se que as pessoas, quando envolvidas emocionalmente num vínculo saudável, apresentam um equilíbrio mental positivo, o movimento da terceira idade, no momento em que tem como política de ação, propiciar ambientes e oportunidades para que as pessoas possam estar privilegiando o afeto, a solidariedade e o prazer de estar com o outro, pode ter sido a forma encontrada para sair da situação de solidão e, quem sabe, encontrar no Núcleo o novo companheiro.

4 - Os associados do Núcleo do Idoso de Assis moravam, a grande maioria, em casa própria. Sobre este aspecto, podia-se prever que, mesmo que nós tenhamos levantado as ocupações dos sujeitos mas não o nível sócio-econômico de cada um, eles possuíam uma certa estabilidade, pelo menos com relação à moradia. O estudo realizado em sedes de regiões metropolitanas brasileiras (de 1989 a 1992) objetivando o levantamento de algumas condições de vida da população maior de 60 anos, confirma este dado e interpreta-o sugerindo que "... possivelmente as condições de acesso ao sistema financeiro de habitação ou outras formas de aquisição da casa própria foram bastante favo-

ráveis a essa população..." (Jordão Netto *et al.*, 1992:325).

5 - E, mesmo que muitos fossem casados, tanto no caso masculino, quanto no feminino, quando comparamos o item *estado civil* com o item *com quem moram*, nem todos residiam com a família e/ou esposo(a), embora não tenhamos interpretado as razões para este fato uma vez que nas fichas de identificação consultadas não existiam dados a respeito que pudessem dar conta desta questão. Mas é interessante observar que, no caso feminino, um grande contingente de mulheres - 41,42% - morava com familiares (pai e/ou mãe, irmã(s), tio(s), sobrinho(s), cunhado(s), neto(s), genro(s) e outros) e uma porcentagem, também significativa, morava sozinha (15,57%).

Com relação à procedência dos associados do Núcleo do Idoso de Assis, ou seja, as vilas e/ou bairros onde moravam na ocasião, foi significativo o número encontrado de pessoas residentes nas áreas mais centrais da cidade, podendo ser este dado creditado ao papel, muito importante, da Igreja Católica em prol do movimento da terceira idade em Assis, haja vista existir nestas áreas que reuniam um maior percentual de associados, templos católicos que congregam um grande número de fiéis às suas celebrações.

Quanto à profissão do associado do Núcleo do Idoso de Assis, detectamos, no nosso levantamento, uma diversidade de ocupações, tanto no caso masculino quanto no feminino, variando desde médicos e advogados, até pedreiros, carpinteiros, mecânicos, taxistas, etc. No caso feminino, encontramos professoras, costureiras, comerciantes, e muitas outras representantes de várias profissões mas, majoritariamente, o universo das associadas era composto por donas de casa. Embora na ocasião, um terço ($152 = 33,77\%$) da população total masculina (450) fosse composta por homens aposentados, no caso feminino (886) as mulheres aposentadas perfaziam apenas 15,23% (135). Po-

rém, um dado bastante significativo foi o alto contingente de donas-de-casa (413), quase que a metade da população total feminina. Interpretando este dado, mais especificamente, analisamos, na época, que este movimento da terceira idade em Assis, via trabalho do Núcleo, ganhou força e se desenvolveu, angariando dimensões que contagiou as pessoas, em função também da presença constante da mulher que não trabalha fora de casa e que, por este fato, poderia ter uma maior disponibilidade em colocar-se a serviço da Associação.

E, embora à época do nosso levantamento já houvesse um número bastante significativo de associados (886 mulheres e 450 homens) ao Núcleo do Idoso de Assis, existia um grupo mais identificado com a Associação, composto por aquelas pessoas que a fundaram e que trabalhavam em todas as atividades, além de outras que foram se engajando e que acabaram ocupando cargos, seja na diretoria, seja na coordenação dos grupos das vilas. Eram estas pessoas que também, efetivamente, participavam das reuniões semanais.

Este grupo, em função da interação de seus membros nas reuniões, ou na consecução das tarefas propostas, estava em constante canalização de suas energias para o objetivo comum, mesmo que conteúdos sócio-emocionais muitas vezes estivessem permeando o relacionamento interpessoal. Neste sentido, podemos dizer que ele constituía-se ora num grupo-tarefa, quando sugeria, informava e opinava, expressando seus sentimentos, porém respeitando os demais, ora concordava pela manifestação da solidariedade, o que fazia com que aflorasse um envolvimento dirigido à unicidade. Nestes momentos, poderia ser identificado como um grupo emocional. Porém, se pensarmos que um grupo atuante, produtivo, engloba uma combinação de várias expressões, envolvendo o afeto e as emoções na tentativa de compreender e lidar com as realidades da situação, não poderíamos estar classificando este

Grupo como um grupo-tarefa ou um grupo-emoção apenas e simplesmente. A caminhada que este grupo, especificamente, empreendeu em direção à aprendizagem da participação envolveu, em íntima relação, pensamentos e sentimentos, estando os indivíduos e o grupo, como um todo, operando, simultânea e reciprocamente, nos níveis da tarefa e emoção.

E o relacionamento entre os membros deste grupo extrapolou as tarefas pertinentes à Associação. Mesmo que muitos tenham se conhecido e/ou se reencontrado por intermédio das atividades do Núcleo, a consolidação dos laços estabelecidos aconteceu também fora das suas promoções quando, por exemplo, eram realizados pequenos eventos nas residências de um ou de outro, sendo muitas vezes estes encontros interpretados pelos presentes como encontros entre familiares.

Com relação a esta questão, observamos que essa identificação da Associação com a família era uma constante. Talvez, se tivéssemos analisado mais profundamente a dinâmica familiar de cada um dos membros, aspecto que naquele momento não foi nossa intenção abordar, esta representação poderia ser interpretada ao fato de que, na família natural, muitas destas pessoas não recebiam a atenção e o respeito que encontraram no Núcleo. Nele também tiveram a oportunidade de participação que os laços familiares extinguiram pela elevação dos mais jovens aos postos antes ocupados pelos adultos, hoje os idosos da família.

Em alguns momentos do relato desta nossa pesquisa, fizemos menção ao dinheiro arrecadado nas promoções do Núcleo, como é o caso dos bailes, por exemplo. Foi assim que ele, através do esforço de seus associados, conseguiu formar um patrimônio que, dentre alguns bens, incluía uma conta-poupança bancária.

Se na época não se sabia, ao certo, qual o objetivo desta poupança, o destino para este dinheiro, o grande sonho dos associados sempre foi ter uma sede própria da terceira idade, um lugar só deles. O prefeito, quando acenou com a possibilidade de destinar uma obra (dentre aquelas que estavam sendo construídas pela administração municipal na ocasião) para que ali funcionasse o Núcleo do Idoso de Assis, acabou por criar uma expectativa e uma obsessão nas pessoas que podia ser sentida quando, por exemplo, se discutia a aquisição de alguma coisa, ou a promoção de atividade que pudesse envolver a retirada, mesmo que parcial, do dinheiro poupado. Nestas ocasiões, muitos ciúmes afloravam. A intenção mesmo desta poupança estava na sede, na qual o sonho de ter um aparelho de som, sauna, fisioterapia, mesas para jogos, poderia se concretizar se se poupasse. E este sonho foi concretizado. Pode-se dizer hoje, sem medo de errar, que a sede do Núcleo do Idoso de Assis, construída num grande terreno cedido pela Prefeitura local em regime de comodato, de frente à Estação Rodoviária, é o maior salão em área útil da cidade. Imponente, contou com a colaboração e o trabalho físico e árduo de muitos daqueles que se envolveram mais de perto. O esforço em trabalhar, a segurança em poupar e a crença no possível fizeram com que a tão sonhada sede pudesse estar sendo usufruída por ocasião das festas juninas do ano de 1996, com grandes comemorações, para as quais acorreram caravanas de pessoas de toda a região mais próxima.

Além da sede própria, o Núcleo do Idoso de Assis, desde que iniciou suas atividades, foi construindo um patrimônio de bens materiais que, conforme apontado anteriormente, lhe dá uma certa vantagem sobre outros. É o caso de dispor de mesas e cadeiras, arquivos, freezers, geladeiras, fogões, máquina de costura, toalhas de mesa, vasilhames, ventiladores de teto e tam-

bém uma linha telefônica. Estes bens, conseguidos basicamente em função da renda líquida dos bailes, mas também pela promoção, no início, de bingos e bazares de comestíveis, é voltado para proporcionar o conforto e a satisfação dos próprios associados, como deve ser qualquer associação que tenha por princípio o bem-estar de seus sócios.

Quanto às atividades promovidas pelo Núcleo, conforme apontado anteriormente, a principal delas, até hoje, são os bailes. E, segundo um associado entrevistado, o baile funciona como *moto propulsor ... algo muito primitivo, muito instintivo do ser humano. No momento em que a terceira idade se viu proibida de participar deste tipo de atividade - porque os bailes que surgiram nas últimas décadas são dirigidos unicamente para a juventude - quando se defronta com o baile dirigido a ela, quando ouve as músicas do tempo dela, e ela pode participar, dançar, então eu creio que isso mobiliza muito intensamente as forças interiores da pessoa.*

Se é sabido que o preconceito com relação ao idoso envolve também a área afetivo-sexual, o contato do corpo com outro corpo, contato este que é tão proibido, tão censurado na nossa sociedade, em função de estereótipos, de repente passou a ser possível através da dança nos bailes da terceira idade. E, dentre os estereótipos criados sobre o envelhecimento, está também a crença no arrefecimento do desejo sexual da pessoa idosa, o que faz com que ela acabe incorporando, em função das mudanças ocorridas com o próprio corpo e, conseqüentemente, o seu baixo apreço a ele, o medo da impotência gerado pela ansiedade em ver diminuída a sua potência sexual. E, muitas vezes, por acreditar no mito de que o encerramento da sexualidade é próprio da velhice, acaba por fazer com que o seu retraimento em relação ao parceiro seja cada vez mais freqüente.

Se a retomada das relações afetivo-sexuais na terceira idade configurou-se como um desafio, os bailes para este segmento da população, ao propiciarem o primeiro passo no contato entre os pares, podem estar sendo o embrião para que muitos estereótipos sejam superados. E é interessante observar que a nostalgia que mobilizou à participação, pela lembrança, poderia estar calcada no tempo que muitos julgavam perdido. Mesmo que, como enfatiza Bosi (1991:42) "... esta sensação pálida de agora seja uma reminiscência da alegria de outrora, tendo esta sombra algo parecido com a alegria pelo contorno da evocação", não deixa de ser a vivência, com intensidade, do momento presente, acreditando que a superação das dificuldades pode ocorrer se o coração estiver aberto para o amor no relacionamento interpessoal. Foi assim que o baile propiciou o primeiro casamento entre associados do Núcleo: R., solteira e G., viúvo. Ele, ao perder a esposa, se retraiu e passou a ficar muito em casa, só. Amigos convidaram-no a participar dos bailes da terceira idade e foi num deles que G. e R. se conheceram, começaram a namorar e se casaram. Outros casamentos entre associados do Núcleo aconteceram também após este.

É interessante apontar aqui que as pessoas, quando estão envolvidas num relacionamento íntimo e afetivo, têm um estado emocional mais saudável. Depoimentos sobre o relacionamento de pessoas que se conheceram nas atividades promovidas pelo Núcleo, e passaram a ter um relacionamento mais efetivo, deram conta de que essas pessoas voltaram a dar um novo sentido à vida, ou talvez, apenas recuperaram o sentido que antes achavam nela.

No início deste movimento da terceira idade em Assis, promovido pelo trabalho do Núcleo, os bailes para os idosos eram realizados uma vez por mês, sendo a divulgação feita pelos padres nas igrejas e num programa diário de uma rádio local. Em função do entusiasmo gerado, os bailes passaram

a ser realizados a cada quinze dias. Atualmente, todo sábado e todo o domingo acontece o baile, agora na sede própria, sendo que a responsabilidade pela organização de cada um deles fica a cargo dos coordenadores dos grupos das vilas, num sistema de revezamento.

Antigamente, os bailes eram realizados no salão de festas de uma das igrejas das vilas, tendo o seu início marcado para às 16 horas, com interrupção das 19 às 20 para a missa no templo ao lado, retomando após e até às 22 horas. Com a reforma deste salão, o Núcleo começou a fazer os bailes na quadra de um clube na área central da cidade. Neste local, o horário de início foi fixado para às 19 horas (no verão) e 16 (no inverno), e o término para as 24 ou 22 horas, respectivamente. Como este clube está localizado no centro da cidade, propiciou que muitas pessoas, na época, principalmente aquelas que não possuíam carro, pudessem estar participando dos bailes o que, conseqüentemente, fez com que se atribuísse à facilidade de locomoção o florescimento da Associação. O fato é que as pessoas que se acostumaram a ir aos bailes, não deixaram de freqüentá-los, mesmo que eles tenham sido transferidos de local mais uma vez tendo ido então para a sede de um clube de serviço de Assis, um lugar bastante afastado da área central da cidade e interpretado, pelos associados, como um local meio fora de mão, mas ao qual as pessoas também não deixaram de comparecer.

A grande maioria das pessoas que freqüentava os bailes era o pessoal oriundo das camadas mais simples da população, trabalhadores de baixa renda, na percepção de membros da Diretoria. Mesmo que, invariavelmente, tivesse o grupinho de sempre, aquele que comandava os trabalhos, a maioria era gente bem simples. Talvez isto tenha sido um fato que explicasse a baixa freqüência das pessoas aos bailes nos últimos domingos do mês, quando o

dinheiro já é escasso para muitos. De modo geral, entretanto, era sempre bem concorrido este tipo de atividade, mesmo que dos bailes não participassem alguns segmentos da população, como por exemplo, as pessoas adeptas de outras religiões que não a católica.

O acesso ao local de realização dos bailes era patrocinado pela Prefeitura que cedeu um ônibus que as transportava, gratuitamente, tendo como ponto de saída e de chegada a Catedral de Assis.

Mesmo com altos e baixos, e com a frequência oscilante entre os primeiros e os últimos dias do mês, o baile era visto por muitos como a oportunidade que as pessoas tiveram de sair de casa, se conhecerem, se reencontrarem e, neste sentido, propiciou que elas, ali, se sentissem felizes em estar na companhia de outros, configurando-se como o grande atrativo dos trabalhos da Associação.

Por sua vez, os bailes deram início a outras atividades. Dentre elas, as *reuniões nos asilos* da cidade, ocasiões em que se propiciava música, dança e comestíveis para os que lá vivem. Mesmo que estes eventos não fossem realizados sistematicamente, tinham como objetivo proporcionar o contato, com os de fora, aos idosos institucionalizados. Além disso, quando solicitado, o Núcleo também realizava *bailes beneficentes* nestas instituições, sendo a renda líquida dos mesmos repassada a elas.

Desde o início de suas atividades, o Núcleo do Idoso de Assis também participou das várias *campanhas beneficentes* locais - arrecadação de alimentos, agasalhos, cobertores - por solicitação das secretarias municipais e/ou de entidades filantrópicas. Em contrapartida, uma verba era repassada, pela Prefeitura, para a aquisição de cestas básicas destinadas a beneficiar idosos carentes associados do Núcleo.

Dentre algumas performances, o Núcleo tinha também um grupo de associados que coreografava *danças típicas* apresentando, em ocasiões especiais e devidamente caracterizado, a Tarantella e a Dança do Gaúcho. No Carnaval, as *baianas estilizadas* da terceira idade tornaram-se tradição, sendo muito aplaudidas quando saíam às ruas nos desfiles.

E uma outra, das várias atividades incentivadas pelo Núcleo, foi o ensino de *trabalhos manuais* no salão de festas de uma das igrejas de um bairro da cidade - crochê, tricô, bordado, corte e costura, culinária. Independentemente da idade e de serem associadas, as pessoas podiam aprender estas habilidades, as quais eram ensinadas por voluntárias da própria Associação. Esta atividade era vista, também, como a oportunidade de propiciar o encontro das pessoas, a motivação para sair de casa em busca de novas aprendizagens e/ou de novos aprendizes, uma vez que algumas habilidades, julgadas perdidas, podiam estar sendo recuperadas pela transmissão do patrimônio cultural das pessoas mais velhas, como é o caso das rendas artesanais e das toalhas amarradas. O Núcleo subsidiava a compra de material para o desenvolvimento destas atividades.

As *excursões*, freqüentes no início, quando o Núcleo viajava mais para conhecer trabalhos dirigidos à terceira idade em outros municípios, e eram oferecidas, como prêmio, às pessoas que mais se destacavam (esforçavam) nas atividades da associação local, ficaram algum tempo sem serem realizadas. Foi numa destas excursões que, ao visitarem Garça (SP), estabeleceram o "Pacto da Solidariedade", que consistia em, de posse da carteirinha de identificação da Associação da Terceira Idade, receberem ajuda, onde estivessem, caso ocorresse algum imprevisto.

Algumas *palestras*, realizadas nas reuniões semanais, conta-



vam com a colaboração de profissionais voluntários (médicos, advogados, psicólogos) desenvolvendo temas relacionados ao envelhecimento. Nestas ocasiões, percebia-se o grande interesse e o respeito permeando o comportamento das pessoas presentes, pelo profissional que ali estava. A oportunidade de adquirir conhecimentos sobre os aspectos relacionados ao próprio corpo, à vida e ao sistema que os afeta, era traduzida por uma atitude, do associado, quase que como de reverência ao profissional.

Um momento também bastante agradável era aquele proporcionado nas reuniões das últimas terças-feiras de cada mês, quando os aniversariantes eram homenageados com uma pequena festinha. Cada associado levava um prato de doce e/ou de salgado e o Núcleo patrocinava o refrigerante e o bolo. Nestas ocasiões, percebia-se que a frequência às reuniões aumentava sensivelmente, quando compareciam ao local associados que amiúde não participavam.

Resumindo, podemos aqui apontar que, das atividades que o Núcleo desenvolvia, sem dúvida, a mais concorrida era o baile. Acreditamos que, além de envolver a questão do contato do corpo com outro corpo, e a evocação, propiciada pela lembrança relacionada às músicas da época dos que ali estavam, tinha também a vantagem de ser uma atividade relativamente barata, possibilitando que o associado de baixa renda pudesse participar, sem gastos excessivos, de um programa bastante prazeroso.

Quando nos propusemos estar conhecendo um pouco mais a chamada *terceira idade*, pelo trabalho desenvolvido pelo Núcleo do Idoso de Assis, não poderíamos supor o quão enriquecedora seria esta experiência. Repassar aos associados os resultados das nossas observações, do nosso levantamento, que aqui estão descritos sumariamente, também significou, acreditamos



nós, uma maneira de devolver o quanto aprendemos na convivência com todos, além de poderem os dados estarem servindo de subsídio para permear algumas ações da Associação.

E, se entendemos ser na luta pela (re)construção da sociedade, sociedade esta que tem que oferecer condições para se mostrar digna e justa para todos os seus cidadãos, indistintamente, é que poderão estar sendo garantidos os direitos de cada um, é pelo esforço conjunto, e considerando os conteúdos emergentes - saber fazer a leitura - que hoje aqueles que só têm deveres expressam, que poderemos tornarmo-nos, todos, protagonistas deste processo. Este realmente foi o nosso propósito.

Também sob esta ótica, o Núcleo do Idoso de Assis, enquanto associação que tem como proposta oficial de atendimento à terceira idade, desenvolver programas e/ou atividades que possam estar contemplando este segmento, vinha ensaiando na ocasião do nosso trabalho ... *os primeiros passos para uma política melhor estruturada ... sendo o germe de uma política de atuação que visa fazer com que o povo conquiste, por si só, os seus direitos*, como expressou um dos nossos entrevistados.

E, mesmo que tenhamos aqui relatado uma fase da nossa trajetória junto à terceira idade, de forma concisa e como que acabada, devemos esclarecer que o nosso vínculo com o Núcleo se mantém. Muitas amizades floresceram naqueles encontros, nas reuniões semanais, perdurando até hoje, e se, enquanto pesquisadores, nós tenhamos interpretado que as atividades que o Núcleo promovia eram formas de entretenimento, de reencontros, de estabelecimento de novos laços entre as pessoas, também nos colocamos como alvo das diferentes situações. Muito ganhamos com esta experiência. Ensinamos em algumas ocasiões mas, com certeza, aprendemos muito mais.

Se o grande objetivo do Núcleo do Idoso de Assis foi sempre engajar mais pessoas neste movimento, tarefa para a qual os próprios dirigentes tinham consciência de que não é exclusivamente apenas através das atividades que realizava que isto poderia se efetivar, ele deve ter o respaldo de outras pessoas interessadas, incluindo aí os profissionais comprometidos com os ideais de uma sociedade mais fraterna para todos, para que, conjuntamente, sejam desenvolvidos outros programas e/ou estratégias de ação que envolvam, mais amplamente, o segmento em questão.

Foi com esta perspectiva que, ao cumprirmos mais uma etapa na nossa trajetória profissional, analisamos a nossa inserção junto ao Núcleo do Idoso de Assis - o que a presença de um profissional em diferentes momentos poderia ter significado para aquelas pessoas. Sentimo-nos então impulsionados a refletir sobre uma outra possibilidade de trabalho que pudesse estar contemplando a diversidade de características da população-alvo e que, direta ou indiretamente, poderia beneficiar o alcance dos direitos do cidadão idoso: a educação permanente e/ou continuada na Universidade. Implantar uma proposta especificamente voltada aos interesses de um subgrupo populacional, cuja participação relativa na população vem apresentando um nítido crescimento, foi o nosso passo seguinte pois, se entendemos que o processo de desenvolvimento do ser humano deve ser facilitado pela possibilidade de exploração do seu potencial, a educação continuada ou permanente nunca cessa se lhe são oferecidas as oportunidades nas alternativas sociais.

VI

METODOLOGIA

Nos capítulos anteriores, ao procurarmos mostrar por meio do relato, seja de estudos e/ou de políticas de ação que vêm sendo desenvolvidos em alguns países sobre o envelhecimento em escala mundial - e o que isso acarretará - seja pelo relato da nossa experiência particular em vivenciar a terceira idade junto ao Núcleo do Idoso de Assis, podemos dizer que o nosso envolvimento, enquanto pesquisadores, sempre procurou se manter fiel a uma postura que privilegia a inserção participante na pesquisa social. Mantivemo-nos, desta forma, coerentes com os princípios que embasam a atuação do profissional de Psicologia comprometido com a realidade subjetiva e, neste sentido, busca seguir o corpo de idéias que acredita éticas para o desenvolvimento da consciência crítico-social.

No momento em que a pesquisa-ação caracteriza-se "... como uma estratégia de pesquisa que agrega vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação" (Thiollent, 1986:25), privilegiando o acompanhamento a grupos considerados menos privilegiados da sociedade, com o objetivo de, conjuntamente, levantar suas aspirações e potencialidades para que, desta forma, estejam caminhando em direção ao conhecimento e à ação. Podemos considerar o nosso objeto/sujeito de estudo - a *terceira idade* - também nesta trajetória, como demonstrado anteriormente, e a nossa postura, enquanto pesquisadores, como profissionais atuantes para a efetivação de um projeto social que garanta ao idoso o seu espaço na sociedade. É assim que partir de um fato concreto - o envelhecimento cada vez maior da população - e priorizar um nível de compreensão profundo sobre esta questão, é investir numa reflexão que permitirá ser o conhecimento possível de ser incorporado



pelo público-alvo em direção ao seu integral desenvolvimento. Nesta premissa, a forma de ação, uma vez comprometida com a perspectiva de transformação social, orienta-se não só segundo os parâmetros de uma vertente educativa na busca de formas alternativas de atuação, mas também apoia-se em diretrizes sociais militantes que colaboraram por fazer emergir a preocupação com a questão. Registre-se, entretanto, que mover-se amparado apenas por essas determinações não é garantia da eficiência da ação. Há que se ter também a competência técnica, necessária para que o pesquisador esteja sempre calcado num processo de investigação que contemple decisões, conceitos, técnicas e dados, entendidos como facilitadores do avanço da prática sobre a realidade. (Thiollent, 1986)

A pesquisa-ação, entendida não como um método, mas antes como uma estratégia a nortear a postura do pesquisador na pesquisa social, ao longo da qual se estabelece um tipo de abordagem no qual a importância está exatamente em "... registrar e analisar o próprio movimento histórico enquanto ele está ocorrendo" (Nascimento, 1990:72), foi a opção, eleita por nós, desde o início da nossa inserção no entendimento das questões que envolvem o envelhecimento. A partir do momento que o estabelecimento de laços de confiança entre pesquisador e pesquisado faz com que a nossa conduta não se caracterize como meramente ativista, nos diferentes momentos do nosso trabalho junto ao Núcleo do Idoso de Assis, não procuramos assimilarmo-nos à população em estudo, embora como sócia da Associação, tenhamos desenvolvido atividades em conjunto. Conforme aponta ainda Nascimento (op. cit.) às p.70-1, "... pesquisadores que insistem em se igualar aos participantes podem ser ineficazes. As semelhanças entre eles existem e são benéficas porque promovem a comunicação e a confiança. Mas são as diferenças que oferecem a possibilidade de

aprendizagem mútua e o desenvolvimento e, portanto, devem ser ressaltadas".

Em várias ocasiões, porém, fomos tomados, de assalto, por sentimentos nostálgicos que, com mais regularidade, são experienciados pelas pessoas com mais de 60 anos. Entretanto, esses comportamentos podem ser reflexos do processo de inovação da sociedade, afetando homens e mulheres, seja na proximidade do período de envelhecimento, seja na própria velhice.

E, mesmo que tenhamos, por conta de estarmos procurando assegurar que os objetivos propostos fossem atingidos, nos utilizado também de técnicas quantitativas no estudo do Núcleo do Idoso de Assis - caso da pesquisa de levantamento visando traçar o perfil do associado - acreditamos que aquele trabalho se caracterizou, essencialmente, como uma pesquisa-ação-participante uma vez que, no itinerário junto à Associação, a nossa conduta procurou privilegiar, sempre, o envolvimento com a população estudada com vistas a perceber as suas necessidades e expectativas. Foi assim que ao propormos a realização de entrevistas com alguns dos seus associados tínhamos como objetivo captar as representações de diferentes aspectos relacionados à Associação da terceira idade de Assis, para que, por este recurso, pudéssemos traçar não só o histórico do movimento, mas também refletir sobre as políticas de ação implantadas e os benefícios que elas podem (ou não) estar trazendo à população-alvo.

Neste raciocínio, acreditamos ser o psicólogo social não meramente um pesquisador na consecução dos seus objetivos, mas antes um profissional que eleva o pesquisar à condição de prática social, no momento que a leitura correta dos resultados do trabalho pode lhe apontar diretrizes para o seu desenvolvimento. Assim, a atitude do pesquisador quando privilegia o espaço



da "escuta" pode fortalecer o estabelecimento de um papel ativo no equacionamento das questões que envolvem "... a organização da investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada" (Thiollent, 1986:15).

E foi esta a postura que sempre procuramos manter na nossa trajetória junto ao Núcleo. A restituição sistemática dos resultados e conhecimentos obtidos ao longo dos nossos estudos foi uma prática regularmente utilizada por nós, pois se entendemos o conhecimento como pertencente à humanidade, ele não pode ficar restrito a um segmento determinado. E a crença na eficácia desta prática pode ter colaborado também para o fortalecimento das nossas relações - a relação pesquisador-pesquisado - em direção à superação da díade sujeito-objeto e, desta forma, para que sentíssemos-nos amparados em propor outras ações que contemplassem a população-alvo. Uma vez que "... a relação horizontal entre pesquisador/pesquisado procura criar um processo coletivo de produção do conhecimento onde investigador e investigado sejam ambos sujeitos do saber produzido, o ato de conhecer é visto como um processo complexo de relações recíprocas entre sujeito e objeto do conhecimento" (Lane e Sawaia, 1988:39), no qual o ato de saber é produto da intersecção de ambos no processo de investigação.

A partir do momento que refletimos que as ações não ocorrem isoladamente e nem são determinadas por objetivos parciais, sendo antes propostas de integração orientadas pelo objetivo final da atividade, esta entendida como um sistema de ações, a cooperação e o diálogo tornam-se fundamentais para a consecução da tarefa. A proposta do oferecimento de atividades na Universidade a quem envelhece, ou está envelhecendo, deve ser um projeto que

envolva todos os voluntários interessados em colaborar para dignificar a vida do outro, num processo de reflexão e adaptação à realidade incontestável do crescimento, cada vez maior, do contingente de pessoas idosas, e com flexibilidade e complementaridade suficientes para atender às necessidades do grupo em questão. Desta forma, ao considerar a memória dos idosos como o veículo transmissor de todo um cabedal de experiências e valores de uma cultura, "... a sociedade, e a educação em particular, precisam reconhecer e se posicionar frente a essa nova realidade ... passando a universidade a ser um lugar privilegiado para a convivência de gerações ... num mundo em que a segmentação tende a separar crianças, jovens e idosos em atividades e locais sem comunicação, o enorme cabedal de experiências e de conhecimentos dos mais velhos tem se revelado importante e interessante para os mais moços, quando a oportunidade de encontro tem sido proporcionada no ambiente acadêmico" (SOUZA, P. R. Folha de São Paulo: 02/07/96).

Ora, a nossa identificação persistente com uma nova postura da Psicologia - a Psicologia Comunitária - a qual, por sua vez, implica em adotar um marco conceitual que tem como pressuposto "... o aprofundamento da consciência e da ação comunitária como decorrência da atividade comunitária dos indivíduos e das condições sócio-históricas do lugar em que vivem ... promovendo a atuação do indivíduo através da atividade comunitária, num contexto solidário e dialógico, onde sua própria prática é plena de significado e reconhecimento na construção do trabalho ... no ato de construir o trabalho, descobri-lo, conquistá-lo, fazê-lo seu, em ação com os demais, o indivíduo rasga o véu do automatismo social e constrói um nível de consciência inquieto, indagador, faminto de reconhecer e mudar a si e ao mundo" (Góis, 1994:43-5),

nos envolveu num trabalho que, estrategicamente, pode ser relacionado a uma proposta de educação popular quando, por exemplo, esta é caracterizada como uma educação libertária, uma educação para a vida, que atende as reais necessidades e expectativas da clientela para a qual se dirige, num esforço coletivo que valoriza as situações concretas de vida dentro das possibilidades da ação comunitária.

Neste sentido, trabalhar com a terceira idade na Universidade - seus anseios, expectativas, necessidades e aspirações - é vivenciar um projeto de educação popular norteado por diferentes atividades que se propõem incorporar ideologias, valores e conceitos que se acredita serem as premissas básicas de determinadas ações dirigidas à população-alvo.

A nossa proposta, no presente trabalho, centra-se na análise do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* desde a sua implantação na Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP, no primeiro semestre do ano de 1994. Questionários de levantamento de necessidades e expectativas, observação-participante, traçado do perfil dos participantes abrangendo itens como: sexo, idade, escolaridade, estado civil e procedência, foram técnicas de coleta de dados que utilizamos para chegarmos ao objetivo da ação, que pode ser resumido na avaliação do que este processo está significando para aquele que ocorre aos bancos escolares de uma universidade depois de uma determinada idade. Neste sentido, o questionário, enquanto um dos instrumentos utilizados para satisfazer a certas necessidades do trabalho, buscou não só traduzir a busca das informações em termos quantificáveis, mas, por outro lado, procurou também garantir a sua aplicação nesta realidade particular, ou seja, a investi-

gação dos gostos, das opiniões, das necessidades e das expectativas do nosso universo de pesquisa, além do que procurou captar o significado atribuído pela oportunidade em freqüentar as atividades do Programa. Nesta estratégia, registrar o empírico e analisá-lo significou fazer prevalecer, a partir dele, determinadas formas de ação expressas pelos anseios da clientela.

Discutir uma proposta de educação continuada e/ou permanente para a terceira idade num projeto em andamento, se propõe ser o objetivo que norteia todo este nosso trabalho, amparado também pela análise do significado que tem, para aquele que trabalha com a população-alvo mais estreitamente, oferecendo atividades específicas em sala de aula, para que possamos, assim, refletir sobre esta prática na Universidade.

Entendendo que oportunizar a educação na Universidade para o idoso é promover a educação continuada ou permanente, haja vista que esta é considerada como aquela que privilegia o desenvolvimento do potencial do ser humano ao longo de toda a sua vida, seja ele escolarizado ou não, estamos no Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* da Faculdade de Assis propiciando, além do conhecimento, também a integração do idoso entre seus pares, entre as gerações, o que favorece, neste convívio, a promoção do fortalecimento de laços de amizade e de cooperação. Se facilitar a educação do cidadão idoso na Universidade, por meio do oferecimento de atividades que estejam indo ao encontro das suas necessidades e expectativas, implica em conteúdos práticos e funcionais, acreditamos que estejamos, todos, proporcionando



a ele - e a nós, os envolvidos no processo - uma relação educativa, democrática, pluralista e participativa pois

Uma sociedade madura, sadia é aquela que se prepara, que se organiza para atender ao seu cidadão idoso, retribuindo-lhe o que lhe ofereceu com seu trabalho a essa mesma sociedade, com compromissos, respeito e ética. Esse cidadão espera de todos o mesmo compromisso, o mesmo respeito e a mesma ética (Giubilei, 1993:14).

VII

O PROGRAMA UNESP ABERTA À TERCEIRA IDADE



ALEGRIA DE VIVER

Quem não vive assim por acaso
 Ou cansando-se a caminho
 Quer saber qual a razão
 É a vida ou a esperança
 Com a esperança
 Aprende a ser feliz
 Na escola da própria idade

Quem quer a vida a gente
 Quer viver com graça e amor
 Que a vida seja bem
 Que a vida seja bem
 Que a vida seja bem
 Que a vida seja bem
 Que a vida seja bem
 Que a vida seja bem

VII

O PROGRAMA UNESP ABERTA À TERCEIRA IDADE

Quando a vida é curta
 Quando a vida é curta
 É a vida que se vive

Na escola da terceira idade
 Os alunos da terceira idade

Além da vida por acaso
 Há gente de toda cor
 Há gente de toda cor
 Há gente de toda cor
 Há gente de toda cor
 Há gente de toda cor
 Há gente de toda cor
 Há gente de toda cor

(Aluna: Emelinda Conceição Constantino Marzoni, 60 anos)

ALEGRIA DE VIVER

Quem me ver assim sorrindo
 Ou cantando uma canção
 Quer saber qual a razão
 E a todos eu ... explico
 Com sinceridade:
 Aprendi a ser feliz
 Na escola da terceira idade

Nossa escola ensina a gente
 Que viver em grupo é bom.
 Que ginástica faz bem
 Que faz bem a natação.
 Que é bom a gente andar,
 Que cantando a gente ajuda
 A nossos males espantar.

É o nosso encontrão
 E aquele bate papo
 Quando bate o coração.
 E a amizade vai crescendo
 E o amor tem que nascer,
 No embalo deste sonho
 Da alegria de viver.

Aí não tem preconceito
 Há gente de toda cor,
 Seja rico ou seja pobre
 Operário ou Doutor.
 Se o sol nasceu para todos
 Deus é pai, você é irmão
 Para amar e ser amado
 É que temos coração.

(Aluna: Esmeralda Conceição Constantino Manzoni, 60 anos)

1. OS SUBSÍDIOS TEÓRICO-PRÁTICOS DA PROPOSTA

Nestes quatro anos de convivência com a terceira idade tivemos oportunidade de colocar em prática, no nosso próprio local de trabalho, alguns princípios e conhecimentos que por muitos anos vêm embasando a nossa formação e atuação profissional. Embora a nossa atividade acadêmica, ao longo da carreira universitária, tenha procurado estar voltada para a assessoria e/ou acompanhamento a trabalhos comunitários, em vilas e bairros da cidade e na região mais próxima, ligados ou não ao poder público, foi na Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP que realmente nos identificamos com uma experiência que vimos nascer e se fortalecer: um Programa cuja ação - coletiva - mostra estar sendo eficaz na condução e construção de um sentido comunitário de ação.

O nosso objetivo quando nos propusemos estar trabalhando com as pessoas que envelhecem ou que já envelheceram sempre foi o de, juntamente com elas, discutir questões e alternativas para que o percurso desta trajetória da vida pudesse estar viabilizando um processo maduro e consciente em direção à convivência saudável com o envelhecimento. Assim, propor e implantar atividades com esta clientela específica na Universidade veio complementar ações já desenvolvidas por nós anteriormente com esta faixa etária, conforme relatado neste trabalho.

Quando se discute a significação da conduta humana que impulsiona as ações, muitas vezes confunde-se, ainda hoje, a ação social como

forma única e exclusiva de assistência àqueles considerados os excluídos e/ou marginalizados da sociedade. O que vai se tratar aqui procura atribuir ao social um significado específico visando quebrar esta noção assistencialista de contornar os problemas sociais. Neste sentido, a ação social passa a ser pensada, nos níveis conceituais e metodológicos, por aqueles agentes que se propõem empreendê-la, de forma diferente à visão positivista dos fatos, ou seja, agora procurando organizá-la segundo os ditames da própria realidade social em que se justificará, o que implica, necessariamente, fazer, de antemão, a leitura correta dos conteúdos emergentes e explicitados na fala popular.

Ora, dado o crescimento, em níveis surpreendentes, da população-alvo deste trabalho, demonstrado em capítulos anteriores, faz-se mister que não só nós, engajados na causa, mobilizemo-nos, mas também que as ações visem tanto a conscientização da clientela específica, como a sociedade de modo geral. O que se percebe, porém, é que muitas vezes algumas políticas implantadas em direção aos idosos visam alcançar resultados em massa para atingir o maior número de pessoas. Assim também, e amiúde, tais ações são, ao contrário de ouvidos os interessados, definidas pelo Estado que, em nome de sua soberania, propõe aquilo que julga como adequado. Desta forma, muitas vezes continuam se perpetuando noções que, funcionando como disseminadoras de um ideal protecionista, acabam por fortalecer a idéia de carência, e conseqüentemente, da necessidade de prover somente a assistência aos cidadãos idosos, o que leva também à propagação de exigências quanto ao seu ajustamento social. Assim procedendo, o ideal de cidadania pelo qual se luta e se busca será sempre escamoteado, haja vista não lhes serem asseguradas as oportunidades para fazer emergir em cada uma "... aquela revolução interna, na qual o rompimento com o autoritarismo e com o consumismo começa em cada

uma das subjetividades - em cada um de nós, portanto, a todo momento - e da qual extraímos a força subjetiva de se sobrepor ao cotidiano" (Covre, 1993:74).

Como um dos princípios fundamentais da Constituição Federal, a cidadania assegura a todos os brasileiros e estrangeiros residentes no país, plenos direitos e obrigações perante a lei, independente de sua origem, raça, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Nesta condição, sendo a aprendizagem da boa convivência em sociedade a garantia para que as pessoas sejam respeitadas enquanto seres humanos na sua dignidade, o respeito e a proteção são deveres e direitos de cada um em relação ao outro. Desta forma, o cidadão é aquele indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, sendo a cidadania a condição de cidadão - o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão.

Viver a cidadania é viver cotidianamente a vida humana em seus vários aspectos orgânicos: na organização do trabalho e da vida privada, no lazer e no descanso, no intercâmbio e na atividade social sistematizada (Heller, 1985), sendo o direito à vida, no seu sentido pleno, o cerne da cidadania o que implica no envolvimento da coletividade para o seu processamento.

No caso do idoso, este caminho só será possível se, ao invés de o tutelarmos - seu corpo, seu potencial, sua força, sua experiência de vida - propiciarmos-lhe formas de informação e integração para que possa, conscientemente, dirigir as suas ações dentro das possibilidades existentes. Uma das alternativas para que isto se efetive é certamente pela Educação, desde que esta se consolide em direção ao historicamente possível e, desta forma, obedeça aos limites da sua própria prática que, assim, pode se configurar como polí-

tico-educativa. Segundo Paulo Freire (1988:7) "... a compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação a seu objeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político, assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação". Isso implica, sem dúvida, nas nossas ações, a consideração das questões emergenciais provocadoras dos conflitos numa determinada sociedade. No caso do idoso, ele, enquanto portador muitas vezes também do título de 'excluído' da sociedade e, portanto, necessitando da tutela e da proteção do Estado, significa compreender o nível em que se acha a sua luta ou o seu conflito nesta trajetória da vida. Explicitar as suas contradições internas, vividas no confronto entre o que se lhe atribui enquanto possível e as suas reais possibilidades, é fomentar o diálogo num exercício de democracia que privilegia a reflexão e a ação dos homens sobre o mundo. O que significa, em síntese, que assumir uma prática desta natureza é estar comprometido com a construção de uma sociedade na qual o conhecimento pode ser compartilhado entre todos. Nesta visão, a Educação deve envolver não só concepções filosóficas, políticas, econômicas e pedagógicas integradas, mas urge que esteja também voltada para os interesses e necessidades da população-alvo.

E, enquanto profissionais da Psicologia, na nossa prática acadêmica, sempre nos identificamos com um fazer que procura não só romper com uma postura limitada em "... apenas descrever o que é observado ou enfocar o Indivíduo como causa e efeito de sua individualidade", mas também com a postura "... de reprodução das condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social" (Lane, 1984:15), caracterís-

tica de uma prática que não considera o sujeito como produto e produtor de sua história e da história da sociedade em que vive. Se entendemos que a análise de um fenômeno social, sob a perspectiva dos processos psicológicos nele envolvidos, não pode deixar de lado os fatores histórico-sociais que o envolvem, nem tampouco a forma como as pessoas o representam e lhe dão significado, a Psicologia Social deve contribuir em direção ao enriquecimento desta análise. Faz-se mister então "... entender o movimento de consciência dos indivíduos, que se dá em relação às atividades que eles desenvolvem em interação com outros indivíduos; conhecer os processos grupais que produzem um sentido "nós", através da cooperação e da compreensão de determinantes histórico- sociais é a tarefa que compete à Psicologia, tornando a sua prática um movimento de conscientização social e de atividades transformadoras da sociedade" (Lane e Sawaia, 1988:5).

A afirmação de um novo modelo em Psicologia Social, principalmente nos meios acadêmicos, quando se reconheceu que a tradição biológica da Psicologia - "o indivíduo era considerado um organismo que interage no meio físico, sendo que os processos psicológicos (o que ocorre "dentro" dele) são assumidos como causa, ou uma das causas que explicam o seu comportamento" (Lane, 1984:11) já não mais se sustentava, em função mesmo dos imperativos de uma nova ordem científica que a sociedade reclamava em consequência de sua desordem social, acabou por promover ao profissional da área, sedento por colocar os seus conhecimentos ao alcance de uma população mais desfavorecida, o contato com as comunidades. A par do surgimento e do desenvolvimento, nas décadas de 60 e 70, de movimentos de natureza religiosa-pastoral promovidos e incentivados pela Igreja Católica - as Comunidades Eclesiais de Base - (Martins, 1987), e de outros nas cidades em oposição à

repressão política que o Brasil atravessava, a Psicologia Social mobiliza-se e associa-se aos trabalhadores de saúde mental na proposta de trabalhar com questões voltadas à saúde preventiva e à melhoria da qualidade de vida.

Experiências em comunidades, desenvolvidas por profissionais da área e relatadas em Encontros de Psicologia Social, procuraram, a partir das características dos trabalhos apresentados, por uma sistematização com vistas a definir o caráter específico da prática psicológica em comunidades. Educação Popular, técnicas de dinâmica de grupos, terapia, técnicas de trabalhos artesanais, dentre outras, foram usadas como suporte para o desenvolvimento dos trabalhos que tiveram como resultados não só a promoção da auto-organização, da auto-estima, do desenvolvimento da liberdade de expressão, mas também o entendimento das relações sociais e das regras necessárias para o desenvolvimento grupal. O papel do psicólogo envolvido em comunidades acabou por ser caracterizado como aquele profissional que é responsável por fazer emergir, nos indivíduos e/ou grupos, a conscientização e a habilidade para o exercício do autocontrole sobre os eventos que porventura possam interferir nas vidas dos seus membros, sendo que os elementos mediadores da transformação foram comumente localizados nas ações organizadas e cooperativas. (Lane e Sawaia, 1991)

Embora estes Encontros, promovidos nas décadas de 80, tenham procurado por uma sistematização conceitual e metodológica nos fazeres em Psicologia Social, Nascimento (1990) aponta que quando se fala em Psicologia Comunitária deve-se ter consciência de que a noção que permeia esta disciplina não é amplamente legitimada e incorporada por quem faz e pratica a Psicologia, sendo muitas vezes alvo de dúvidas e questionamentos se ao se praticar Psicologia Comunitária está se fazendo Psicologia. Ao se tentar defini-

la, o próprio termo que poderia identificá-la já é, em si, um desafio, conforme demonstra a autora na sua Tese de Doutorado "Ramificações da Psicologia Social - Perspectivas da Atuação Comunitária": "... o termo tem variações semânticas - trabalho comunitário, psicologia na comunidade, psicologia da comunidade, psicologia comunitária" o que indica, nesta diversidade de títulos, "... uma psicologia que saiu fora de seus próprios limites e está repensando seu campo de atuação, desfazendo as fronteiras do saber psicológico, das técnicas, dos espaços", em oposição à psicologia que se convencionou chamar de tradicional, e que, ao contrário desta, "... atua de diferentes maneiras" (p.10).

Na história da emergência deste tipo de atuação, deslocado das clínicas e consultórios particulares, contribuiu também para o seu desenvolvimento a incorporação de marcos conceituais que foram decisivos para se pensar num *modus operandi* diferente da Psicologia tradicional. A partir do momento que se questionou, por psicólogos sociais, as noções de homem, de sociedade e de psicologia (de quais falamos e como e por que fazemos?), os rumos de uma prática voltada aos interesses comunitários provocaram uma séria revisão dos conceitos até então difundidos.

Tratava-se agora de trabalhar novos saberes e reconceituar outros, levando em conta que o indivíduo é uma realidade social e histórica. No desejo e na necessidade de facilitar a integração entre teoria e prática, considerou-se tanto os fatores sócio-políticos que influenciam a criação de um novo paradigma a nortear a postura científica, quanto as forças históricas que porventura podem contribuir para o seu desenvolvimento, assim como também as normas profissionais que regem a disciplina em questão, o que implica, necessariamente, neste caso, não se perder de vista a especificidade do papel do psicólogo. Ora, integrar todas estas normas num só objetivo exige dos profissi-

onais da área várias etapas de desenvolvimento das opiniões acerca da ciência em questão, pois não é tarefa fácil e imediata adotar-se uma postura que venha quebrar as noções até então difundidas e aceitas.

No desenvolvimento da estrutura social deste novo paradigma a guiar uma possível Psicologia ora chamada Psicologia Social Comunitária, ora Psicologia Clínica Comunitária, Psicologia Social Aplicada e até Psicologia Ecológica, várias foram as etapas para se chegar a um marco conceitual, prevalecendo muitas vezes, ao invés das provas da superioridade deste paradigma alternativo emergente, a crença nas possibilidades de seu alcance social. Numa visão voltada para a saúde mental comunitária, admitiu-se não só que as forças sociais tanto podem ser responsáveis pela prevenção quanto pelo desenvolvimento das patologias, assim como a importância do papel da comunidade no estabelecimento da rede de relações interpessoais, o que implica, neste caso, a consideração da pessoa e do ambiente como uma unidade funcional em troca contínua. Levou-se em conta também a questão da necessidade de incentivar mudanças organizacionais (entendendo-se as comunidades compostas por conjuntos delas), objetivando o estabelecimento de metas, o que incide na desburocratização e na redistribuição do poder, processo este que precisa sempre ser desenvolvido em colaboração com as partes interessadas, ou seja, não perdendo de vista que a especificidade centralizadora dos trabalhos deve ser sempre o compromisso com as pessoas oprimidas. Desta forma, a necessidade de uma apurada visão histórica dos determinantes sociais aliada à explicitação dos valores e da ideologia a permear a visão de mundo do psicólogo voltado para a promoção e/ou transformação da comunidade, foram os propulsores de uma nova forma de se pensar e praticar a Psicologia.

Quando refletimos que o empobrecimento, cada vez mais



crescente, de uma grande parcela da população brasileira - acirrado nos primeiros anos do regime militar, anos estes caracterizados como os do "milagre econômico" mas que, ao contrário, só gerou descontroles sociais, paulatinamente perpetuados ao longo dos desmandos dos governos seguintes - não permite que ela tenha acesso aos serviços psicológicos oferecidos nas clínicas particulares, faz-se imperioso e urgente revisarmos as nossas funções e as nossas responsabilidades em relação a esta população. Assim, propiciar-lhe formas alternativas de lidar com suas angústias e ansiedades, haja vista que "... o desenvolvimento social e a complexidade crescente dos problemas sociais continuam trazendo à baila a importância da comunidade como realidade social de coesão e solidariedade entre os homens a ser resgatada a partir dos seus núcleos de vivência e existência" (Souza, 1993:63), é nosso dever, até porque, nesta postura, ao incorporarmos o nosso papel profissional devemos estar também assumindo o nosso lugar enquanto cidadãos, o que, por extensão, identifica o nosso trabalho no compromisso com um projeto coletivo. Nesta direção, ao priorizarmos a ação coletiva enquanto um sistema de relações, podemos estar contribuindo para fazer aflorar os elementos que constituem a dinâmica dos grupos formados por pessoas socialmente destituídas - e que estão vivenciando um processo de perda - e, conseqüentemente, colaborando para a emergência da autopercepção e da auto-formulação de suas idéias. Como resultado, refletir sobre os motivos que levam o indivíduo a participar de um determinado grupo, que pode contribuir para o seu processo de socialização e desenvolvimento enquanto ser humano e cidadão, é estar auxiliando-o a melhor compreender o seu meio ambiente e a si próprio. (Alonso, 1994)

Nesta tarefa, entretanto, o profissional da área muitas vezes esbarra nos limites entre o que é especificidade sua e os saberes de outras áreas

do conhecimento. Ao não insistir na busca de uma identidade própria e única, que supostamente poderia lhe assegurar uma afirmação, o psicólogo, nesta convivência interdisciplinar, acaba por promover a troca de saberes, residindo aí a riqueza da atuação profissional, tanto para ele quanto para os outros profissionais envolvidos. Segundo Nascimento (1990:13), esta identidade ampla e complexa está calcada "... na tênue linha divisória entre sua prática e as práticas de áreas afins" sendo que "... a dimensionalidade do contexto no qual a Psicologia Comunitária se desenvolve determina esta troca com outras áreas do conhecimento". Além disso, o compromisso com a transformação social, próprio do profissional realmente identificado com uma psicologia que não fica restrita apenas às mudanças de mentalidade do seu objeto/sujeito de estudo e análise, mas também da sociedade em direção a um ideal digno de vida para todos, acaba produzindo, a cada prática, novos saberes em função não só da ação que se desenvolve mas também das demandas que aparecem.

Quando trabalhamos numa equipe, sendo ou não psicólogos, é importante acreditarmos que realmente precisamos do outro e que nosso conhecimento não é algo isolado, fragmentado ou compartimentalizado. Isso é um primeiro momento do conhecimento: delimitar o objeto de estudo e conhecer o fenômeno isolado. Só que o fenômeno não ocorre isolado, mas na trama das relações sociais, das relações interpessoais, no meio do ideológico e de diferentes epistemologias, no meio de diferentes filosofias e pessoas. O fenômeno ocorre na vida. Portanto, preciso de outras disciplinas porque o meu olhar não consegue captar a complexidade da trama em que ele ocorre. Eu preciso do meu colega, tanto quanto ele de mim (Costa, 1992:180-1).

E assim, ao se delinear o caráter interdisciplinar do fazer em Psicologia Comunitária estamos, sempre, buscando formas alternativas de atuação. Uma vez que o que interessa e é necessário é se lidar de forma a promover o ser humano dinamicamente, propiciando-lhe formas de integração ao seu grupo e à sociedade da qual faz parte, temos como elementos a permear a ação dos profissionais envolvidos, não só a competência técnica naquilo que é próprio do saber de cada um, mas também a paixão pelo que fazem. Neste sentido, captar as necessidades da clientela, ao mesmo tempo que promover nela a "consciência da necessidade", é uma dupla tarefa a que o profissional realmente comprometido nesta causa leva avante com vistas à recuperação da autonomia dos sujeitos mas que, por sua vez, lhe exige um envolvimento emocional que acaba por se incorporar ao seu papel político. Como aponta Nascimento (1990:182-3), "... quando ele se propõe colocar seu saber técnico a serviço da solução de um problema social, leva junto esta possibilidade de envolvimento, leva sua história e suas crenças".

Nesta premissa, o poder, próprio daquele que se intitula detentor de um determinado conhecimento científico, tem que ser revisto para não ratificar "... o paradigma da ciência moderna, sobretudo na sua construção positivista, que procura suprimir do processo de conhecimento todo elemento não cognitivo (emoção, paixão, desejo, ambição, etc.) por entender que se trata de um fator de perturbação da racionalidade da ciência. Tal elemento só é admitido enquanto objeto de investigação científica, pois que se crê que desta forma será possível prever e logo neutralizar os seus efeitos. A paixão é incompatível com o conhecimento científico, precisamente porque a sua presença na natureza humana representa a exata medida da incapacidade do homem para agir e pensar racionalmente" (Santos, 1989:117-8). Ora, perseverar nesta

perpetuação incessante da neutralidade científica é reproduzir as mesmas regras de uma sociedade que cria e alimenta a dissociação das relações humanas.

Assim também, é fundamental que o profissional compreenda os mecanismos de reprodução do poder no cotidiano das pessoas, haja vista o seu desvelamento poder propiciar a reavaliação da manutenção de determinadas relações sociais.

É da maior importância para a rede de relações de poder que constitui o viver diário, entender a violência arbitrária e a ação conjunta transformadora. Por outro lado, esta só pode ser promovida quando a subjetividade individual é restaurada, o que implica entender as representações de mundo, emoções e afetos, que são elementos que definem a sua unicidade (Lane e Sawaia, 1991:6).

E foi a insatisfação com as possibilidades de alcance de determinadas práticas psicológicas que fizeram por deslocar a Psicologia para a comunidade. E aí um outro tipo de postura se fez necessária e imperiosa - uma postura que valoriza muito mais a relação sujeito-sujeito, em contraposição à díade sujeito-objeto de até então, e que caminha para a consecução de objetivos calcados na emergência de um sentimento comum entre as pessoas, e em direção ao reconhecimento de que a força dos homens organizados pelas e nas relações comunitárias podem concretizar um processo de transformação da sociedade para o bem estar de todos. Assim,

O psicólogo social que atua junto aos movimentos populares deve ter como meta contribuir para o fortalecimento de mecanismos



que permitam a organização e a conscientização das pessoas; isto só é possível à medida que a alienação do "EU e TU" evolua para uma relação comunitária, na qual o "NÓS" passe o ser o sujeito da ação.

(Reboredo, 1992:21)

E foi também esse o princípio que nos motivou e impulsionou para que encampássemos o Projeto Universidade Senior proposto pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Como em Assis já estávamos há algum tempo envolvidos com a questão da terceira idade, conforme relatado em capítulos anteriores deste trabalho, assumir um projeto que pudesse significar melhoria de vida para a clientela a qual ele se destina significava investir num projeto de vida no qual também nos incluíamos. Se entendemos ser nos movimentos e/ou associações populares que podem ser criadas e fortalecidas as relações comunitárias, com vistas à humanização da convivência entre as pessoas que delas participam, e que conseqüentemente podem ser estendidas para outras que com elas convivem, procuramos, no Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* da Faculdade de Ciências e Letras de Assis promover, no âmbito dos nossos saberes, não só a integração intergeracional como também a possibilidade de estar sendo instigada a capacidade de cada um em aprender e se reconhecer também no espaço universitário.

Embora tenhamos reconhecido que o trabalho do Núcleo do Idoso de Assis é de grande relevância na cidade, até porque voltado para a população-alvo, especificamente, foi pioneiro, com um grande alcance regional que envolve um número considerável de pessoas que acorrem às suas atividades, principalmente aos bailes promovidos, sabíamos que um projeto maior,

que pudesse estar atendendo um contingente diversificado de pessoas acima de 50 ou 60 anos, teria que envolver a Educação.

Acreditando ser pela aprendizagem de novas formas de relacionamento e de participação, que se reconhecerá que aqueles que envelhecem sejam considerados patrimônio cultural da sociedade em que vivem e, desta forma, sua cultura, seus valores, suas experiências poderão estar sendo preservados pelo contato entre as gerações, a formação do cidadão desta era deve ser concebida e ter como princípio um processo de educação moderna para todos, o que implica em praticidade e participação fundamentadas nas modernas formas de vida e de produção, sem deixar de atender, entretanto, às necessidades e expectativas de cada um.

Desta forma, e no momento em que o homem for respeitado no seu direito à participação da sociedade em que vive, a possibilidade do fortalecimento da cidadania poderá estar sendo assegurada. E quando o idoso puder participar, efetivamente, no contexto nacional, com certeza poderão estar sendo recuperados os valores éticos que permeiam o processamento da consciência crítica de todo cidadão. Neste sentido, cabe à Educação promover a conquista (ou a recuperação) da autonomia do ser humano para que, de posse dela, ele possa refletir sobre a realidade concreta em que vive, num processo crescente de conscientização que lhe propicia a abertura necessária à transformação. (Vale, 1989:44)

Pensando no papel da Universidade - ensino, pesquisa e extensão (ou prestação) de serviços à comunidade - aliado a iniciativas (públicas e/ou privadas) voltadas ao envolvimento da sociedade para que se procure assegurar condições ao bem-estar físico e psíquico das pessoas idosas, foi que o nosso envolvimento, enquanto pesquisadora-participante do Núcleo do Idoso



de Assis num primeiro momento, viu a proposta de educação continuada como uma das políticas de atuação que certamente caberia à comunidade universitária.

Se entendemos que um projeto educativo, que tem como objetivo trabalhar o processo de envelhecimento nos seus aspectos individuais, sociais e políticos, envolve alterar a maneira como a sociedade lida com esta questão, estamos, pela abertura da Universidade às pessoas idosas, procurando contribuir para que elas renovem seus valores, atitudes e comportamentos, num processo de socialização permanente, condição fundamental para o seu não retraimento. Desta forma, acompanhar a evolução da sociedade e de seus costumes, de modo saudável, consciente e participativo, é investir na própria possibilidade de manutenção do desempenho de determinados papéis na comunidade pois "... quando o indivíduo atua através da atividade comunitária ... e o resgate de sua vida e de sua comunidade é tomado por base, a realidade em que a pessoa vive passa a ser (por ele) decodificada dentro de uma nova interpretação, mais aprofundada, mais dinâmica, mais transformadora, mais viva" (Góis, 1994:45).

Como já apontado anteriormente, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual Paulista, sensível também a esta questão que deve envolver a sociedade como um todo, elaborou, em fins do ano de 1993, um esboço inicial visando a implantação de um PROJETO UNIVERSIDADE SENIOR nas unidades onde se faz presente reconhecendo que "... a terceira idade representa, hoje, uma preocupação social básica, que visualiza o idoso muito mais como um patrimônio do que um encargo e que atuar junto a ele significa não apenas um fim em si mesmo - e dos mais relevantes e socialmente legítimos - mas o envolvimento de pessoas



com alto grau de motivação, disponibilidade de tempo e experiência acumulada. Isto é, agentes sociais multiplicadores com grande potencial de intervenção na comunidade, e de concretização dos objetivos básicos de difusão, democratização e socialização do conhecimento" (Ofício nº 55/93-PROEX, de 29/11/93). Nesta premissa, os propósitos da PROEX, em conjunto com o Conselho Estadual do Idoso, era promover a emergência de um programa que propiciasse o "... oferecimento de cursos especialmente direcionados para os interesses e necessidades do idoso em sua interação com a comunidade, desenvolvido de forma orgânica e sistêmica, respeitando e estimulando a autonomia das Unidades e a troca de experiências".

Coerentemente a estes princípios, desenvolver um Projeto que atendesse às solicitações sociais de uma clientela específica, e considerando-se as nossas especificidades, o Programa a ser implantado deveria contemplar requisitos dirigidos a um ideal de sociedade, o que significava o desenvolvimento de conteúdos necessários à vida do homem no seu cotidiano, num processo voltado à sua libertação, respeitando, sempre, as limitações individuais. Assim, contemplar a "... intersubjetividade da livre comunicação entre os atores sociais" significava "... reformular o conceito mesmo de saber como entendimento intersubjetivamente compartilhado por uma comunidade de sujeitos em diálogo" (Marques, 1995:77).

Se antes já havíamos sensibilizado muitas pessoas da cidade e região, não só aquelas consideradas na terceira idade, mas também profissionais interessados, quando do Encontro "**Universidade Aberta à Terceira Idade: Experiências e Projetos**" realizado em 1993, a trajetória a ser percorrida na implantação do Programa deveria ter "... um mínimo de confiabilidade, de reciprocidade de expectativas e de liberdade de expressão", o que significa-

va o respeito "...ao fundamento do sentido esquecido da prática diária" (Marques, 1995:79) e que, em síntese, delinearía os princípios a nortear os caminhos a serem traçados numa proposta de educação permanente e/ou continuada identificada com a Educação Popular¹. Se partimos do pressuposto que a Educação Popular pode ser caracterizada nas "... atividades onde se processa a educação de adultos, de forma minimamente estruturada, e no exterior do sistema formal de ensino ... com linhas de intervenção que põem em evidência e exprimem as necessidades criativas e libertadoras das massas, em direção a um projeto de uma nova sociedade" (Melo, 1980:47-8), estamos percorrendo trilhas para, num futuro próximo, os ora atores sociais deste processo cultural e educativo globalizante criarem, por si mesmos, os meios de agir sobre o ambiente natural e social. Para tanto, faz-se necessário que no percurso desta instrumentalização os profissionais envolvidos não trabalhem com receitas pré-estabelecidas, mas sim que respeitem o "saber/poder" "para agir" do próprio grupo. Nesta direção, a educação passa a ser uma criação coletiva de um grupo de iguais, pautada pela modificação da relação entre quem aprende e o saber existente, e outorgando, neste processo, um papel mais ativo ao sujeito da aprendizagem com vistas a uma melhor compreensão de cada um em si mesmo, no mundo físico e no meio social. (Melo, 1980:48, 50-1)

Desta forma, desenvolver um Programa educativo na Universidade com esta natureza e dirigido especificamente a uma determinada clientela "... cumpre considerar os grupos diferenciados como sujeitos coletivos dos processos educativos, que só são relevantes e efetivos/eficazes na medida em

¹ Segundo Washington (1980:15), *Educação Permanente não é educação de adultos; não é profissionalização intensiva; não é educação extra-escolar; não é reciclagem; não é ensino supletivo; não é busca de diplomas; não é educação popular, embora todas essas atividades possam compor um programa de Educação Permanente*".

que coletivamente entendidos, organizados e conduzidos. Tais processos se dão, desde os lugares das relações educativas imediatas e diretas, tais como os grupos de convivência de modo geral, ... na mediação de movimentos sociais emergentes, criadores de novas identidades, ... até nas articulações mais amplas mediadas por organizações e instituições com suas redes de comunicação interna e de publicidade crítica no embate social ampliado" (Marques, 1995:80). Assim, o ambiente acadêmico pode, sem dúvida, ser também um espaço privilegiado para o estabelecimento de novas formas de relacionamento e aprendizagem, quando considera a vida humana um processo aberto e dinâmico, em que as mudanças, as criações, as adaptações e o espontaneísmo são passíveis de ocorrerem, quando estimulados.

E é este processo de implantação e desenvolvimento do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* da Faculdade de Ciências e Letras de Assis que relataremos a seguir, até porque as etapas percorridas nesta trajetória de quatro anos podem estar servindo de subsídio àqueles que se propõem também preservar e aprender com o patrimônio cultural das pessoas que acorrem agora à Universidade, seja para se atualizar ou para ensinar, seja para trocar ou compartilhar - um saber social que é especificamente próprio de quem tem um cabedal de experiências acumuladas.

Se a elaboração do conhecimento se dá nas relações humanas mediatizadas pelo mundo, numa seqüência de procedimentos ordenados pelos objetivos práticos de uma Educação - popular, porque calcada em concepções dialéticas - a lógica do fazer só se sustenta se os desafios resultantes da prática, revista e redirecionada, estiverem abertos para contemplar, sempre, a (re)construção do próprio conhecimento num projeto de promoção do ser humano no processo de resgate e atualização do seu saber.



2. COLOCANDO A PROPOSTA EM PRÁTICA

Reconhecendo que algumas iniciativas, em parceria com o Conselho Estadual do Idoso de São Paulo, já estavam sendo tomadas por algumas Unidades da UNESP para concretizar a oferta de cursos voltados para a população-alvo, e em função do nosso envolvimento anterior com a terceira idade em Assis, ao chegar à Comissão de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (CEUAC) local a proposta da PROEX de implantação do Projeto Universidade Senior nos municípios e regiões onde a UNESP se faz presente, a mesma foi-nos encaminhada para que estudássemos a viabilidade de sua implantação. Ora, o nosso desejo, já manifestado em ocasiões anteriores, e até mesmo no nosso próprio ambiente de trabalho, estava sendo contemplado e, desta forma, encamparmos a proposta era tarefa que se fazia urgente.

E, se já havíamos deixado transparecer nossas intenções, seja à comunidade local e regional, seja junto ao Núcleo do Idoso de Assis, necessário, agora, era promover a sensibilização da comunidade universitária neste primeiro momento para que as ações futuras fossem aceitas e incorporadas ao ambiente acadêmico. Com a anuência e apoio da vice-direção da Faculdade, na qualidade de presidente da CEUAC, começamos a nos mobilizar acreditando numa estratégia de ação como sendo a correta e a eficaz em direção ao objetivo proposto.

Assim, o primeiro passo foi a realização de uma reunião com as chefias de todos os Departamentos da Unidade, ocasião que apresentamos e



discutimos propostas de universidades abertas à terceira idade que conhecíamos. A confiança na crença de que é pela sensibilização daqueles que estão na coordenação dos trabalhos nas células de cada Universidade pode e deve ser considerado o primeiro passo para a divulgação, entre seus pares, das idéias daquilo que se quer implantar e/ou produzir, nos fez optar por esta estratégia inicial. Uma vez que a veiculação de determinadas idéias pode colaborar para que sejam difundidas e se estabeleçam como formas possíveis de serem engendradas em realidades, este procedimento pode ganhar garantia de ser incorporado se houver a aceitação das bases na sua empreitada. Os resultados desta reunião foram satisfatórios, revelando que o Projeto poderia ter o apoio dos vários Departamentos da Unidade.

Passo seguinte: refletir sobre a formação de um Grupo de Trabalho tendo em mente que o grande trunfo de uma proposta desta natureza é contar com saberes de diferentes áreas do conhecimento. Como conhecemos mais de perto alguns dos professores da Unidade, principalmente aqueles que desenvolvem trabalhos cujas especificidades têm particularidades que vão ao encontro das nossas atividades, o processo de formação do Grupo de Trabalho foi extremamente gratificante: ao convidar os colegas com os quais tínhamos uma certa afinidade profissional e pessoal, a proposta não só foi aceita de imediato por todos, mas percebemos também que a motivação para o desenvolvimento do Projeto estava sendo compartilhada de antemão. Assim, com representantes de todos os cursos da Unidade compusemos O Grupo, que foi logo formalizado através de Portaria da Presidência da CEUAC local. Convidamos também para dele participar a então Secretária Municipal de Ação e Desenvolvimento Social do Município e o Vice-Presidente do Núcleo do Idoso

de Assis. Devemos registrar aqui que o estabelecimento destas parcerias foi muito importante durante toda a nossa trajetória de implantação do Programa na Unidade, uma vez que a relação estreita destas pessoas com o poder público municipal e com uma Associação que desenvolve atividades voltadas para o público-alvo se configurou também na garantia da manutenção do interesse, além de reconhecermos que o que "... compõe uma equipe multidisciplinar, o que lhe dá sangue, suor, corpo, vitalidade, é realmente o fato de todos os integrantes da equipe acreditarem que, sozinhos, não darão conta do recado" (Costa, 1992:180).

Composto o Grupo, nas reuniões traçamos as metas iniciais do trabalho. Tendo como primeira preocupação promover uma aproximação do idoso ao câmpus universitário, o Projeto elaborado, que foi encaminhado, aceito e incentivado pela PROEX, constituiu-se de duas fases.

A **Primeira Fase**, que incluiu a divulgação do Projeto propriamente dito, através de eventos e/ou atividades de curta duração, contemplou os seguintes objetivos específicos:

- 1) *desenvolver atividades de curta duração com vistas a envolver um grande número de idosos;*
- 2) *possibilitar ao idoso o contato com a Universidade e as suas possibilidades de ação nesse espaço;*
- 3) *refletir sobre as possibilidades de ação do idoso a nível social, econômico e cultural e,*
- 4) *dar condições ao idoso de adquirir conhecimentos sobre as questões de saúde, educação, trabalho e lazer.*

Estabelecidos os objetivos iniciais, necessário se fazia refletir a forma de atingi-los. As discussões do Grupo nos revelaram a estratégia pela qual esta fase seria direcionada: promover palestras que versassem sobre temas de interesse do público-alvo. Apoiados na idéia que acreditamos motivar os anseios do idoso - saber envelhecer, manter ou melhorar a qualidade de vida na terceira idade, preservar sua dignidade enquanto homem e cidadão - os assuntos a serem abordados nesta fase deveriam não só estar direcionados ao princípio norteador da proposta - implantação de uma Universidade Senior - mas também a questões que já dirimissem dúvidas sobre alguns estereótipos perpetuados sobre o idoso. Estabelecidas as palestras como as atividades iniciais de curta duração, seriam elas realizadas a cada quinze dias e, ao final do semestre, a promoção de oficinas de sensibilização à expressão, culminando com uma festa de confraternização.

Dividido então o Grupo em comissões para iniciar os trabalhos específicos, alguns dos seus membros se encarregaram da divulgação, enquanto outros dos contatos e da arrecimação de patrocínio. Vale registrar aqui que nas reuniões o clima para a tarefa era contagiante, significando que quando todos estão empenhados num mesmo objetivo o trabalho se torna muito mais gratificante, fluindo com satisfação.

De uma das reflexões do Grupo surgiu também o nome do Projeto, entendendo ser ele necessário para identificá-lo e diferenciá-lo de outros já existentes em algumas Faculdades. Como sugestão, Programa "UNESP Aberta à Terceira Idade" da Faculdade de Ciências e Letras de Assis logo foi aceito e incorporado por todos. Paralelamente, foi criado também o seu logotipo que, caracterizando o Programa, começou a ser utilizado nos materiais de divulgação - os *folders* e os cartazes.



Entendendo dever ser a proposta bastante variada com relação à oferta das primeiras atividades, contatamos profissionais externos à Universidade, que sabíamos há muito desenvolviam trabalhos com e para idosos, para que fizessem as palestras iniciais. Além destes, professores da casa e outros colaboradores foram convidados para desenvolverem temas de suas especialidades e para trabalharem nas oficinas de sensibilização e expressão previstas para o fim do semestre. Estabelecidos então os assuntos, as atividades e os profissionais responsáveis por elas, a tarefa conseqüente era a ampla divulgação do Programa.

Procurando despertar e garantir que a idéia, já formalizada na mente de todos os envolvidos, estivesse sendo também incorporada pela comunidade local e regional, arregimentamos a imprensa falada e escrita da cidade e da região no trabalho de divulgação da proposta. Acreditamos, ao implementar esta estratégia, numa mobilização provocada inclusive pela mídia que, de antemão, também deve estar comprometida nesta causa que é de toda a sociedade.

Na confecção do material impresso contamos com o apoio do Banco do Estado de São Paulo patrocinando o *folder* com a programação do primeiro semestre de 1994 (Anexo 1) e os cartazes de divulgação. Algumas empresas privadas da cidade e região colaboraram financiando os *out-doors* que foram fixados em diferentes pontos da cidade.

Estabelecido que o Grupo de Trabalho deveria estar sendo identificado pelo público-alvo, principalmente nos primeiros dias, decidimos por mandar confeccionar camisetas alusivas ao Programa. Como resultado desta estratégia tivemos a incorporação da idéia pela clientela, que logo fez das

camisetas o uniforme para vir à Faculdade, mas que pode ainda ter também significado, inicialmente, o desejo dela (clientela) se igualar a nós (Grupo) pelo uso de algo identificado com o ambiente e à sensação de ser parte integrante dele. Com esta leitura e acreditando ser esse também um dos caminhos para que as pessoas se 'sentissem em casa' e disseminassem a idéia entre seus pares, promovemos posteriormente a confecção e a venda das camisetas.

Devemos registrar aqui que na tarefa de colocação dos cartazes, em pontos estratégicos, tanto de Assis como das cidades da região mais próxima, muitos dos associados do Núcleo do Idoso de Assis colaboraram. As inscrições para a primeira fase do Programa também foram realizadas no escritório daquela Associação, demonstrando mais uma vez, nesta parceria, que quando se caminha conjuntamente para a consecução de um objetivo específico, a união das pessoas interessadas em atingi-lo com sucesso torna-se fundamental.

TREZE DE ABRIL DE 1994.

Chegou o primeiro dia.



Treze horas.

Grupo de Trabalho e colaboradores a postos, impecável com as camisetas do Programa para receber a clientela.

Muita emoção e muito trabalho.

Cabelos brancos, esvoaçantes ao vento, na descida dos carros e dos ônibus circulares. Carros extras colocados à disposição do Programa pela empresa de transporte urbano.

Quantos conhecidos do Núcleo do Idoso de Assis, e outros tantos desconhecidos, que agora acorriam à Faculdade para atender ao chamado do Programa.

Abraços, beijos, afetos, contentamento, ansiedade e expectativa.

Corre-corre para procurar atender e receber a todos.

Muita gente.

A veiculação e a divulgação da idéia havia alcançado o resultado a que se propôs. Eles estavam ali e era com muito afeto que eram recebidos por nós.



O encaminhamento das pessoas para que ocupassem os seus lugares no local onde se realizaria o evento de abertura do Programa, nos revelou que o Salão de Atos da Faculdade, que comporta em torno de 200 pessoas, se mostrava pequeno para abrigar tanta gente. Mesmo que muitas já tivessem providenciado previamente suas inscrições, outras tantas vieram à Faculdade naquele dia. A satisfação do Grupo de Trabalho era evidente.

"PROJETO UNIVERSIDADE SENIOR: TERCEIRA IDADE E CIDADANIA", palestra de abertura do Programa proferida pela então Presidente do Conselho Estadual do Idoso de São Paulo.

Muito oportunamente, a palestrante registrou que o Programa "UNESP Aberta à Terceira Idade" da Faculdade de Ciências e Letras de Assis estava sendo a primeira tentativa desta natureza numa universidade pública do

Estado de São Paulo.

Percorrendo uma trajetória retrospectiva de proposta de trabalho com a terceira idade, iniciada e desenvolvida na França, denominada universidade aberta à terceira idade porque objetivava a reciclagem de profissionais aposentados para serem consultores em países do terceiro mundo, se estendendo depois para outros países da Europa, a palestrante chegou à nossa realidade enfatizando que o que tem que ser priorizado é que: *a universidade da terceira idade deve trazer um componente muito significativo de educação para o exercício de cidadania, como forma de se tentar resgatar a figura do cidadão idoso que deveria existir e não a figura do idoso que tem que ser assistido*, e isto só é possível *quando a gente se organiza, quando juntamos as nossas forças, quando a gente fala junto, que é exatamente a oportunidade que existe quando a gente participa de uma universidade aberta ... que é quando a voz da gente passa a ter uma força muito maior ... pela descoberta de potenciais novos através de programas de educação continuada.*

Ao finalizar sua exposição, pactuou-se a Proposta: a abertura à comunidade, da nossa Faculdade, em direção a que esta cumpra o seu papel de peça integrante e importante neste esquema de conquista e/ou de resgate da cidadania do cidadão idoso. Colocadas questões tão pertinentes num evento que se propunha ser o embrião de uma proposta mais abrangente, percebemos que a idéia poderia já se fortalecer a partir daí.

Após a palestra, uma caminhada pelo câmpus, oportunidade de apresentação da estrutura física da Faculdade, até porque, segundo relato de alguns dos presentes, muitos deles, mesmo sendo moradores da cidade há anos, só conheciam a Faculdade "de vista" quando passavam de carro pela rodovia à sua frente. Gente simples que procurou enxergar, na estrutura física,

posta na Faculdade, um lugar do saber e do poder, mas onde poderia se pensar a cidadania num processo de construção cotidiana conjunto. Desmistificar este espaço então, também era tarefa que acreditávamos poderia ser promovida no coletivo. Aquele primeiro encontro encerrou-se com uma sessão de recreação desenvolvida por professores voluntários da Faculdade de Educação Física de Assis os quais, por fim, acabaram também se juntando, por algum tempo, a nós - o Grupo de Trabalho.



Animados pelo grande número de pessoas que compareceu àquela primeira atividade - público-alvo e profissionais de diferentes áreas e/ou especializações da cidade e de toda a região mais próxima que queriam se informar e formar porque também preocupados e mobilizados com a questão - sentimos que os dispositivos acionados tiveram credibilidade.

Expectativa para a segunda atividade.

Pessoas que haviam comparecido à primeira retornaram, trazendo outras, para agora compartilharem os conhecimentos voltados para a "QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE", palestra proferida por um gerontólogo, na ocasião no cargo de Coordenador da Associação Nacional de Gerontologia, Brasil sul-sudeste, que expôs, numa linguagem simples e acessível, atitudes a serem incorporadas pelos idosos para fazerem valer os seus direitos, mostrarem o que há hoje de errado, e sentirem satisfação na mudança de hábitos e valores em direção a um envelhecimento saudável.



Permitimo-nos abrir aqui um parêntese para relatar um episódio que foi extremamente gratificante em toda esta nossa trajetória com a *terceira idade* na Faculdade. Por ocasião deste segundo evento, quando estávamos recepcionando as pessoas que dele iriam participar, vimos estacionar uma perua Kombi - placa de Pompéia (SP). Alerta, esperamos descerem os

seus ocupantes. Quantos conhecidos de cabelos já branquinhos! Sentimo-nos tomados pela emoção, particularmente quando identificamos, dentre as pessoas, uma de nossas professoras do Grupo Escolar, responsável por nos introduzir no mundo da leitura e da escrita naquela cidade que nascemos e crescemos. Quanta satisfação em recebermos nossa mestra que agora comparecia ao local em que ensinávamos para (*quem sabe?*) aprender com aquela que havia ensinado há tantos e tantos anos antes. A emoção foi muito grande e não nos furtamos a que o sentimento expresso naquela ocasião transparecesse. Deixamos que ele fluísse.

Após a palestra, uma caminhada ecológica pelo câmpus orientada por professores e alunos do Curso de Ciências Biológicas, demonstrando que a idéia de integração interdisciplinar estava sendo incorporada na Unidade. Mais uma vez, naquela ocasião, atividades de lazer e ginástica desenvolvidas pelos professores de Educação Física, nossos colaboradores.



Terceira palestra: "ASPECTOS PSICO-BIOLÓGICOS DO ENVELHECIMENTO", proferida pelo vice-presidente do Núcleo do Idoso de Assis, médico colaborador do Programa e por uma professora do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade. Quantas perguntas suscitou este assunto! Ficou evidente, mais uma vez, que as pessoas querem realmente estar informadas sobre o que está acontecendo com cada uma com o passar dos anos, para que possam se abrir a novas atitudes e/ou medidas que funcionem preventivamente. Novamente, após a palestra, a ginástica no campo de futebol da Faculdade, até porque já havíamos percebido nas pessoas a importância e a satisfação pela oportunidade de movimentar o corpo. Depois da sessão de exercícios físicos, o tradicional lanche, oferecido pela Secretaria de Ação e Desenvolvimento Social do Município, momento de descontração e alegria, promotor de conagração e estabelecimento de relacionamentos.



Última palestra do bloco: "SEXUALIDADE NA VIDA HUMANA". Tema considerado tabu nesta fase da vida, haja vista os preconceitos e estereótipos ligados à sexualidade na velhice, reflexos de um estatuto do mundo adulto que, ao ser também interiorizado pelo próprio idoso, perpetua a noção de sua não autonomia. Partindo desta premissa, o palestrante, professor do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da própria Faculdade, procurou mostrar aos presentes que os vários estágios do desenvolvimento humano são vividos e experienciados particularmente pelas pessoas, e enfrentar as situações que se lhes apresentam depende dos (pré)conceitos que tiveram e incorporaram na trajetória de vida, o que significa que a preparação para a vivência desta fase, particularmente com relação aos comportamentos sexuais, também é decorrência de experiências anteriores. Assim, experimentar a sexualidade quando se tem mais idade significa desvencilhar-se das amarras culturais e simbólicas que permeiam os estereótipos ligados aos comportamentos sexuais na velhice, fruto muitas vezes de crenças errôneas sobre envelhecimento e sexualidade, e procurar viver as alternativas que cada um se permite *na busca não da perfeição que procuram os jovens amantes, mas na aprendizagem da arte de unir retalhos e na descoberta da beleza na variedade das peças*. Estas questões, discutidas publicamente, suscitaram curiosidades, expressas nas perguntas dos mais corajosos em se expor, além do que a interação palestrante-plateia no estabelecimento de uma dinâmica no desenvolvimento do tema foi fundamental para fazer emergir, nas pessoas, o gosto de poder saber (e falar) sobre um assunto considerado proibido para ser refletido por aquelas pessoas que ali estavam. Mais uma vez, após a palestra, e como que atividade já instituída, a ginástica no campo e o lanche em seguida.

Quinta atividade: "OFICINAS DE SENSIBILIZAÇÃO À EXPRESSÃO" e "GRUPOS DE VIVÊNCIA". Contando com professores da Casa e também com profissionais da cidade, voluntários no oferecimento de seus conhecimentos e habilidades em prol do Projeto, em dois dias consecutivos foram desenvolvidas oficinas de música, teatro, pintura, artesanato e leitura dinâmica, além de exercícios grupais de vocação/ocupação, de "experimentação" da terceira idade e de (re)descoberta do corpo. Estas atividades nos revelaram, pelo relato dos profissionais responsáveis por cada uma e pela clientela participante, que um dos caminhos a ser seguido poderia ser pelo desenvolvimento de cursos e oficinas, à semelhança dos oferecidos naquela ocasião.



Objetivando, entretanto, obter dados mais concretos sobre as percepções e representações de como estava sendo vivenciado o Programa pelo público-alvo na Faculdade, por aqueles que dele estavam participando, e já que estávamos nos aproximando do fim do semestre, optamos por passar um questionário à clientela para que, após respondido, nos fornecesse subsídios de como poderíamos estar efetivando uma segunda fase, e as seguintes, com aquele público na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Elaborado este instrumento de coleta de dados (Anexo 2), distribuímos cópias a todos que compareceram à última palestra programada, ocasião em que explicamos os objetivos daquela tarefa, e solicitamos que nos trouxessem respondido nos próximos encontros, que aconteceram nos dias 07 e 08 de junho de 1994.

3. EXPLICITANDO OS DESEJOS, AS EXPECTATIVAS, OS INTERESSES E AS NECESSIDADES DA CLIENTELA

A análise das informações contidas naquele questionário, respondido por 147 pessoas - 132 (89,80%) mulheres e 15 (10,20%) homens - dentre as mais de 200 que compareciam a cada uma das atividades até então desenvolvidas no Programa, nos permitiu traçar um perfil daquela clientela, além de nos dar pistas para que programássemos as atividades para o semestre seguinte.

Reunindo os resultados mais significativos das Tabelas 3 e 4, nas páginas seguintes, pudemos caracterizar a clientela como: predominantemente assisense (85 = 57,82%)², do sexo feminino, representada expressivamente na faixa etária compreendida entre 54 e 68 anos (61,20%), e composta tanto por pessoas casadas (48,29%) quanto por viúvas (38,09%). Merece destaque aqui apontarmos também o nível de escolaridade dos respondentes, haja vista o número significativo de pessoas (58,50%) que declarou ter o Primeiro Grau incompleto. Em relação a este aspecto, vale lembrar que o atual Primeiro Grau (que compreende da primeira à oitava série) era antigamente dividido em Curso Primário (do primeiro ao quarto ano do Grupo Escolar) e Secundário (da primeira à quarta série do Ginásio). Desta forma, muitas das 86 pessoas

² As outras pessoas eram procedentes de Cândido Mota (49 = 33,33%), Palmital (11 = 7,48%), Maracá (1 = 0,68%) - cidades da mesma região administrativa de Assis, e São Paulo (1 = 0,68%).

que se enquadram neste nível de escolaridade - Primeiro Grau (incompleto) - são remanescentes daquele antigo regime escolar e é assim que temos, dentre os respondentes, 42 (48,83%) com o curso primário declarado concluído, além de outras 5 (5,81%) com apenas o primeiro ano primário, 3 (3,48%) com até o segundo ano e 17 (19,76%) que cursaram até o terceiro ano. Outros 2 respondentes, mesmo declarando ter o curso primário incompleto, não especificaram a série interrompida. Ainda neste nível de escolaridade - Primeiro Grau (incompleto) - temos também os antigos secundaristas e, nesta condição, encontramos 4 (4,65%) que cursaram até a quinta série ginásial, 2 (2,32%) até a sexta e 2 (2,32%) até a sétima série.

A disposição demonstrada, entretanto, em procurar atender à solicitação para responder ao questionário, mostrou a intenção da comunicação, expressa muitas vezes no vocabulário restrito e composto por erros gramaticais e ortográficos, mas não desprovida do sentido específico para a tarefa, o que vem corroborar dados de pesquisa do Programa Ação Educativa, em desenvolvimento no Brasil, que está revelando, a par do índice de analfabetos absolutos no país, também aqueles chamados *analfabetos funcionais*, ou seja, pessoas portadoras de um domínio relativo das habilidades, mas muito limitado face aos diversos usos que se faz da linguagem escrita. Estas constatações nos alertaram para a proposta de programarmos cursos e/ou oficinas relacionadas não só à revisão ortográfica mas também à alfabetização de adultos, atividades que procuramos colocar em prática posteriormente.



TABELA 3: Caracterização dos Sujeitos por Idade, Sexo e Estado Civil

Idade	Estado Civil		Casado		Viúvo		Solteiro		Desquitado Divorciado Separado		Outra situação		Sem Resposta		Total
	Sexo		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
entre 29 e 33								2				1			3
%															2,04
entre 34 e 38				1											1
%															0,68
entre 39 e 43				1											1
%															0,68
entre 44 e 48			1	7		2				1					11
%															7,48
entre 49 e 53			2	7		4		1		4					18
%															12,24
entre 54 e 58			1	15		12		1		4					33
%															22,44
entre 59 e 63			2	14		11		1		1				1	30
%															20,40
entre 64 e 68			3	6	1	16				1					27
%															18,36
entre 69 e 73			2	2		7		1							12
%															8,16
entre 74 e 78			2	2		1		1							6
%															4,08
entre 79 e 82			1												1
%															0,68
sem resposta				2		2									4
%															2,72
TOTAL			14	57	1	55	-	7	-	11	-	1	-	1	147
%			9,52	38,77	0,68	37,41	-	4,76	-	7,48	-	0,68	-	0,68	100

TABELA 4: Caracterização dos Sujeitos por Idade, Sexo e Escolaridade

Idade	Escolaridade	Sem instruç.		1º Grau incompl.		1º Grau compl.		2º Grau incompl.		2º Grau compl.		3º Grau compl.		Outra escolar.		Sem resposta		Total
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
entre 29 e 33								2						1				3
%																		2,04
entre 34 e 38																		1
%																		0,68
entre 39 e 43												1						1
%																		0,68
entre 44 e 48						1	6		1			2		1				11
%																		7,48
entre 49 e 53						1	8		4		1	1	1	2				18
%																		12,24
entre 54 e 58				1		21		4		1	1	4		1				33
%																		22,44
entre 59 e 63				2		17		4			3	1	1		1	1		30
%																		20,40
entre 64 e 68						4	16		3			1		2			1	27
%																		18,36
entre 69 e 73						2			1		1			2				12
%																		8,16
entre 74 e 78				1	2				2					1				6
%																		4,08
entre 79 e 82														1				1
%																		0,68
sem resposta														1			1	4
%																		2,72
TOTAL		-	4	10	76	-	21	-	3	1	13	3	12	-	1	1	2	147
%		-	2,72	6,8	51,7	-	14,28	-	2,04	0,68	8,84	2,04	8,16	-	0,68	0,68	1,36	100

Todos estes dados, bastante expressivos no traçado do perfil daquelas pessoas, sugere também um determinado nível sócio-econômico da clientela. Mesmo que não tenhamos investigado este aspecto no questionário, as nossas observações, aliadas ao nível de escolaridade detectado, o qual pode estar denunciando a não oportunidade de acesso e/ou continuidade à educação formal em épocas oportunas, supõem que aquelas pessoas sejam de classe média baixa. Pessoas simples, que muitas vezes colocam a roupa de domingo para vir à Faculdade, conforme observado em várias ocasiões. No resgate deste aspecto a memória nos faz recordar dos participantes de Florínea (SP) - homens e mulheres do Núcleo do Idoso, associação criada, assistida e incentivada pela Prefeitura daquela cidade: eles de bombacha e elas com seus vestidos coloridos, floridos e rodados, lanche a tiracolo, prazer e satisfação em frequentar, aprender e passear na Faculdade. Assim também, outras tantas pessoas que vieram encontrar neste espaço a satisfação na aprendizagem pela convivência com o outro. Pessoas letradas e iletradas, níveis culturalmente diversificados, unidas num só objetivo: encontrar pela proposta do Programa o sentido posto na Faculdade.

Outros dados levantados naquele questionário referem-se à saúde dos respondentes. Na investigação deste aspecto, 86 pessoas (58,50%) declararam-se possuidoras de algum tipo de problema³, o que nos chamou a atenção e nos remeteu à possibilidade de oferecer atividades que estivessem também voltadas ao esclarecimento e/ou informações sobre os tipos de doenças mais comuns que acometem o indivíduo com mais idade - público-alvo do

³ 25 (29,06%), das 86 pessoas, apresentaram mais de um problema, chegando algumas a ter apontado 2, 3 e até 4.

nosso trabalho. Objetivando esclarecer o leitor desse trabalho em relação a tal aspecto, a seguir faremos uma descrição sumária do elenco dos problemas de saúde e/ou doença arrolados pelos respondentes, apontando também, em cada um, o número de portadores.

1 - Os problemas ligados ao sistema músculo-esquelético, estando incluídas neste grupo as doenças degenerativas dos ossos e articulações, foram arrolados por 36 (41,86%) pessoas: artrite, artrose, bursite, problemas na coluna vertebral, escoliose, hérnia de disco, nervo ciático, reumatismo e osteoporose.

2 - Com relação às tumorações malignas, 1 (1,16%) pessoa, do sexo feminino, identificou-se como portadora de câncer no seio. A este respeito, devemos registrar aqui que esta participante do Programa faleceu no ano de 1996.

3 - Sobre os distúrbios da visão, ou problemas relativos à acuidade visual, foram registrados 2 (2,32%) casos: catarata e glaucoma.

4 - Relacionadas às cardiopatias detectou-se Doença de Chagas, enfarte e arritmia como patologias cardíacas, citadas por 10 (11,62%) pessoas.

5 - Dentro das Dislipidemias e Problemas Metabólicos identificamos 3 (3,48%) participantes com obesidade e colesterol ou triglicérides aumentados.

6 - A Diabetes Melito, tipo II, doença endócrina bastante frequente em pessoas idosas também foi arrolada, assim como as doenças da tireóide, que incluem hipotireoidismo, hipertireoidismo e tireoidites. Neste grupo, 10 (11,62%) pessoas estão incluídas.

7 - Com relação aos distúrbios emocionais, aparecem a depressão, a insônia e o "nervoso", citados por 6 (6,97%) pessoas.

8 - As dores de cabeça e enxaquecas, de etiologia desconhecida, foram relacionadas como "problemáticas" por 3 (3,48%) participantes.

9 - Dentre as Gastroenteropatias, 9 pessoas (10,46%) queixaram-se de doenças estomacais e/ou duodenais (úlcera e gastrite) e distúrbios intestinais.

10 - Nos distúrbios otorrinolaringológicos foram detectados surdez, rinite e faringite, portados por 3 (3,48%) pessoas.

11 - Com relação aos problemas relacionados ao sistema venoso apareceram: varizes, flebite e má circulação, citados por 5 (5,81%) pessoas.

12 - A hipertensão arterial, doença também bastante frequente em idosos, de etiologia idiopática, é também arrolada, tendo aparecido como "pressão alta" - 22 (25,58%) casos.

13 - Dentre as Labirintopatias, distúrbios do equilíbrio frequentes em pessoas idosas, registrou-se labirintite em 3 (3,48%) pessoas.

14 - A menopausa, enquanto distúrbio sintomatológico destes períodos, aparece também como um problema, citado por 1 (1,16%) participante.

15 - Tabagismo, conforme apontado por 1 (1,16%) respondente, foi registrado como problema de saúde e/ou doença, devendo antes porém, ser interpretado nas suas consequências.

Além destes, 1 (1,16%) pessoa identificou-se como tendo se submetido a várias cirurgias, não especificando, porém, quais. Uma outra, apesar de ter registrado conviver com vários problemas de saúde, não relacionou nenhum deles.

Com relação ao tempo que cada um apontou apresentar o problema relacionado à saúde, varia desde a infância, em alguns casos; alguns meses em outros; e aqueles, considerados crônicos, detectados há muito tempo, cerca de 20, 25 ou 30 anos. Há que se apontar aqui também que a frequência regular a algum serviço médico foi registrada por 77 (55%) pessoas, tendo se omitido a declarar resposta a esta questão 7 (4,76%) outras.

Considerando a expressividade da incidência de algumas patologias na nossa clientela, haja vista o número significativo de casos, como por exemplo, das doenças degenerativas dos ossos e articulações, dos distúrbios endócrinos, das manifestações emocionais, das doenças gastroenteropáticas, aliados à alta porcentagem dos portadores de "pressão alta", começamos, já no semestre seguinte, o planejamento de atividades facilitadoras de informações e esclarecimentos pelo contato direto com profissionais especializados em diferentes áreas. Incentivados pelo compromisso dirigido ao desenvolvimento integral do ser humano e, especificamente, desta clientela, começamos já, no semestre seguinte, o oferecimento do Mini-Curso "Saúde na Terceira Idade" - em parceria com a Secretaria Municipal da Saúde de Assis, e contando com profissionais de diferentes especialidades como colaboradores, os quais procuraram sempre imprimir, nos seus ensinamentos, a importância da aquisição e/ou manutenção de hábitos saudáveis de vida que possam estar prevenindo e/ou atenuando algumas enfermidades.

Explicitando a participação e a avaliação da clientela sobre as atividades desenvolvidas no Programa naquele primeiro semestre de 1994, verificamos, pelos dados do questionário, que dos 147 sujeitos, 94 (63,94%) participaram de todas elas. E, além das preferências atribuídas por estas pessoas estarem localizadas em todas as atividades oferecidas, constatamos, entretanto, ter havido um interesse centrado nas palestras, particularmente em "Aspectos Psico-Biológicos do Envelhecimento" e "Qualidade de Vida na Terceira Idade". É importante registrar aqui também que um grande número de pessoas (42 = 44,68%) elegeu a recreação (caminhadas e educação física e/ou ginástica) como as atividades favoritas. É interessante atentarmos para este



fato, principalmente se ele é analisado na relação do corpo do idoso, sua mobilidade e suas possibilidades, expressões físicas e sensíveis de sua identidade, aspectos que procuramos desenvolver nestas atividades naquelas ocasiões e depois em vários cursos e oficinas.

Dentre as razões para que as demais pessoas (53 = 36,05%) justificassem a não participação efetiva às atividades promovidas no semestre, os compromissos com viagens, a falta de informação, os motivos particulares e/ou familiares com doença, com trabalho, foram alguns dos impedimentos arrolados.

No levantamento das **Expectativas e Interesses** em relação às atividades julgadas importantes para serem incluídas na programação futura, dois grupos de dados foram significativos. O primeiro indicou que a aquisição de novos conhecimentos - gerais e específicos, incluindo informações dirigidas à terceira idade (através de cursos, palestras, conferências e debates), aliada à oportunidade de novos relacionamentos e desenvolvimento de atividades artísticas ligadas ao teatro, à música, ao canto, à dança e a trabalhos manuais, está entre os interesses mais expressivos. O segundo, ao localizar os motivos pelos quais os sujeitos elegeram as atividades sugeridas, nos remeteu às seguintes razões pelas preferências: 1) oportunidade para aprender (48,43%); 2) atração pelas atividades (14,05%); 3) oportunidade de compensação e/ou de realização (12,48%); 4) disponibilidade de tempo (8,59%) e 5) oportunidade de convivência (7,81%).

Se estávamos solicitando às pessoas que explicitassem os seus interesses e as suas expectativas em relação à Faculdade, concretizar estes de-

sejos dependeria também da intenção da clientela em participar dos cursos, oficinas e/ou vivências a serem desenvolvidos em aulas regulares e semanais ao longo dos semestres. Na sondagem desta questão, que para nós deveria ser clareada para fazer valer o investimento de imprimir ao Programa uma estrutura organizacional mais efetiva, 128 (87,07%) pessoas foram favoráveis à proposta, confirmando a pretensão de frequentar efetivamente os cursos a serem oferecidos posteriormente.

Procurando ter ainda garantido o acesso às atividades regulares dentro do esquema de tempo programado pela clientela no seu cotidiano, necessário também se fazia investigar as suas disponibilidades diárias, como investimento na criação do sentimento de co-responsabilidade na efetivação da proposta. Neste aspecto, as respostas expressas no questionário elegeram, em ordem de preferência, a quarta-feira, a quinta-feira, a terça-feira, a segunda-feira e, por último, a sexta-feira como os dias mais favoráveis para frequentar com assiduidade as atividades. Em relação ao período do dia, o vespertino foi indicado, pela maioria, como o mais propício, embora algumas pessoas tenham também dado indícios de poderem realizar atividades na parte da manhã e/ou à noite. Interpretando estas sugestões como sendo os indicadores do tempo livre das pessoas, acatá-las seria estar investindo na potencialização do prazer de cada uma para frequentar a Faculdade. E foi o que fizemos.

Além dos desejos, expectativas e interesses demonstrados, procurou-se, naquele questionário, priorizar também as sugestões de atividades indicadas. Neste sentido, tanto foi valorizada a continuidade do esquema do primeiro semestre (as palestras), quanto denotou-se preferência por: atividades artísticas (música, teatro, coral, bordado, introdução ao ensino de habilidades para instrumentos musicais, artesanato); ginástica e/ou expressão corporal;



curso na área da saúde (primeiros socorros, fisioterapia, terapia de grupo, alimentação, controle da obesidade); atividades ligadas à Língua Portuguesa (gramática, leitura, leitura dinâmica, poesia); cursos de línguas estrangeiras (italiano, espanhol, francês, inglês, alemão); curso e/ou oficina de alfabetização de adultos e cursos diretamente voltados para a terceira idade.

Com base na expressividade de todos estes dados, e procurando respeitar as indicações e sugestões feitas, programamos as atividades para o segundo semestre de 1994, já com vistas à consecução da **Segunda Fase** do Programa que, ao objetivar a implantação da Universidade Senior através de cursos, caminhou em direção a:

- 1 - *possibilitar às pessoas idosas o acesso à Universidade, através da educação continuada, oferecendo cursos que propiciem a atualização de conhecimentos, tanto gerais como específicos aos interesses desta faixa etária;*
- 2 - *propiciar o acesso ao conhecimento sistemático, considerado universal, através de cursos de alfabetização de adultos;*
- 3 - *levar o idoso a refletir sobre a participação nas atividades sócio-econômico-culturais na comunidade onde está inserido;*
- 4 - *formar agentes de ação gerontológica, com condições de atuar na comunidade;*
- 5 - *possibilitar ao idoso o atendimento psicoterápico, através do Centro de Psicologia Aplicada da Faculdade de Ciências e Letras de Assis;*
- 6 - *possibilitar a formação de um trabalho interdisciplinar e interdepartamental;*
- 7 - *possibilitar um campo de atuação em pesquisas sobre a investigação dos aspectos clínicos e sociais do envelhecimento; e*
- 8 - *possibilitar a realização de trabalhos de extensão à comunidade.*

Perseguindo tais objetivos, a par da consideração das informações obtidas nas respostas ao questionário, introduzimos as atividades regulares - cursos e oficinas - em direção a uma possível "grade curricular" voltada para a terceira idade, mantendo, entretanto, como reivindicado várias vezes, a continuidade do esquema das palestras. (Anexo 3)

Com vistas a obter o *feedback* da forma como estávamos conduzindo o Programa, mais uma vez, em meados do mês de novembro daquele ano (1994), novo questionário (Anexo 4) foi aplicado aos participantes objetivando fazer não só a avaliação das atividades desenvolvidas no período, mas procurando também garantir o fornecimento de subsídios para o encaminhamento posterior, como deve ser todo trabalho voltado aos interesses específicos de uma determinada clientela. Assim procedendo, corre-se menos riscos, além de podermos ter garantido o desenvolvimento dos trabalhos na direção pretendida, não só por nós, profissionais, mas principalmente por aqueles que se beneficiam da oferta.

4. EXPLORANDO A ACEITAÇÃO DA FORMA DE FUNCIONAMENTO DO PROGRAMA

À semelhança da análise efetuada às respostas ao questionário anterior, consideraremos aqui também os dados mais significativos encontrados. Assim, este questionário, respondido agora por 72 pessoas das que participaram das atividades desenvolvidas no segundo semestre de 1994, nos revelou que a maioria considerou a forma de funcionamento do Programa tanto Ótima (53 = 73,61%) como Boa (14 = 19,44%).

As justificativas para a determinação de ambos os conceitos se explicitam na oportunidade propiciada pela abertura de um novo e compensatório campo de aprendizagem e relacionamento, uma vez que o Programa é percebido como a *oportunidade para a aquisição, atualização de novos e/ou maiores conhecimentos pela aprendizagem de coisas boas, diferentes, instrutivas e de interesse pessoal no estabelecimento de novas amizades e/ou outros relacionamentos* expressos em *diversão* porque possibilitam que *as pessoas mais velhas saiam de casa, fugindo da rotina* e ainda têm a *oportunidade de trabalhar e exercitar as mãos*.

Corroborando estas percepções, é interessante ressaltar aqui também que a conceituação da forma de funcionamento das atividades passou tanto pela **valorização das atividades em si** pois *os assuntos foram selecionados e de interesse para a terceira idade*, uma vez que *os cursos ajudam*

as pessoas a pensar e viver melhor, como também pela **oportunidade de estar ocupando o tempo considerado ocioso**, principalmente pelas mulheres que supõe-se terem o período vespertino como o mais disponível, expressa em *ocupação do tempo pela oportunidade de passar as horas da tarde agradavelmente* haja vista que *à tarde sempre é possível empregar o tempo pessoal ouvindo coisas boas, novas, que não sabiam*, até a **possibilidade de poder fazer opções**, propiciada pela oportunidade de haver (e poder fazer) dois cursos na semana, demonstrando que selecionar as alternativas existentes é estar priorizando mais as coisas que dão satisfação.

A valorização das atividades desenvolvidas naquele semestre (segundo de 1994) centralizou-se também em alguns cursos específicos, como o de Artesanato, que possibilitou a *aprendizagem de trabalhos maravilhosos, feitos com as próprias mãos*, e o de Sono e Sexualidade que *ensinou tantas coisas que jamais houvera oportunidade anterior para tal*. Sobre este, ocorremos agora, no resgate da memória dos fatos, o depoimento informal de uma aluna ao término de uma das aulas do Curso. Disse-nos ela: "*Quanto teria sido diferente se no "meu tempo" eu soubesse das coisas que estou aprendendo agora*"! Discurso espontâneo e tão claro, corajoso, expressando não só a nostalgia dos tempos idos, mas principalmente a motivação para incorporar então novos valores - agora conscientes porque decorrentes de informações verdadeiras e não estereotipadas.

Paralelamente à aceitação satisfatória da forma de funcionamento do Programa efetivada no semestre, sugeriu-se também a possibilidade de serem as atividades promovidas em outros horários diurnos e/ou até mesmo no noturno, como também a proposta de se proporcionar a oportunidade para

se fazer dois cursos de interesse no mesmo dia, desde que os horários não fossem coincidentes. A este respeito, cumpre-nos esclarecer aqui que não houve, até o momento, a possibilidade de estarmos programando atividades específicas para esta clientela em outros horários que não o vespertino, haja vista contarmos com a disponibilidade de tempo dos recursos humanos que se propõem trabalhar no Programa, além de procurarmos respeitar sempre as indicações da maioria (87,49%) que conceituou como ótimo e/ou bom o período da tarde, tendo-o estabelecido o mais favorável porque desimpedido de outras obrigações, uma vez que *já terminou os afazeres domésticos de dona de casa e está livre de outros compromissos e com tempo e a tarde livre para a UNESP*. Mais uma vez, e positivamente avaliado, porque se adequa ao cotidiano das pessoas, o período vespertino demonstra ser o mais *tranquilo* porque *depois do almoço se acha forte para o resto da tarde*.

Com relação aos dias de funcionamento do Programa naquele semestre - às Terças, Quartas, Quintas e Sextas-feiras - todos eles tiveram pontuações favoráveis. Entretanto, a Quarta e a Quinta-feira foram os dias da semana mais significativamente indicados para desenvolvimento de atividades com este público na Faculdade. E, das 72 pessoas que responderam ao questionário, 53 (73,61%)⁴ delas realizaram alguma das atividades regulares oferecidas, tendo sido, pela ordem de frequência: Saúde na Terceira Idade (16 = 30,18%), Oficina de Teatro (14 = 26,41%), Curso de Ginástica (12 = 22,64%), Oficina de Artesanato (10 = 18,86%), Questões Acerca da Sexualidade (9 = 16,98%), Noções de Botânica e Ecologia (8 = 15,09%), Distúrbios do Sono (6

⁴ Um grupo composto por 25 pessoas fez mais de uma atividade no semestre. Assim: 13 (52%) fizeram 2 atividades; 5 (20%) fizeram 3 atividades; 6 (24%) fizeram 4 atividades e 1 (4%) fez 5 atividades.



= 11,32%) e Introdução à Psicologia (6 = 11,32%).

Na avaliação das atividades regulares realizadas, o interesse expresso favoravelmente demonstrou que elas satisfizeram as expectativas, uma vez que 37 pessoas (69,81%) consideraram ótimo o assunto tratado, a par da determinação da duração ter sido suficiente para 35 (66,03%). Quanto ao horário, 56,60% (30 pessoas) consideraram-no também ótimo, demonstrando mais uma vez, neste conjunto de dados, que quando se procura ouvir os interessados em todas as etapas de implantação de uma determinada ação, o alcance das metas estabelecidas conjuntamente ganha garantia de efetivação se houver a valorização da parceria no seu traçado.

Nesta direção, respeitando a sugestão de continuidade do esquema das palestras, expressa no questionário anterior aplicado ao final do primeiro semestre daquele ano, promovemos também neste semestre, um ciclo delas, com temas variados e sugestivos ao público-alvo, os quais foram avaliados como Ótimos para a grande maioria: 54 (75%).

Permitimo-nos abrir aqui, mais uma vez, um parêntese para tecer breves comentários envolvendo algumas das palestras daquele semestre, uma vez que a dinâmica de umas, aliada a fatos curiosos que ocorreram em outras, é interessante registrar.

Ao percorrerem trilhas para expressar com singeleza o "outono" do ser humano, os palestrantes - ambos nisseis - que discorreram sobre "**A Terceira Idade na Cultura Japonesa**", a par de terem despertado na platéia (composta, na oportunidade, também por vários descendentes de japoneses que vieram à atividade do Programa pela primeira vez) sentimentos nostálgicos de uma terra distante - ocasião em que sentimentos aflora-

ram nos presentes - não deixaram, entretanto, de enaltecer a terra que os acolheu e que, agora, fazia-se uma nova pátria.

Emoção semelhante tomou conta também da platéia, composta agora por vários imigrantes e descendentes portugueses, dentre outras pessoas, quando da palestra "**Poesia e Música Portuguesa**", na qual a palestrante, com maestria e sensibilidade, desenvolveu o tema e não se furtou em compartilhar do sentimento que ela mesmo despertou.

Um momento de grande descontração, alegria e divertimento foi propiciado pelo palestrante que discorreu, com brilhantismo e informalidade, sobre a "**A Música Sertaneja**". Quanta gente compareceu à Faculdade naquele dia, mostrando que muitas vezes a cultura espontânea brasileira, contada e cantada em rimas melódicas, pode ser mostrada e decifrada também num ambiente universitário. Para ilustrar o desenvolvimento do tema, piadinhas humoradas e ingênuas que muito fizeram rir a platéia, além do enriquecimento proporcionado pela apresentação do Grupo de Catira, devidamente caracterizado, da cidade de Bernardino de Campos (SP). Pessoas simples se apresentando pela primeira vez num ambiente considerado culturalmente sofisticado, mostrando a dança da catira para uma platéia interessada. A grande maioria homens com mais de 60 anos, além dos filhos e netos, mostrando que a tradição da expressão de uma determinada cultura artística - seus símbolos e seus traços - não se perde quando há quem acredita e investe na sua perpetuação, podendo ser encontrada naqueles que buscaram uma originalidade e que funcionam como seus transmissores. Cabe a nós, gerações posteriores e futuras, valorizarmos também este valor folclórico que é parte da nossa nacionalidade, e que pode significar tanto a auto-afirmação do nosso povo, quanto a



busca da sua identidade social. Quantos agradecimentos dos presentes na plateia e dos componentes do Grupo de Catira! Contentamento expresso nos gestos simples de afeto e gratidão pela oportunidade em proporcionar e vivenciar momentos tão ricos e descontraídos.

E assim, com todas essas sensações positivamente despertas, 68 pessoas (94,44%) priorizaram a permanência das palestras, entendendo serem elas não só os momentos de reunião de um grande número de pessoas, mas também as oportunidades propícias para fazer aflorar sentimentos e compartilhar conhecimentos. Os temas sugeridos para a programação futura destes eventos relacionaram-se a Doenças (Câncer e AIDS, dentre outras), à Terceira Idade (alimentação, hábitos saudáveis, amor, filmes, problemas desta fase da vida, a terceira idade em outros países), à Psicologia (relacionamentos familiares e convivência com jovens), a Atividades Artísticas (música e pintura), a Drogas, à Religião, à Língua e Literatura Portuguesa e Línguas Estrangeiras, ao Folclore Brasileiro e, por fim, a temas da atualidade.

No semestre seguinte - primeiro de 1995 - tendo como base as respostas a este questionário, e respeitando os anseios e as sugestões da maioria, começamos a imprimir ao Programa a estrutura organizacional que vem se sustentando até então: continuidade das palestras, que no caso daquelas voltadas às especialidades médicas acabam todas virando grandes consultas coletivas, até porque sempre se procura abordar temas que vão ao encontro dos interesses dos participantes, além de promover ao participante o acesso a uma informação mais sistemática dos problemas e/ou doenças, e cursos e oficinas com aulas semanais. (Anexo 5)



5. A DIVULGAÇÃO CONSTANTE E PERSISTENTE COMO UMA ESTRATÉGIA DE DISSEMINAÇÃO DA IDÉIA

Nos anos de 1995 e até meados de 1996, participamos do programa "**Rádio Aberto à Terceira Idade**", levado ao ar numa das emissoras AM da cidade de Assis. O programa, transmitido aos domingos de manhã, das 08:00 às 10:00 horas, coordenado e apresentado pelo então Presidente do Núcleo do Idoso de Assis, tinha como objetivo proporcionar não só entretenimento, mas também informações sobre questões de interesse do público-alvo, e esclarecimentos a perguntas feitas ao quadro *Viva a Vida*, do qual participávamos, juntamente com um outro colaborador. Naquelas ocasiões, além de procurarmos abordar temas sugeridos pelos ouvintes, também aproveitávamos para divulgar o Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

Firme nos nossos propósitos, e procurando sempre informar da oportunidade que o idoso poderia ter no câmpus universitário, elaboramos também um folheto explicativo deste trabalho na Faculdade e distribuímos nos **bailes do Núcleo do Idoso de Assis**. Mais uma vez, os colaboradores daquela Associação nos ajudaram nesta tarefa.

Em meados do segundo semestre de 1996, fizemos a propaganda do nosso Programa pela **televisão**. Numa parceria UNESP, Rede Globo



Oeste Paulista e TBR Produções, firma de vídeo e imagem da cidade de Bauru (SP), foi produzido o "**Minuto no Câmpus**" do Programa "UNESP Aberta à Terceira Idade" da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, tendo sido ele veiculado por alguns meses, em horários diversificados, pela Rede Globo de Televisão, regional de Marília (SP). É interessante apontar aqui que este tipo de comunicação possibilitou que o grande público da mídia televisiva tivesse acesso às informações sobre as atividades desenvolvidas na Faculdade com a terceira idade, colaborando para disseminar e fortalecer o papel da Universidade junto à comunidade local e regional. Nesta direção, a garantia de que a Faculdade é aberta e pode ser o espaço possível para as pessoas exercitarem as suas potencialidades e habilidades, naquele semestre começamos a ter também, dentre os alunos do Programa, alguns dos moradores de um dos Abrigos de Idosos de Assis, significando, nesta abertura aos idosos institucionalizados, que quando se oportuniza o acesso às pessoas, independentemente do seu local de moradia e do seu nível sócio-econômico e cultural, todos podem acorrer às oportunidades de convivência e aprendizagem. E é com esta filosofia que sempre procuramos trabalhar, oferecendo um elenco de atividades que possa estar contemplando desde a pessoa que aspira aprender a ler e escrever, até aquela que já tem muitos conhecimentos escolares mas anseia por novas aprendizagens. Assim, participar do Programa **UNESP Aberta à Terceira Idade** da Faculdade de Ciências e Letras de Assis é estar disposto a vir à Faculdade. Oferecer a si mesmo a oportunidade do prazer pela convivência, pela troca de informações e experiências, num ambiente de entretenimento e ensino-aprendizagem, é apostar nas próprias potencialidades em direção a um envelhecimento saudável.



No ano de 1996, durante o Evento "**Venha nos Conhecer**" que a UNESP promove para os pré-vestibulandos com o objetivo de apresentar o câmpus e a produção de cada Unidade, expusemos os trabalhos realizados na Oficina de Artesanato. Causou surpresa para aqueles que desconheciam a proposta da abertura da Universidade para pessoas na terceira idade, encontrar trabalhos manuais neste espaço, mas foi esta também uma maneira de mostrar e divulgar o Programa.



Ainda com o objetivo de divulgar o Programa, na mesma ocasião, apresentamos ao público local e regional o primeiro número do Jornal *Vozes da Terceira Idade*, resultado do Curso de Espanhol, que mostrou, sintetizado nos artigos das alunas, os novos horizontes que haviam sido abertos, não só para aqueles que acorreram à Faculdade em busca de novos co-

nhecimentos, mas também para nós, os envolvidos no Programa, quando, surpresos, descobrimos, pela convivência com esta clientela, que muito tínhamos a ganhar e aprender ainda, principalmente quando sentimos a necessidade de revermos muitas das noções pré-concebidas que tínhamos sobre quem envelhece.

Assim,

Es hora de mirar si la vida no pasó en blanco. Cuando llega la tercera edad, la cabeza como que se vuelve una película, donde se proyecta todo el pasado. Entonces es la hora de examinar las conquistas y también las pérdidas.

Esa tercera edad es la fase que percibimos que no somos tan eternos como juzgábamos serlo en la juventud, y ya no somos tan vibrantes como fuimos.

Es la hora de encarar las pérdidas.

Tenemos que mirar hacia algo más alto y buscar frente a las pérdidas abrirnos para otras conquistas, otras filosofías de vida, y cambiar los valores por otros más auténticos.

Así la tercera edad puede ser un depositario de momentos serenos y un crecimiento satisfactorio en relación a las expectativas. No lo dude. Yo estoy muy feliz conmigo misma, mucho más de lo que pensé que podría estar en esta edad.

Siento que todas las puertas se abren para mí y no hace falta probarle nada a nadie. Considero esto una libertación. Pasar por una sala de clases desta Universidad para aprender español con momentos de entretenimiento fue para mí la procura de vivir una transformación más que la vida impone, y una conquista interior más. De agosto hasta hoy todos los Martes tuvimos por casi dos horas, dos jóvenes maravillosas enseñándonos un poco de la lengua española, del pueblo y costumbres de esta hermosa tierra.

(Aluna: Genny Migliani Fleury Jaschke, 61 anos)



Quanta emoção, minha e deles, os atores da **Oficina de Teatro** do Programa, quanto nervosismo quando da apresentação da peça "**O Homem, a Mulher e a Flor**" no Teatro Municipal de Assis por ocasião da Semana de Arte Teatral em meados do segundo semestre de 1996. Sentada eu na primeira fileira do Teatro pude prestigiar aquela que *nunca imaginei que um dia na minha vida eu pudesse estar me apresentando no Teatro Municipal de Assis*. A oportunidade chegou. Depois dela, várias outras. Estamos, desde o primeiro semestre de 1997, levando a peça para apresentações em eventos nas cidades vizinhas e também nas escolas públicas de Assis, iniciativa que garante resultados não só na divulgação do Programa, mas também caminha em direção ao fortalecimento da independência e da liberdade do idoso, e desmistifica, nos alunos de primeiro e segundo graus, a noção de que as pessoas, quando chegam a uma determinada idade, não são mais capazes de reavivar as

próprias forças, além de estar despertando uma possível integração intergeracional incentivada pela transmissão da energia e da determinação dos atores. Sentimos, nestas ocasiões, o quanto existe de envolvimento emocional na tarefa que, superando a capacidade técnica, desperta a força de vontade gerada no entusiasmo pela participação.

Ao fim daquele ano nova avaliação do Programa foi solicitada aos participantes. Como na ocasião estávamos completando três anos de funcionamento da proposta na Unidade, consideramos oportuno investigar as percepções sobre o andamento dos trabalhos, e principalmente, se as atividades oferecidas até então tinham ido ao encontro dos interesses e das expectativas dos participantes.

Em relação ao questionário, constatamos que o Programa tem atraído participantes, conforme mencionado mais adiante no texto, de diferentes níveis de escolaridade, o sexo feminino como um elemento predominante. Este fato pode estar evidenciando que a mulher investe mais no desenvolvimento de suas potencialidades em relação ao homem, talvez por questões culturais, porque se percebe e tem mais consciência de que a mulher tem um potencial de que o homem, a qual insiste ainda em preservar o conservadorismo das ideias no tocante aos papéis sociais e sociais. Talvez os homens tenham "coisas de mulher" o que se faz na Faculdade. Não desconfiamos muito que investir em informação e esclarecimento e reverter no benefício da própria formação e na longevidade positiva.

1. Com relação à idade, a faixa compreendida entre 43 e 63 anos reúne o maior número de pessoas, estando aí também concentrada a maior porcentagem de mulheres viúvas, ao contrário da faixa imediatamente anterior, na qual

6. A AVALIAÇÃO E O SIGNIFICADO DO PROGRAMA PARA OS PARTICIPANTES

O questionário aplicado no final do segundo semestre de 1996 (Anexo 6), respondido por 72 participantes, nos revelou, conforme demonstrado nas Tabelas 5 e 6, às páginas seguintes, que:

1. As mulheres são a grande maioria. Não por terem elas em maior número respondido ao questionário, mas sim que o Programa tem entre seus participantes, conforme mostraremos mais adiante no total dos cadastrados, o sexo feminino como sua clientela predominante. Este fato pode estar evidenciando que a mulher investe mais no desenvolvimento de suas potencialidades em direção a um envelhecimento saudável, porque se preocupa e tem mais cuidados com a saúde bio-psico-social do que o homem, o qual insiste ainda em perpetuar o conservadorismo das idéias no tocante aos papéis sexuais e sociais. Talvez os homens achem "coisa de mulher" o que se faz na Faculdade. Não descobriram ainda que investir em informação e esclarecimentos é reverter no benefício da própria formação e na longevidade positiva.

2. Com relação à idade, a faixa compreendida entre 63 a 68 anos reúne o maior número de pessoas, estando aí também concentrada a maior porcentagem de mulheres viúvas, ao contrário da faixa imediatamente anterior, na qual

as casadas são maioria, à semelhança do perfil detectado em 1994 pelo primeiro questionário.

3. O fato de existir um grande número de viúvas (43% da totalidade dos respondentes), de idades variando entre 51 a 80 anos, ratifica o que vem sendo apontado por vários estudos demográficos a respeito da maior longevidade feminina: quando comparada ao homem, a mulher tem uma sobrevida de oito a dez anos.

4. A respeito do Nível de Escolaridade, aqui também, como em 1994, foi detectado um número significativo de pessoas com o Primeiro Grau incompleto, assim localizadas: a totalidade dos homens não concluiu o curso primário; das mulheres, 6 (21,42%) frequentaram até o segundo e/ou terceiro ano do Grupo Escolar; 12 (42,85%) têm este ciclo (primário) completo e 2 (7,14%) interromperam os estudos na quinta e sétima séries, respectivamente, do curso Ginásial.

E, mais uma vez, ficou evidenciado que o Programa tem uma abrangência que não se restringe à cidade de Assis, pois 22 pessoas, das 72 que compõem a presente análise, são das cidades de Cândido Mota (SP) (22,22%) e Tarumã (SP) (8,33%), demonstrando que quando existe incentivo para aprender a viver melhor procura-se ir onde são oferecidos os ensinamentos.



TABELA 5: Caracterização dos Sujeitos por Idade, Sexo e Estado Civil

Idade	Estado Civil	Solteiro		Casado		Viúvo		Desquitado Divorciado Separado		Outra situação		Total
	Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
de 39 a 44					3							3
%												4,16
de 45 a 50					3							3
%												4,16
de 51 a 56			1		3		3		2			9
%												12,50
de 57 a 62					10		5		1			16
%												22,22
de 63 a 68					3		17	4			1	25
%												34,72
de 69 a 74		1	1		2		5	1				10
%												13,88
de 75 a 80		1	1		1	1	1	1				6
%												8,33
TOTAL		2	3	-	25	1	31	6	3	-	1	72
%		2,77	4,16	-	34,72	1,38	43,05	8,33	4,16	-	1,38	100

TABELA 6: Caracterização dos Sujeitos por Idade, Sexo e Escolaridade

Idade	Escolari- dade	Sem ins- trução		1º Grau incom.		1º Grau compl.		2º Grau compl.		3º Grau compl.		Sem resp.		Total
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
de 39 a 44					1		1		1					3
%														4,16
de 45 a 50					1				1		1			3
%														4,16
de 51 a 56			1		3				1		4			9
%														12,50
de 57 a 62			3		5		2		1		5			16
%														22,22
de 63 a 68			1	3	13		2		3		1	1	1	25
%														34,72
de 69 a 74					4						1	2	3	10
%														13,88
de 75 a 80			1	2	1							1	1	6
%														8,33
TOTAL		-	6	5	28	-	5	-	7	-	12	4	5	72
%		-	8,33	6,94	38,88	-	6,94	-	9,72	-	16,66	5,55	6,94	100

Além disso, instituída esta clientela já na Universidade, é ela convidada a participar também dos eventos e de outras atividades oferecidas na Faculdade, como por exemplo, por ocasião da Oficina de Origami e da Cerimônia do Chá, ambas promovidas pelo Departamento de Letras Modernas em outros horários que não o de funcionamento do Programa. Naquelas ocasiões, algumas alunas se interessaram, atraídas pela oportunidade de conhecer e aprender os mistérios da arte e da cultura orientais.

Em relação às questões especificamente relacionadas ao **Programa UNESP Aberta à Terceira Idade**, a par de um número significativo de pessoas que estavam frequentando-o desde o seu início (18 = 25%), ou a partir do segundo semestre de 1994 (19 = 26,38%), 35 (48,61%) iniciaram as atividades naquele ano de 1996, sendo que 14 (19,44%) estavam vindo no semestre em curso pela primeira vez à Faculdade. Sondando a continência do comparecimento às atividades de interesse, desde que cada um começou a frequentar o Programa, 57 (79,16%) responderam afirmativamente. Dos demais, 12 (16,66%) interromperam por um ou outro semestre, e os motivos alegados relacionaram-se tanto aos problemas de doença familiar e/ou pessoal e de tempo ou horário, quanto às dificuldades enfrentadas no ambiente doméstico porque *o marido é nervoso e não deixa* e/ou financeiros, além de também ter sido atribuída à greve na Faculdade a descontinuidade da frequência.

Em relação a estes motivos, algumas colocações são importantes e merecem reflexões, como por exemplo aquelas pertinentes à greve na Faculdade no primeiro semestre daquele ano (1996), ocasião que percebemos ter havido um desestímulo relacionado à interrupção das atividades de vários



dos participantes do Programa, acarretando desistências quando da retomada das aulas e uma certa desmotivação por parte daqueles que retornaram. Além disso, a retomada dos cursos e/ou oficinas após um período de paralisação não deixa de ser uma fase conturbada, marcada tanto pela urgência em encerrar as atividades programadas anteriormente, quanto pela necessidade da organização de outras. A vivência daquele período com uma clientela específica na Faculdade nos alertou para a seguinte questão: se temos como princípio o respeito às expectativas e às disponibilidades do aluno da terceira idade, um Programa em implantação só se sustenta e não corre o risco de ser esvaziado se prossegue investindo no interesse do seu público-alvo e, neste sentido, interromper determinadas atividades, além de ser temerário, pode não ter a garantia da continuidade posterior. Assim, refletir sobre medidas a serem tomadas por aqueles que se propõem desenvolver ações voltadas a clientelas específicas por ocasião de ocorrências semelhantes a esta, é necessário. Por outro lado, entretanto, se tivemos que lidar com as desistências e as desmotivações, temos também que convir que aqueles que se propõem frequentar determinados ambientes devem se acostumar às situações que os permeiam, pois só assim poderão realmente se sentir fazendo parte deles, como querem.

E, mesmo que a instabilidade da frequência às atividades tenha sido relacionada às dificuldades financeiras, é oportuno esclarecer aqui que o Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* é inteiramente gratuito. Sabemos, entretanto, que muitas pessoas que moram distantes e que dependem do transporte coletivo para ir (ou vir) até a Faculdade nem sempre podem arcar com este gasto (considerado extra) semanalmente. Parcerias devem ser implementadas visando suprir esta carência, que, no nosso caso, foi justificada por apenas uma pessoa.



No elenco dos cursos, oficinas e/ou mini-cursos realizados, ou em andamento, a frequência das respostas dadas detectou que todas as atividades - umas e/ou outras - oferecidas no Programa até então, fizeram parte do elenco de programação daquelas pessoas, evidenciando uma preferência, entretanto, a: Ginástica, Artesanato, Teatro, Línguas Estrangeiras (Espanhol e Italiano), Saúde na Terceira Idade, Grupo de Vivência, Linguagem e Expressão Corporal, Alfabetização e/ou Revisão Ortográfica, Anatomia e Fisiologia Humana, dentre outras.

Na esteira do significado atribuído a estas preferências, destacamos aqui que o desenvolvimento de uma **Oficina de Artesanato** na Universidade pode parecer estranho para os desavisados, mas promovê-la é acreditar que estamos não só resgatando manifestações da cultura popular de uma geração, desconhecida da atual, como também assegurando respostas adaptativas importantes, onde a coesão pode estar sendo garantida no processo grupal. Exemplo disto é termos, dentre as alunas desta Oficina, uma senhora portadora de graves problemas auditivos e que tem uma história particular de perdas na família. Inserida que está no grupo, sua integração não é consequência apenas da sua vontade de aprender técnicas artesanais específicas, mas é também, e particularmente, a oportunidade experimentada no compartilhar de um ambiente em que todos têm o mesmo objetivo: a convivência, facilitada nas ocasiões que, promotoras de aprendizagem, promove "*... a capacidade de manter ou recuperar os níveis de funcionamento normal, mesmo em casos de grande ameaça à personalidade e à adaptação normal do indivíduo*" (Neri, 1995a:13). Desta forma, se aliado à ajuda mútua, à troca e à partilha, o trabalho especificamente manual pode possibilitar também a capacitação dos senti-

dos e das funções motoras que a idade inevitavelmente faz regredir, em direção à recuperação de uma relativa autonomia vital. Por último, com a certeza de que as pessoas ao verem o produto final do trabalho aprendido e realizado por si mesmas, podem experimentar a produção da própria identidade por sentirem renovada a experiência de vida, tão dispensável hoje na nossa sociedade onde impera a valorização das inovações, em detrimento do tradicional, esta Oficina já criou multiplicadores. Seis alunas, da cidade de Tarumã (SP), município próximo de Assis, que frequentaram as aulas até o ano de 1996, estão atualmente ensinando as técnicas aprendidas para os companheiros e companheiras do Núcleo do Idoso daquela cidade, demonstrando que a atividade, além de não ser estranha num projeto de resgate da cultura popular, permite que ela seja disseminada para aqueles que, por motivos talvez financeiros, não tenham tido condições de frequentá-la, tendo sido esta também uma das razões que nos fez implantar a Oficina de Artesanato. O fato de podermos proporcionar, gratuitamente, o ensino de certas habilidades que possam estar revertendo em captação de recursos, foi ao encontro de solicitações anteriores que podem ter sintetizado o desejo de aprender confeccionar vários objetos - que podem servir para enfeitar a própria casa, para presentear e até para vender - e, neste sentido, estar se assegurando, em muitos sentidos, uma certa independência. Nas aulas de Artesanato, no espaço instituído como a "Sala da Terceira Idade", convivem todas as semanas diversas senhoras de Assis e das cidades vizinhas, idosas do Lar dos Velhos de Assis, a professora (que também tem mais de 60 anos) e alunas estagiárias do Curso de Psicologia. É interessante observar a dinâmica das aulas - muita alegria, muita amizade, muita música "daquela época" cantada pelas próprias alunas, num ambiente em que a solidariedade já está instituída, não só na divisão do material, mas também na troca das receitas das



guloseimas que trazem, demonstrando que compartilhar do afeto, da cortesia, da experiência e do saber do outro, com certeza pode estar promovendo o desenvolvimento integral destas pessoas e possibilitando a sua (re)inserção à comunidade mais próxima e à sociedade de modo geral.

Quanta estranheza causou também ao ambiente acadêmico uma palestra versando sobre AIDS dirigida à terceira idade. Noções e comentários sobre a (não)sexualidade dos idosos foram porém superados na curiosidade da platéia, desejosa por se informar sobre a contaminação pelo vírus HIV nas relações sexuais. Preconceitos foram revistos naquela ocasião. E outras oportunidades, propiciadas pelo Mini-Curso "**Saúde na Terceira Idade**", possibilitaram também maiores informações sobre doenças infecto-contagiosas sexualmente transmissíveis que, estimulando a concretização de um espaço de fala e de escuta, constituíram-se em eventos fortuitos de esclarecimentos de muitas noções equivocadas a respeito das enfermidades em questão.

Acreditando no princípio que norteia este trabalho na Faculdade, amparado pela possibilidade de oferecimento de ambientes propícios que estimulem a emergência e o desenvolvimento das manifestações artísticas destas pessoas, estamos propiciando a elas a oportunidade de perceberem a Instituição também como o espaço possível do despertar do potencial criativo de cada uma. Nesta direção, a **Oficina de Teatro** tem procurado incentivar os participantes, pela estimulação frequente, às respostas positivas de integração na atividade que, sem deixar de ser artística é, principalmente lúdica. Se temos

como filosofia no Programa que a imaginação, a sensibilidade, a criatividade, o lúdico e o prazer não sejam experimentados somente em momentos transitórios, mas que estejam presentes constantemente na vida dos indivíduos como expressões da afetividade, as aulas de teatro se constituem como verdadeiros treinos para fazer aflorar estas sensações. Várias peças já foram montadas e encenadas pelo Grupo dos Veteranos, composto por aqueles participantes que frequentam a Oficina desde a sua implantação.



Temos, dentre os atores, pessoas da cidade e da região mais próxima, iletradas e letradas, que, nesta convivência experimentam no grupo a sensação de liberdade expressa na vivência das oportunidades que a vida se lhes apresenta. Assim, observamos que o teatro fez despertar, em muitos, o estado de ânimo esquecido, guardado no fundo do baú, pelo reconhecimento neste espaço, da oportunidade de busca e de reencontro (ou recuperação) de

sentimentos sintetizados na emoção de agir para ser, *funcionando como uma terapia*. Fazer emergir então nas pessoas o prazer, a felicidade e o bem-estar, sintetizados na possibilidade de criação de novas sensibilidades e de expressão real de potencialidades, incentivadas pelo gosto em representar e se permitir mostrar à sociedade que ainda é um ser capaz de produzir, significa não só atender às necessidades funcionais de relações afetivas proporcionadas pelo convívio social, mas também à estimulação das capacidades criativas de cada um, quando ensina os indivíduos a se libertarem das amarras castradoras dos potenciais latentes.



Na provocação de sensações a serem experimentadas em outras manifestações artísticas, oferecemos, por algum tempo, a **Oficina de Musicalização através da Flauta**, procurando, nesta promoção, ir ao en-

contro da concretização dos desejos detectados quando exploramos as expectativas dos participantes em relação à Faculdade, conforme relatado anteriormente neste trabalho. Assim, ansiar pela aprendizagem de um instrumento musical e ver o sonho realizado na vivência de *uma experiência inédita na vida*, é vivenciá-la com satisfação, particularmente estimuladora e gratificante nas oportunidades de apresentação ao público.



A preferência demonstrada pelos participantes às atividades com o corpo, sintetizada na escolha expressiva ao Curso de **Ginástica**, vem corroborar o reconhecimento dos efeitos benéficos da atividade física sobre a saúde mental das pessoas, demonstrado por vários estudos (*apud* Amorim e Alberto, 1996) que, disseminados, recomendam a prática de exercícios físicos não só para estimular carências motoras, mas também para contornar situa-

ções de depressão e ansiedade. Nesta direção, o Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade*, ao propor o desenvolvimento de atividades em que as dinâmicas das aulas procuram estimular a expressão e a prática de exercícios com o próprio corpo, pode estar garantindo benefícios em direção ao desenvolvimento de uma velhice positiva e capacitadora de auto-regulação. Assim também, os cursos e oficinas, quando enfatizam que as noções relacionadas aos princípios que sustentam que as formas com que lidamos com o próprio corpo dependem das informações e conhecimentos que temos a seu respeito - sua estrutura e seu funcionamento - dirigem-se à proposta de descoberta, pelas pessoas, das dimensões de suas potencialidades. Nesta perspectiva está programado o Curso **Aspectos Básicos de Anatomia e Fisiologia Humana** que, ao procurar proporcionar um conhecimento básico e essencial sobre o corpo humano, objetiva despertar na clientela as relações de integração consigo mesmo, com seu corpo e com o mundo, suas dependências e as características essenciais que colaboram para a manutenção de seu equilíbrio psico-social. Paralelamente, as aulas de Ginástica procuram, coerentemente às noções teóricas sobre força, equilíbrio, coordenação e flexibilidade, imprimir à prática exercícios de estimulação da capacidade vital de cada um em direção à (re)descoberta das potencialidades e de estimulação da auto-confiança e da auto-valoração, sustentadas, na prática, pela idéia de que mais do que uma aparência perfeita, o que se deve priorizar é um corpo sadio. Com estes princípios e procedimentos, amparados pela promoção de um ambiente saudável de alegria, descontração e cooperação, no qual a estimulação do apoio recíproco é vivenciada sem receios pelas pessoas que estão experimentando as mesmas experiências, acreditamos



estar criando nas pessoas, em consequência do auto-conhecimento, a satisfação de serem capazes de realizar quando se permitem ter o domínio do próprio corpo.

A este respeito, é oportuno registrar aqui as conclusões de pesquisa (Longo Jr., 1995) realizada sobre levantamento de atitudes em participantes do Programa após aquisição de conhecimentos sobre anatomia e fisiologia humana e exercícios físicos para a terceira idade. Tendo como instrumentos de coleta de dados a participação nas aulas, como aluno monitor do Curso "Aspectos Básicos de Anatomia e Fisiologia Humana", a observação participante e questionários de avaliação, o autor, aluno do Curso de Psicologia da Faculdade, detectou, dentre outras mudanças de hábitos, que: a alimentação é um dos componentes para a boa saúde, tendo sido revista por 72% das pessoas entrevistadas; 68% da amostra investigada reestabeleceu hábitos, considerados viciados ou errados, em direção à atividade física, dentre eles, uso correto de calçados e roupas leves e frescas para caminhadas e ginástica, a importância do relaxamento, dos cuidados com o peso e de se ter posturas corretas. Foi detectado também que as pessoas *perceberam que o corpo ficou mais leve depois dos exercícios* e que *passaram a ser mais abertas, se comunicando mais com os outros*. Tais dados, aqui resumidamente apresentados, mostram mais uma vez, a importância não só de se investir nas orientações do saber envelhecer, mas também na incorporação consciente, pelos indivíduos, dos ensinamentos obtidos nas oportunidades que se lhes apresentam ao longo da vida.



É também com o objetivo de estimular o reestabelecimento do contato do idoso com o seu próprio corpo que se apóia a prática desenvolvida nos **Grupos de Vivência**. A partir do momento que procura proporcionar aos participantes o reconhecimento de um espaço possível para expressar e trabalhar as necessidades de todos enquanto seres humanos criativos, pelo estabelecimento da conscientização de si e do outro, trabalha também as percepções do próprio corpo - o andar, o respirar, o olhar, o espaço, o outro, o contato com o outro, a sensibilidade da pele, a possibilidade de movimentos - e as reações diante dessas experiências estimuladoras da redescoberta das capacidades individuais e da recuperação da auto-imagem. Ao constituírem-se em espaços privilegiados de elaboração de limites e de aceitação das modificações que surgem com a idade, os grupos de vivência possibilitam que os pares, no inter-relacionamento em igualdade de condições, desenvolvam trocas afetivas cal-

cadavres na denúncia das potências e impotências do presente (Prates da Silveira e Silva Bento, 1982:140).

Se o modelo de corpo estimulado na nossa sociedade sintetiza a perfeição, a energia e a vitalidade simbolizados no jovem, aprender a lidar com as transformações físicas provocadas pela passagem do tempo é ser independente dos valores sociais, num processo de alimentação contínuo da autoconfiança, em que tem mais valor a aceitação de si próprio do que a aprovação dos outros. Neste sentido, redefinir atitudes e comportamentos implica em "... *fazer uma reavaliação da imagem do corpo, onde os elementos jovialidade, sensualidade e atratividade não sejam vistos como os únicos fatores que sustentam a auto-imagem feminina. É preciso incluir o corpo como um instrumento de ação da personalidade do mundo onde esta possa ser valorizada também pelas ações*" (Paiva, 1992:7), o que implica ser receptivo às inovações dentro das possibilidades de cooperação transformadora.

Assim, em consonância com a reflexão da dinâmica e dos objetivos das atividades, aliada às nossas observações e à análise das respostas dadas ao questionário, o qual objetivou estabelecer o significado atribuído à oportunidade de participação, sugerimos que o **Programa UNESP Aberta à Terceira Idade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis:**

1. **ESTIMULA RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS**, uma vez que ele propicia a *oportunidade de se conhecer novas pessoas e arranjar muitos amigos* nas ocasiões estimuladoras da *descontração e do companheirismo nas atividades*, facilitadas pela *aprendizagem de melhor comunicação com as pessoas*. Neste sentido, a oportunidade de *integração a um grupo com*

os meus interesses é a oportunidade de convivência porque promove novas amizades e lazer e forma um grupo pelo contato social que tenho através da Faculdade e, assim, é ótimo pois em nossa idade fica-se muito isolada pois como eu não exerço nenhuma atividade profissional e os filhos foram estudar fora, fiquei sozinha.



Explicitar estas sensações, provocadas em diferentes atividades, adquire um significado extremamente importante para nós, uma vez que se o Programa se propõe estimular a abertura à comunicação e, nesta estratégia, está promovendo as trocas, as amizades, o estabelecimento de vínculos, está ele também facilitando para que as pessoas sintam-se mais felizes, alegres e dispostas nesta oportunidade propiciada pela convivência em direção ao estabelecimento de novos laços que facilitam a aprendizagem. Neste aspecto, os

idosos que residem no Lar dos Velhos de Assis exprimem com clareza o significado atribuído à existência do Programa e à oportunidade de frequentá-lo. Ora, se é sabido que muitas das ações programadas a idosos institucionalizados restringem-se a serem praticadas nos próprios espaços institucionais, seja por pessoas caridosas, seja por profissionais contratados para desenvolverem atividades específicas de estimulação às carências, a oportunidade para frequentar um ambiente diversificado culturalmente, como é a Faculdade, pode estar promovendo ganhos extras, extremamente valiosos, personificados não só na convivência com seus pares que não aqueles habitualmente do dia a dia da Instituição, mas também na possibilidade de burlar a rotina que impregna o modelo institucional, o qual, ao agrupar todos no mesmo espaço, faz com que a vivência do envelhecimento nas suas consequências, seja um constante envelhecer. Quando estes idosos começaram a frequentar as atividades na Faculdade, era comum dormirem nas aulas, tão acostumados estavam talvez ao programado descanso após as refeições. Hoje, percebemos o quanto estão ativos e em sintonia com a tarefa, seja na execução dos trabalhos propostos, seja na familiaridade com o grupo da classe. E, mesmo que não consigam desenvolver com habilidade as atividades sugeridas, não deixam de adquirir, entretanto, novos conhecimentos num ambiente que, ao procurar incentivar a integração, valoriza também o ser humano nas suas potencialidades e limitações. Assim, para os idosos do Lar dos Velhos de Assis frequentar as aulas de Ginástica e de Artesanato na Faculdade é a oportunidade de *fazer mais amigos porque é bom poder ficar com pessoas agradáveis e conhecer gente diferente, saindo da rotina do dia a dia num passeio gostoso, divertido e de bom proveito num lugar bonito fazendo atividades diferenciadas, além de ter mais condições de melhorar a capacidade de andar porque é sempre bom movimentar o corpo*

para não enferrujar. Promover que representações como estas, que simbolizam o prazer pela oportunidade vivida, depende, entretanto, também do incentivo da instituição de origem que, se aberta às mudanças que devem ser implantadas na estrutura organizacional destas entidades em prol de uma vida mais digna aos seus internos, facilita para que eles usufruam de alternativas propiciadoras de crescimento interior fora do espaço institucional. Neste sentido, propiciar que os abrigados do Lar dos Velhos participem de eventos oferecidos na comunidade externa, é estar implementando diretrizes funcionais, cujos princípios se assentam no respeito às vontades das pessoas, como deve ser toda ação promotora dos direitos do cidadão.

2. PROPICIA A CULTURA pois oportuniza a aquisição de conhecimentos. Amplamente apontada, a *aprendizagem de muitas coisas boas e interessantes que servem para a vida* sintetiza que *agora estou aprendendo o que nunca tive oportunidade de aprender antes, de forma mais gostosa, informalmente*, sendo esta *uma nova oportunidade que estão dando às pessoas com mais idade para aprender novas coisas, o estudo que não tivemos*, haja vista ser *importante aprender, e saber ler e escrever*.

Expressões como estas explicitam que o Programa, uma vez percebido como a oportunidade surgida que supriu lacunas da vida destas pessoas, veio para preencher os momentos ociosos de quem envelhece com satisfação e com conhecimentos produtivos e enriquecedores. Assim, *aprender a preencher um cheque bancário*, operação facilitada pelos ensinamentos da Oficina de Revisão Ortográfica, não só possibilitou uma maior autonomia como também propiciou a descoberta de outras possibilidades pelo uso correto da palavra escrita.

Na valorização da oportunidade da educação continuada, expressa na *recordação de conhecimentos anteriores aliada à aprendizagem de novos*, é reconhecida a grande iniciativa do Programa *porque leva a pensar de modo diferente textos e acontecimentos que só se conseguia ver por um ângulo*. Neste sentido, se facilitar a percepção dos diferentes significados da linguagem é possibilitar às pessoas um conjunto diverso de disposições para responder, disposições estas que podem estar associadas a uma palavra ou a um pronunciamento da linguagem, aí reside a autonomia do ser humano quando pode dispor, livremente, de tantos quanto forem possíveis os significados da palavra. E, nesta esteira, a identificação da arte com a cultura manifesta-se na atividade estimuladora - *o teatro desperta a cultura* - pois participar de um código artístico, só compartilhado por aqueles que se beneficiam e se encontram na atividade, *propicia e desperta a autonomia, a disposição, a vitalidade, a agilidade, a sociabilidade, a vivacidade, a desobrigatoriedade, a descontração, o interesse, a inteligência*, além de promover a *mudança no estado de ânimo das pessoas quando centradas nas atividades específicas que espantam a solidão e a depressão*.

3. PROPICIA O PRAZER PELA INTEGRAÇÃO ENTRE INTERESSE E OPORTUNIDADE, expresso na valorização do Programa que procurou contemplar as atividades de interesse, uma vez que *eu sempre tive interesse pelo teatro, porém nunca tinha tido oportunidade ... há muito desejava cursá-las mas nunca tive oportunidade e tempo*. Agora é a hora. Momento de aliar-se a grupos de referência, com interesses semelhantes, em circunstâncias e atividades conjuntas que favoreçam o desenvolvimento integral nesta fase. O interesse centrado em atividades específicas, e identificado

como a oportunidade de expressão da criatividade individual, expressou-se tanto na execução de trabalhos manuais pois *sente-se bem realizando as pinturas*, que é quando *a gente desperta em muita coisa e desliga dos problemas*, quanto na oportunidade de *ter contato com músicas em outras línguas que de alguma forma já tinham feito parte da minha vida* demonstrando que quando há integração entre interesse e oportunidade há a *realização, o gosto, o divertimento, a criatividade, a disposição, a alegria, a felicidade, o autoconhecimento*, sintetizados na possibilidade de aprendizagem de coisas novas - *eu nunca aprendi música e gostei muito ou sempre gostei do teatro e nunca tive oportunidade de fazer - que despertam para a vida.*



A valorização da oportunidade como consequência do interesse centrado na atividade expressou-se também na aprendizagem de línguas

estrangeiras, uma vez que *o espanhol é uma língua falada em vários países e, portanto, é interessante aprendê-lo*, mesmo que também seja só *para ter contato com uma língua estrangeira, através da música*, mas que, mesmo assim, *satisfaz a vontade de aprender esta língua porque é a chance em ver realizado o sonho de aprender as línguas italiana e espanhol que sempre curti na adolescência*. Mais uma vez explicitam-se desejos não realizados em épocas oportunas mas que, havendo a disposição, a seleção dos domínios a serem explorados, mantidos ou melhorados, dependerá das oportunidades existentes.

4. MANTÉM A SAÚDE BIO-PSICO-SOCIAL pois as atividades propiciam informações sobre cuidados com o corpo em direção a uma vida e a um envelhecimento mais saudável, uma vez que *reaviva a nossa mente como se fossemos adolescentes*; além de *exercitar o corpo*, o que é muito *saudável e necessário para as pessoas idosas*, e, nesta prática, *a gente sai da aula com o corpo leve, relaxado*, pois *a ginástica é importante na saúde*.

Na valorização da prática de exercícios físicos por *significar o bem-estar quando mantém o físico saudável* porque *faz bem para a cabeça e o corpo todo*, já se atribui significados que não estão restritos apenas à manutenção da saúde física, reflexos dos ensinamentos obtidos que, a par de noções e exercícios estimuladores da força e da vitalidade - *é bom para o corpo ficar mais forte e para a gente não perder a coordenação motora* - também disseminam a idéia da mente saudável, quando liberta de preocupações, nas oportunidades de livre escolha. Assim, expressar que as atividades são boas porque possibilitam *mais clareza para as idéias* porque *a gente tem oportunidade de trabalhar a mente porque elas contribuem para a qualidade de vida* quando *ajudam a gente a desenvolver os nervos*, propiciando *concentração*,

uso e abertura (da mente) para preencher e esclarecer dúvidas, isso é importante à nossa saúde para ter uma velhice mais saudável, significando que não é o fim, pode ser o começo de uma maneira boa de viver, resumindo o desejo de se ter uma vida mais saudável desde que percebamos a necessidade de atribuição de sentidos a ela.

Por outro lado, a diversificação das atividades, aliada à sua qualidade decorrente da didática, dedicação e afeto dos professores, foi outro aspecto valorizado que merece ser aqui apontado. Se temos como pressuposto que estamos trabalhando com pessoas que nunca tiveram anteriormente a oportunidade propiciada pelo Programa, oportunidade esta que pode ser resumida na possibilidade de manifestação dos desejos, contidos muitas vezes por falta de canais de expressão, a satisfação expressa no discurso demonstra muitas vezes a gratidão. Nesta lógica, só ela - a gratidão - poderia ter sido mesmo o primeiro sentimento experimentado por estas pessoas em relação a nós, profissionais, haja vista a perpetuação generalizada da discriminação do adulto que envelhece na nossa sociedade e a falta de ações dirigidas a ele e *com ele*. E, se resgatar a sua autonomia é o princípio norteador das metas a que se propõe o Programa, propiciar-lhe alternativas e dar-lhe o direito de selecionar aquelas do seu interesse, é estar contribuindo também para o processamento da sua consciência crítica, oportunizada nas ocasiões de intercâmbio de idéias entre os seus pares, entre os professores e os alunos da Faculdade. Assim, se temos como pressuposto que *"... o conhecimento se move como uma espiral contínua em que o pesquisador vai das tarefas mais simples para as mais complexas e do conhecido para o desconhecido, em contato permanente com as bases sociais"*, nas quais os conhecimentos são recebidos e processa-

dos, num processo de reflexão geral e válido em que "*... estudam-se as consequências desta restituição, indefinidamente, de maneira equilibrada, determinada pela própria luta e por suas necessidades*" (Borda, 1984:55), as estratégias que procuramos utilizar na trajetória de implantação do Programa na Unidade procuraram, sempre, ouvindo a população-alvo, respeitar os seus desejos e as suas expectativas com vistas ao resgate de sua autonomia e do desenvolvimento da sua consciência crítica. Talvez por isso, quando incentivada a expressar opiniões não relacionadas a atividades específicas do Programa, o discurso acaba revelando tão somente e quase sempre, sentimentos de carinho, agradecimento e afeto. Nesta direção, implantar atividades dirigidas ao adulto que envelhece(u) na Faculdade é uma iniciativa percebida como *uma idéia maravilhosa de vocês pensarem nas pessoas que estão na terceira idade, fico muito grata a todos que sempre nos trataram com muito carinho*. E, particularmente, *quero agradecer à Professora Edna e os professores de sua equipe que tantos carinhos nos deram, tanta alegria, esforço e paciência. Que Deus dê em dobro o que vocês merecem. Parabéns pelo trabalho que estão realizando com a terceira idade*. Por fim, *só tenho a dizer-lhes: Obrigado por terem incluído nessa Faculdade as pessoas da terceira idade. Só assim elas se sentirão mais valorizadas e não se sentirão no abandono da solidão. Esses cursos caíram do céu para nós. Obrigada UNESP querida!*

Mesmo que tenha havido uma aceitação positiva, praticamente generalizada sobre o Programa, como mostramos até então, não nos furtamos a apontar aqui também a rejeição explicitada e dirigida a alguma das atividades desenvolvidas, mesmo porque se abrimos a oportunidade das pessoas optarem por realizar aquilo que interessa a cada uma, não podemos obrigá-las a gostar

de tudo que é oferecido. Investigando este aspecto detectamos que 11 (16,66%) pessoas realizaram cursos que não gostaram. E, embora este nível de rejeição não tenha sido tão significativo quando comparado com o de aprovação (55 = 83,33%), e desconsiderando as 6 (8,33%) pessoas que não responderam a este item, esta questão merece ser analisada à luz dos motivos alegados para continuarem ou não com a atividade até o fim das aulas do semestre. Desta forma, mesmo não gostando da atividade, 4 (36,36%) pessoas continuaram nela até o fim, ao contrário das outras 7 (63,63%) que, ao perceberem que a proposta não atendia os seus interesses, desistiram. Os motivos alegados pelos dois grupos estão relacionados tanto à lealdade aos colegas e à falta de outra opção no horário (os que continuaram até o final), quanto à dificuldade de acompanhamento ao curso, atribuída à própria inabilidade pessoal e/ou à falta de didática do professor e à não satisfação das expectativas, no caso daqueles que justificaram o abandono da atividade. Ambas as posturas merecem uma análise que, refletida, também constitui-se no suporte das diretrizes norteadoras das ações dos envolvidos no Projeto. Revisarmo-nos, sempre, é o nosso compromisso para o aprofundamento não só das metas que queremos ver atingidas, mas também, neste processo, ganharmos aliados fundamentais para a continuidade do Programa.

Além deste, outros aspectos investigados também deram-nos suporte para que viabilizássemos as ações na programação futura. Sugestões de atividades, apontadas como importantes mas ainda não oferecidas, foram consideradas e desenvolvidas de acordo com as disponibilidades dos recursos existentes. Nesta indicação, tanto foi apontado curso de atualização escolar para aqueles que têm apenas o curso primário, quanto oficinas de aprimoramento da língua portuguesa e aprendizagem da inglesa, a par da sugestão de

implantação de clubes de leitura. A importância atribuída a estas sugestões centralizou-se não só no reconhecimento da dificuldade de escrita e pronúncia, mas também *porque hoje em dia o inglês é imprescindível e quando se faz o que se gosta a atividade propicia realização*. Demonstrados interesses tão díspares, expressos por necessidades diferentes mas não menos importantes para cada um, procuramos considerá-los na programação futura das atividades.

Resumindo as proposições e discussões apresentadas até então, respaldadas tanto pelas nossas percepções, produto de uma metodologia de trabalho que procurou privilegiar sempre o espaço da fala e da escuta entre todos os envolvidos, quanto pelo suporte obtido na análise das respostas ao questionário que investigou o significado atribuído à oportunidade de participação, os créditos atribuídos pelo público-alvo ao **Programa UNESP Aberta à Terceira Idade** da Faculdade de Ciências e Letras de Assis devem ser considerados sob a perspectiva de que as **atividades desenvolvidas podem promover o aumento da AUTO-ESTIMA** porque *significa muito, é mais que uma terapia é a vida, o desenvolvimento, a juventude é onde me sinto feliz e realizada porque sinto muito prazer por estar de volta à escola para exercitar a mente num curso que vai me deixar mais enriquecida de valores*.

Expressões como estas, confirmando positivamente a oportunidade de participação nas atividades oferecidas no Programa, levam-nos à crença de que a iniciativa, uma vez satisfatória para todos os envolvidos, evidencia o cumprimento do papel social da Universidade no tocante às questões relacionadas ao envelhecimento e à velhice na nossa sociedade, principalmente quando estimula e propicia que as pessoas usufruam das chances que lhes são

oferecidas, e, nesta estratégia, pode lhes estar sendo garantida a qualidade de interação com indivíduos que se propõem também incorporar novos valores em direção a um envelhecimento bem sucedido. Segundo Neri (1995b:34, 38), a idéia básica que envolve a noção de *"velhice bem sucedida é a manutenção dos níveis habituais de adaptação do indivíduo. Assim, velhice bem sucedida é uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, referenciada aos ideais da sociedade, às condições e aos valores existentes no ambiente em que o indivíduo envelhece, e às circunstâncias de sua história pessoal e de seu grupo etário ... se se preserva o potencial individual para o desenvolvimento e respeita os limites da plasticidade de cada um. Nesta premissa, envelhecer satisfatoriamente depende do delicado equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, o qual lhe possibilitará lidar, com diferentes graus de eficácia, com as perdas inevitáveis do envelhecimento. Tal equilíbrio traduz-se em processos de seleção e otimização de competências comportamentais decorrentes do envelhecimento, e de compensação das perdas inerentes ao mesmo processo. Uma vez que potencializar o desenvolvimento e a adaptação da pessoa humana, educando-a continuamente e realizando as adaptações necessárias à sua melhor qualidade de vida pela estimulação à sua flexibilidade individual e social em relação às questões da velhice, acreditamos estar, nas práticas educacionais oportunizadas na Faculdade, priorizando condições favoráveis para uma velhice satisfatória. É acreditando nestes princípios que a estrutura organizacional do Programa, além de não prever pré-requisitos de qualquer natureza como condições de acesso às atividades de interesse, tendo direito a frequentá-las todos aqueles que queiram se informar e se preparar para o próprio bem-estar na velhice, também não "forma" os alunos, uma vez que entendemos ser a Faculdade o espaço privile-*

giado do ensino-aprendizagem pela convivência estimuladora deste processo. Nesta direção, criar ambientes facilitadores da *oportunidade de crescimento interior* e de *acrescentarmos sempre mais à nossa personalidade para projetarmos novos horizontes* é estar colaborando para o aprimoramento da capacidade e da vontade de reorganização e reajustamento do ser humano diante de novas situações. Além disso, se *sentir mais nova, mais desinibida* porque *apesar da idade ainda sou útil, sou capaz, sou saudável, posso crescer* resume a oportunidade de *voltar à juventude que eu já tinha me esquecido, de ficar mais esperta e ter mais comunicação*. Assim, como podemos privar estas pessoas das situações tão sensivelmente prazerosas para cada uma? Se temos em mente que os níveis de aspiração dos sujeitos podem estar sendo mantidos nas oportunidades de realização dos seus desejos, acreditamos que as práticas desenvolvidas na Faculdade, quando estimulam a força de vontade individual, podem não só estar favorecendo a *independência, a segurança, e a confiança em si*, mas também possibilitando que as pessoas se permitam ser *extrovertidas e desinibidas* num espaço em que a manifestação dos afetos não é proibida, pelo contrário. A *redescoberta da vida nesta fase do envelhecimento* pode então estar sendo facilitada se a amizade e a solidariedade, norteadas pelo desejo e permeadas pelo afeto, pela emoção e pela liberdade de escolha, permitirem o resgate da noção de felicidade na apreensão de um novo conhecimento e na incorporação de novos valores. Desta forma, promover a satisfação das necessidades a todos é estar concretizando as questões sociais e políticas que permeiam a noção de cidadania, expressas - no ideal de sociedade - no desejo, na paixão, nas necessidades, nos *sentimentos de realização, descontração e prazer que se permitiu experimentar e na crença no futuro*.



Ancorado nestes princípios, o Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* ao possibilitar que os interessados optem pelas atividades de suas preferências está, nesta estratégia, lhes proporcionando a oportunidade do estabelecimento de metas neste percurso da vida, tendo a emoção como fator social dominante das interações sociais na velhice (Carstensen, 1995:112). E, neste sentido, ganha força o que Baltes e Baltes vêm apresentando como o modelo de envelhecimento bem sucedido (*apud* Carstensen, op. cit.:114): a "otimização seletiva com compensação" no qual três processos se interrelacionam - a seleção, a otimização e a compensação, sendo a velhice bem sucedida para as pessoas se elas "... *selecionam os domínios que têm mais importância em suas vidas; compensam os declínios irrecuperáveis com habilidades ainda preservadas e com auxílios suplementares; e otimizam o desempenho em domínios selecionados, lançando mão de reservas existentes ou aumentando o esforço colocado nesses domínios*".

Coerentemente a estes princípios, a **NECESSIDADE e a VONTADE DE APRENDER** constitui-se na prova do grande poder de mobilização e de adaptação do ser humano para ir ao encontro das perspectivas que acredita promotoras do seu bem-estar. A força de vontade, demonstrada nas atitudes determinadas e corajosas em assumirem que *tenho dificuldade de escrita e porisso tenho vontade de aprender mais ... para dar continuidade ao meu aprendizado ... para escrever melhor e aprender mais rapidamente* deve ser valorizada e encampada nas práticas sociais e educacionais como compromisso no processo de implantação de uma visão otimista e positiva de velhice e envelhecimento.

Assim, **participar das atividades do Programa UNESP Aberta à Terceira Idade tem um RETORNO GRATIFICANTE** quando a sensação de *bem-estar é expressa na satisfação de poder fazer o que gosta porque ensina tudo de bom para a gente idosa* evidenciando que o **ENRIQUECIMENTO PESSOAL** pode estar sendo propiciado quando o comportamento social destas pessoas, facilitado nas interações positivas, *"permite a aquisição de informações, o desenvolvimento e a manutenção do autoconceito e a regulação dos estados emocionais"* (Carstensen, 1995b:122) sintetizado no desejo de participação e aprendizagem *para a gente se enriquecer e ter algo a pensar - o saber não ocupa lugar* uma vez que as atividades oferecidas *colaboram para uma vivência melhor, individual e socialmente considerando*.

Ao privilegiar a livre expressão pela *"conquista ou apropriação dos mecanismos de produção de linguagem em direção ao rompimento de estereotípias ... as Oficinas de Linguagem e Expressão Corporal oferecidas no Programa promoveram o que se caracterizou como a desconstrução do cotidiano e da palavra. Talvez por isso, o espaço universitário tenha sido visto, pelas alunas da terceira idade, como aquele que possibilita a ... reconstrução do lugar social de cada um pela oportunidade oferecida de sair do anonimato para uma inscrição incisiva e atuante no universo ali constituído ... numa atividade que se propôs contribuir para o resgate da auto-estima quando inseriu, na sua prática ... a abertura de um amplo horizonte de leitura, de recodificação da realidade e produção de significações através de gestos transformadores das relações do sujeito com seu mundo"* (Justo, Dias e Pipinis, 1997), característica do intercâmbio da palavra que, recodificada, apropria-se dela o



sujeito no processo de atribuição de um novo significado. Como consequência, o redimensionamento de papéis incentivado na atividade mostrou a disposição de incorporação de novos valores pela clientela, principalmente porque sentiu ter, no seu grupo de referência, aliados que puderam demonstrar que *"se a gente tem uma sustentação fora, a gente fica mais forte. Às vezes a gente absorve os rótulos ... e o grupo é a oportunidade que eu tenho para fazer coisas diferentes ... pois o grupo para mim é como se fosse um óculos de aumento, se me sinto no escuro busco no grupo a ampliação do conhecimento das coisas"* (op. cit.:108). Assim, ao favorecer momentos particulares na vida daquelas mulheres, os grupos de Linguagem e Expressão Corporal foram valorizados porque se constituíram em espaços privilegiados para *"falar de coisas pessoais ... aqui sim somos ouvidos, existe tempo fixo para isso, o espaço é reservado para nós e temos a atenção garantida"* (p.107). E talvez por isso também, quando se propiciou a oportunidade de sair da rotina doméstica cristalizada no desempenho dos papéis tradicionalmente definidos como femininos, muitas das mulheres tenham se percebido no ambiente universitário como *a própria da estudante universitária* e isso é *uma alegria muito grande. Me esqueço que tenho casa, filhos, obrigações* num ambiente que promove a *descontração das tensões do dia a dia*. Assim, percebo que *mudei positivamente. Primeiro que saio de casa, tirei um horário para mim (foi ótimo!)* e isso *acrescenta sempre algo cultural, relacionamentos novos, conhecimentos* porque é *a oportunidade de sair um pouco de casa, sair um pouco do meu dia a dia e me divertir e fazer amigos*.

Representações como estas, expressas por mulheres que muitas vezes só têm o ambiente doméstico, com tudo o que ele confere, como o catalisador de suas energias, demonstram o enriquecimento pessoal que pode ser obtido nas oportunidades promovidas na Faculdade. Permitir-se a coragem

de rebelar-se contra a própria anulação, perpetuada muitas vezes no ambiente familiar, num espaço não só de acolhimento das denúncias mas também de discussão do lugar do idoso na nossa sociedade, em direção a relações transformadoras do lugar do sujeito no mundo, é estar promovendo, acreditamos nós, exercícios de redescoberta dos direitos de cada um.

Nesta esteira, e contrapondo-se às expressões manifestas pelas alunas da Oficina de Linguagem e Expressão Corporal, o resgate da identidade e da autonomia também pode ser delineado nos significados atribuídos por algumas das moradoras do Lar dos Velhos de Assis que *sentiram-se muito bem em realizar a Oficina de Artesanato* porque puderam aprender a *fazer cestinhas e outros enfeites para decorar a minha casa ... porque eu gosto da minha casa bem arrumada e com os trabalhos manuais pude deixá-la ainda mais bonitinha*. Quando refletimos sobre os ambientes das entidades de abrigo daqueles considerados também os excluídos da sociedade, quase sempre asépticos e sem vida, todos iguais ou parecidos, rotineiros porque mantenedores de uma ordem pré-estabelecida, onde a pessoa que lá reside acaba também incorporando as normas que a iguala a todas as outras, a maneira encontrada por estas alunas de burlarem a programação do sentido instituído foi promoverem elas mesmas, a diferenciação, uma vez que ao identificarem-se no produto do próprio trabalho, se permitiram facilitar as ações que podem estar resgatando o próprio sentimento de autonomia em direção à recuperação da identidade.

Todas estas expressões de satisfação, manifestas pela oportunidade de participação no processo de fortalecimento de uma visão positiva de velhice em direção a um envelhecimento bem sucedido para aqueles que se beneficiam das ofertas oferecidas na Faculdade, permeiam os motivos que nos animam a prosseguir investindo na preservação da auto-imagem das pessoas



que envelhecem. Neste sentido, acreditamos que os objetivos que nos propusimos quando da iniciativa de implantação do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* na Faculdade de Ciências e Letras de Assis, estão sendo atingidos. Todo este trabalho, entretanto, não teria alcançado tais resultados se aquele que está em sala de aula com os idosos estivesse, na sua prática, norteado por parâmetros e diretrizes distanciados da realidade de sua clientela, uma vez que esta "prática pedagógica" só se sustenta se na relação de intercâmbio de idéias priorizar uma metodologia que permita *"que o sujeito dessa educação se sinta protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, o que desenvolverá nele uma constante motivação ao ir atingindo os objetivos propostos progressivamente até o final, servindo de garantia aos conhecimentos adquiridos através do trabalho que está desenvolvendo"* (Giubilei, 1993:13). Rever-se a cada situação avaliada como mal sucedida porque não contemplou as expectativas - próprias e dos demais - e não temer em lançar mão das improvisações, é conduta que deve permear o comportamento do professor que, neste processo, não é identificado como aquele que pergunta, mas sim o que responde. Só assim, e quando a natureza e o conteúdo do trabalho desenvolvido em sala de aula se adequam aos interesses dos alunos, se imprime ao processo de ensino-aprendizagem uma relação de troca, na qual o companheirismo, facilitado entre os pares, permite que seja superada a dicotomia professor-aluno em direção à experimentação da interação baseada em conteúdos práticos e funcionais para a vida.

Desta forma, ter a sensibilidade suficiente para perceber que não persistir na perpetuação de uma postura que prioriza apenas a transmissão de conteúdos propostos previamente, e externamente ao contexto da realidade da classe com a qual se vai trabalhar, logra resultados satisfatórios - para si e



para os demais - devendo ser a conduta de todo aquele que se propõe oferecer a sua competência técnica em sala de aula para esta clientela.

Coerentemente a estes princípios, observamos, em todo o tempo de existência do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade*, exemplos da necessidade de adaptações dos conteúdos programáticos de várias das atividades, evidenciando que os professores, uma vez habilitados na leitura das necessidades expressas pelos alunos, se propuseram a uma reflexão crítica, permanente e disciplinada do próprio trabalho, o que se traduz na garantia de intervenções adequadas no processo de mudança quando envolve ações conjuntas e direcionadas à melhoria da sociedade em consequência da emergência da auto-confiança da comunidade composta por iguais.

Nesta linha, o depoimento a seguir, sincero, emocional porque envolvido, mas não menos consciente, de um aluno do último ano do Curso de Letras, estagiário da disciplina de Prática de Ensino de Língua Estrangeira-Espanhol junto ao Programa, registra este compromisso. Inicia ele o seu relatório explicitando de antemão que *o conteúdo do curso sofreu uma delimitação básica* (supunha ele ser esta clientela menos disposta e menos dinâmica se comparada ao jovem?) *que, vale ressaltar, nem sempre foi respeitado: primeiros contatos com a língua espanhola; identificação, cumprimentos e despedidas (uso formal e informal); gostos e não gostos; números, meses, dias da semana, estações do ano; cotidiano familiar; profissões (o que somos, o que gostaríamos de ser).*

Seguindo uma abordagem comunicativa na transmissão dos conteúdos propostos *tentava-se, através do contexto do qual os alunos eram oriundos, estimulá-los a se comunicarem através da língua estrangeira que se tornava familiar. A cada aula era feita uma recapitulação oral da aula an-*

terior e, em seguida, introduziam-se novos conteúdos. A não adoção de um livro didático, estratégia proposta pela professora supervisora, gerou um grau de dificuldade maior na elaboração e aplicação do tema em sala de aula, consequência da inexperiência do professor (eu), e na não ineficiência do método. No entanto, esta prática forçou à reflexão pois, diante das dificuldades, não havia outra alternativa senão refletir e procurar soluções.

Assim, nos primeiros contatos, o difícil começo: "Quando iniciei o curso de Espanhol para a Terceira Idade, não tinha experiência alguma como professor; meu único contato com o magistério foi o de aluno. No entanto, aceitei o desafio de aplicar o curso, primeiro porque tinha que começar algum dia, já que estou me licenciando em Letras, segundo porque queria buscar na nova experiência motivação para continuar estudando.

Iniciei o curso sem adquirir um livro didático como guia, embora buscasse material de apoio em alguns deles. A minha supervisora, no início do curso, me alertou para a necessidade de manter uma continuidade dos conteúdos, não deixando que os temas se tornassem isolados, sem nenhum tipo de ligação com as experiências pessoais dos alunos e com o conteúdo aplicado na aula anterior, uma vez que a descontextualização poderia acarretar a desmotivação dos alunos.

No início foi difícil, o susto do debutante passou rápido, mas ficou a responsabilidade de ensinar meus alunos, sem comprometer a motivação inicial do grupo que é impelida pela novidade de conhecer uma nova língua. Neste período inicial, minha coordenadora me auxiliou, me deu dicas e forneceu material de apoio para que eu utilizasse em sala de aula. Não tive problemas em manter a continuidade dos conteúdos, porém a minha inexperiência e a falta de empatia com o grupo começaram a comprometer as aulas. Eu não conseguia fazer com que elas falassem durante a aula e não

conseguia interagir com eles.

Um dos principais motivos da minha ineficiência, sem dúvida, era a subestimação que eu tinha por minhas alunas. Subestimava-as inconscientemente, me esquecia de que elas tinham entre quarenta e sessenta e tantos anos, que algumas tinham cursos superiores. Me esquecia que elas tinham filhos e netos, que algumas tinham viajado para o exterior e tinham visto coisas que eu nem imaginava que existiam. Me esquecia que elas viveram em uma outra época, cresceram ouvindo Carlos Gardel, "Recuerdos de Ipacaray" e "Estória de un Amor" nas rádios. Me esqueci ou não tive sensibilidade suficiente para sentir que elas eram especiais e que tinham um mundo próprio só criado pelo tempo. E por isso eu fracassava".

Entretanto, a descoberta pela intuição me fez refletir que: "Devido aos problemas que enfrentava e não sabia como resolver havia um acúmulo de conteúdos. Muitas vezes eu levava dois ou três textos diferentes para preencher o tempo. Isto fazia com que as alunas não fixassem nenhum, pois as aulas acabavam se tornando muito fragmentadas. Hoje, analisando o passado, creio que a única atração de minhas aulas eram as músicas, muito queridas por elas. Quando as aulas terminavam eu me sentia desgastado, sentia que meu trabalho não estava sendo bem realizado e as alunas demonstravam insatisfação.

Um dia, quando cheguei na classe, uma das minhas alunas estava ensinando tempos verbais em português para uma colega. Isto olhado friamente parece ser algo banal, mas serviu para me despertar diante da realidade em que eu me encontrava: algumas de minhas alunas tinham lecionado durante 30, 35 anos e poderiam me ajudar a ensinar com sugestões.

Passei a conversar com elas a respeito das aulas e elas me diziam quais eram as suas dificuldades e como fazer com que todas alunas

passassem a participar. Desta forma começamos a nos relacionar melhor, as alunas passaram, primeiramente, a ler em classe, e hoje, em alguns momentos, se comunicam em espanhol".

Porém, ainda estou em fase de descobertas porque: "O curso de Espanhol ainda está em andamento. Minha função em sala de aula não é mais de um professor, sei que minhas alunas sabem muito mais coisas do que eu, e por isso tenho facilidade em reconhecer meus erros. Quando acontece de eu explicar alguma coisa de maneira equivocada, e alguma aluna notar, não tenho constrangimento em reconhecer o erro. Quando tenho problemas em encontrar alguma estrutura gramatical no português para facilitar minhas explicações, sempre posso encontrar ajuda com uma de minhas alunas que dominam as estruturas de nossa língua muito bem.

Eu sei que minha abordagem ainda é deficiente, sei que os métodos utilizados ainda têm falhas, mas eu estou lutando para melhorar. Cada final de aulas eu sinto que aprendi algo. Não me desgasto mais nas aulas e sinto satisfação em lecionar, creio que minhas alunas têm muito a oferecer e eu pretendo continuar me encontrando com elas durante um bom tempo".

Depoimento apaixonado, mas não menos verdadeiro, na expressão do significado da oportunidade de se trabalhar com pessoas que têm muito a nos ensinar quando reconhecemos nelas a experiência, a maturidade e o exemplo. Experenciar com esta visão a prática, é investir na própria formação quando deixamos à mostra a nossa insegurança (muitas vezes típica do profissional em início de carreira) e as nossas limitações, mas nos permitimos dar-nos a chance de transpô-la em direção ao nosso aprimoramento. Desta forma, se por um lado trabalhar com a terceira idade em sala de aula exige que estejamos abertos às inovações, por outro propicia *enriquecimento pessoal*

para cada um que se dispôs partilhar os conhecimentos que podem permear as relações e, neste sentido, é um *constante aprendizado sobre o potencial da clientela*. Além disso, quando os professores reconhecem a importância de continuidade do Programa, a gratificação pela oportunidade em nele trabalhar é motivo de *orgulho* daqueles que puderam participar de um *Projeto tão importante que visa dignificar e engrandecer a população-alvo*, num ambiente facilitador do *prazer, da alegria e da energia de vida*.

Assim, dadas todas estas considerações, resumo do significado que adquire, para todos os envolvidos, a chance de vivenciar na Universidade práticas educacionais dirigidas não só à exploração das possibilidades de desenvolvimento na velhice mas, principalmente, à disseminação da idéia do lugar do idoso na sociedade como produto do processo de conscientização de uma cidadania comprometida com a realidade social e com a qualidade de vida no envelhecimento, acreditamos que, coerentemente aos princípios norteadores do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade*, estamos cumprindo a determinação dos valores que cremos éticos no resgate da liberdade e da autonomia das pessoas que estão agora de volta à Escola pois:

Se educar para a cidadania é recuperar o homem rico em necessidades, imaginativo e com esperanças, ela (a cidadania) se potencializa na ação coletiva e individual em prol do bem comum e do gozo particular. Para tanto, pressupõe a existência de comunidades livremente escolhidas, onde os homens discutem, escolhem e planejam formas plurais de vida (Sawaia, 1994:153).



VIII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é aquela que ensina a ler e a escrever, mas também a pensar e a agir. Por isso, a escola deve ser um espaço de formação humana, onde o aluno aprende a lidar com a diversidade e a construir sua própria identidade. A escola deve ser um espaço de diálogo e de participação, onde o aluno aprende a trabalhar em grupo e a tomar decisões coletivas. A escola deve ser um espaço de respeito e de valorização, onde o aluno aprende a respeitar os outros e a valorizar suas próprias habilidades. A escola deve ser um espaço de criatividade e de inovação, onde o aluno aprende a pensar de forma crítica e a criar soluções para os problemas. A escola deve ser um espaço de cidadania e de responsabilidade, onde o aluno aprende a exercer seus direitos e a cumprir seus deveres. A escola deve ser um espaço de amor e de felicidade, onde o aluno aprende a amar e a ser amado. A escola deve ser um espaço de vida e de esperança, onde o aluno aprende a viver e a sonhar. A escola deve ser um espaço de luz e de verdade, onde o aluno aprende a buscar a verdade e a lutar pela justiça. A escola deve ser um espaço de paz e de harmonia, onde o aluno aprende a viver em paz e a construir uma sociedade mais justa e mais equitativa. A escola deve ser um espaço de crescimento e de desenvolvimento, onde o aluno aprende a crescer e a desenvolver suas habilidades. A escola deve ser um espaço de alegria e de felicidade, onde o aluno aprende a viver com alegria e a encontrar a felicidade. A escola deve ser um espaço de vida e de esperança, onde o aluno aprende a viver e a sonhar. A escola deve ser um espaço de luz e de verdade, onde o aluno aprende a buscar a verdade e a lutar pela justiça. A escola deve ser um espaço de paz e de harmonia, onde o aluno aprende a viver em paz e a construir uma sociedade mais justa e mais equitativa. A escola deve ser um espaço de crescimento e de desenvolvimento, onde o aluno aprende a crescer e a desenvolver suas habilidades. A escola deve ser um espaço de alegria e de felicidade, onde o aluno aprende a viver com alegria e a encontrar a felicidade.

(Regina Nello)

Em função dos encaminhamentos realizados para a implantação do Programa UNESP Aberto à Terceira Idade na Faculdade de Ciências e Letras do Assis, conforme trajetória relatada neste trabalho, podemos afirmar que ele se caracteriza como um projeto - também específico - que foi se constituindo na extensão da ação que sempre procurou contemplar as reivindicações da clientela para a qual ele se destina e a disponibilidade dos recursos humanos no enfrentamento das atividades. Sobre este aspecto, observamos que as várias Unidades da UNESP que implantaram o Projeto Universidade Senior, por suas próprias características - suas áreas de atuação, suas especialidades, seus recursos e sua abrangência regional - imprimiram ao trabalho com a terceira idade nuances diferenciadas e particulares a cada uma, conforme destacado no II Encontro do Projeto Universidade Senior da UNESP em Marília (SP) em agosto de 1997, ocasião de troca de experiências entre profissionais e clientela atendida. Aos maiores do I Encontro, realizado em Águas de Lindóia (SP), em 1994, resultou deste evento a reflexão das estratégias de ação implementadas por cada

A velhice é aquela fase em que o indivíduo já está com os olhos mais livres e o coração mais aberto frente às pessoas e às coisas. Por ter passado por uma série de experiências, o idoso adquiriu uma nova percepção da vida, podendo senti-la de uma maneira mais forte e sábia. Por isso mesmo tem a possibilidade de criar o seu espaço e dele usufruir graças à sua grande capacidade de discernimento.

(Regina Mello)



Em função dos encaminhamentos realizados para a implantação do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* na Faculdade de Ciências e Letras de Assis, conforme trajetória relatada neste trabalho, podemos afirmar que ele se caracteriza com um perfil - bastante específico - que foi se configurando na estratégia da ação que sempre procurou contemplar as reivindicações da clientela para a qual ele se destina e a disponibilidade dos recursos humanos no oferecimento das atividades. Sobre este aspecto, observamos que as várias Unidades da UNESP que implantaram o Projeto Universidade Senior, por suas próprias características - suas áreas de atuação, suas especialidades, seus recursos e sua abrangência regional - imprimiram ao trabalho com a terceira idade modelos diferenciados e particulares a cada uma, conforme detectado no II Encontro do Projeto Universidade Senior da UNESP em Marília (SP) em agosto de 1997, ocasião de troca de experiências entre profissionais e clientela atendida. Aos moldes do I Encontro, realizado em Águas de Lindóia (SP), em 1994, resultou deste Evento a reflexão das estratégias de ação implementadas por cada Unidade no desenvolvimento das atividades voltadas ao público - objetivo das ações - sintetizando que cada câmpus, em função de suas especificidades, delimita uma identidade própria ao trabalho. Não faltou, entretanto, a sugestão de intercâmbio entre as Faculdades, o que com certeza enriquecerá todas as iniciativas quando pudermos propiciar ao público-alvo, a oportunidade de acesso aos conhecimentos produzidos nas outras Unidades. Para a efetivação desta proposta, porém, há que se ter, por parte da Universidade, o incentivo necessário à promoção da infra-estrutura na consecução de tais ações.

Se a sociedade incorpora e perpetua a idéia que quando o indivíduo chega à velhice, chega com muitas perdas, vivenciadas já a partir da



meia idade, e que o esforço de cada um em recompor-se sem tantos sofrimentos implica na capacidade de transpor as dificuldades provocadas pela ruptura de vínculos estabelecidos significativamente durante toda a sua vida, o que lhe exige não só aceitar as perdas mas também a força para assumir novos valores em direção ao estabelecimento de outras fontes de estímulo, reverter as noções estereotipadas e colaborar para que o processo de envelhecimento seja menos doloroso, é propiciar a criação de novas práticas direcionadas a contemplar interesses individuais e coletivos, cuja eficácia reside também na difusão da consciência crítica acerca destas questões.

Direcionada sob estes princípios, uma Universidade que se constrói e se sustenta pela produção e pela divulgação dos seus conhecimentos, traduz-se como uma importante mediadora das políticas em relação aos idosos na nossa sociedade se, consciente do seu papel comprometido com a necessidade de transformações sociais, assumir e disseminar idéias éticas sobre a velhice e o envelhecimento no nosso país. Se acreditamos que desfazer mitos sobre o amadurecimento e o envelhecimento é consequência também da capacidade de compreensão do processo que conduz à velhice, a incorporação de novas atitudes para que nos preparemos satisfatoriamente em todas as fases da vida é fruto de práticas que devem incluir, a par de informações corretas e verdadeiras, a força estimuladora dos relacionamentos sociais. Nesta premissa, considerar que um grupo de iguais é capaz de processar um novo tipo de conhecimento, se permeado por um processo educativo que favorece a oportunidade do sujeito ser agente da aprendizagem, é estar a Universidade e seus representantes vinculados ao caráter libertador de uma prática que se propõe desmistificar estereótipos em direção à legitimação de uma nova ordem social, o que implica o uso dos conhecimentos disponíveis e a garantia da participação

integrada de todos aqueles conscientizados sobre a importância das ações.

Assim refletindo, podemos afirmar que: se num primeiro momento tivemos a nortear o Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* da Faculdade de Ciências e Letras de Assis ações planejadas por um grupo restrito de professores e colaboradores - o Grupo de Trabalho responsável pela implantação da Proposta que, consciente dos objetivos a serem atingidos, pautou-se por premissas éticas na consecução da tarefa, as etapas posteriores foram implantadas com a participação da coletividade - o público-alvo e os profissionais envolvidos - que imprimiu, paulatinamente, um caráter específico ao Projeto Universidade Senior na nossa Unidade.

Nesta trajetória, necessário se fez integrar forças por meio de um trabalho interdisciplinar, estimulador de formas de convivência solidária que, coerentemente às determinações do momento histórico, enfatizou, no contexto prático da ação, a ética da postura que deve permear o trabalho do profissional preocupado com a construção social do conhecimento para a efetivação de uma sociedade mais igualitária e mais justa, ou seja, estar atento à evolução e à reformulação do próprio conhecimento científico que emerge das experiências de vida e se processa nos movimentos da sociedade. Conseqüentemente, ao avançar na produção e na disseminação de um conhecimento gerado nas relações comunitárias, produto das provas e dos resultados obtidos no trabalho com o público-alvo, que demonstra que o adulto que envelhece é capaz de manter ou recuperar níveis de funcionamento no seu processo de envelhecimento, estamos, pelo trabalho desenvolvido no Programa, colaborando para a revisão de estereótipos acerca da velhice em direção à proposta de consolidação de uma nova realidade sócio-cultural. E, neste processo, considerando o nosso papel como o de agente de mudanças sociais, tivemos como prin-



cípios norteando nossas práticas o compromisso com o outro na promoção de ensinamentos que estimularam novas formas de relacionamento, as quais procuraram fortalecer a crença de que as pessoas quando se relacionam positivamente com o mundo, consigo próprio, e com os demais homens, estão engendrando novas formas de valorização da vida.

Neste sentido, o Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* da nossa Faculdade, pautado na idéia e nos objetivos de uma Universidade Aberta - um local de ensino que privilegia tanto a difusão dos conhecimentos produzidos no seu interior, como também facilita a emergência e a disseminação da cultura popular, traduzida aqui no resgate da motivação e da experiência acumulada das pessoas idosas, tem a nortear a metodologia de trabalho o respeito aos interesses e às expectativas do seu público-alvo. Com estes princípios, e amparado nas diretrizes de uma proposta de Educação Continuada, procura adaptar, na sua estrutura "curricular", os métodos de ensino e os conteúdos de aprendizagem norteados pelos objetivos da ação. Assim, ao contemplar tanto as áreas de conhecimentos gerais e específicos, como também aquelas voltadas para o incentivo ao desenvolvimento do potencial das pessoas nas oficinas de manifestações artísticas e culturais, acreditamos que as atividades desenvolvidas, especificamente programadas para a clientela a que ele se destina, estejam favorecendo a promoção e/ou a manutenção do bem-estar físico, psíquico e social, conforme demonstrado na análise e na interpretação dos resultados contidos neste trabalho.

E, se as atividades também estimulam e fortalecem as trocas sociais, sendo a satisfação crescente nas relações estabelecidas no espaço universitário, haja vista a percepção, pelas pessoas, de que *é a primeira vez que a Faculdade se abre à comunidade*, a valorização da iniciativa ganha força



quando se dissemina entre os pares do público-alvo. Como resultado, e acreditando na eficácia dos ensinamentos que lhes são oferecidos na Faculdade, já passaram pelos "bancos escolares" do Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade*, 722 pessoas (dados até 1996). Dentre elas, 617 mulheres e 105 homens, de Assis e das cidades da região mais próxima, casadas, viúvas, solteiras, desquitadas e/ou divorciadas, de diferentes idades e níveis de escolaridade, em busca do que aqui - na Faculdade - se convencionou chamar, traduzindo o conjunto das atividades desenvolvidas, a experimentação da vivência de uma

... escola contente, menina, viva, uma escola que amadurece mas que não envelhece (Paulo Freire).

E assim, nós também, profissionais da Faculdade, *aprendemos* com os alunos do Programa que sempre é tempo de estar vivendo uma nova experiência e que aqui pode ser o local do reencontro, do estabelecimento de novos laços e da união entre as pessoas, pois

... ser no mundo significa existir para si e para o mundo, não apenas o mundo da natureza, configurado em termos humanos, mas também, é claro, o mundo social em que o ser com os outros assegura a realidade no modo da coexistência (Monique Augras).

Como conclusão, podemos dizer que o trabalho desenvolvido pelo Programa *UNESP Aberta à Terceira Idade* na Faculdade de Ciências e Letras de Assis revestiu-se de um compromisso que, para nós, traduz-se no princípio de que não basta reconhecer os direitos às necessidades iguais, é ne-



cessário também, na medida do possível, garantir a satisfação da necessidade a todos os envolvidos na ação. E se este relato, que procurou mostrar que o êxito das ações depende da trajetória que é implementada para a sua efetivação, pode estar sinalizando uma tarefa concluída, pelo significado formal que adquire na carreira universitária, a proposta de estarmos procurando experimentar a vivência da terceira idade na Universidade direcionada ao resgate do sentido do prazer do direito que cada um tem de viver a própria vida, permanece. Ainda, se num primeiro momento, deixamos transparecer a base emocional que nos motivou para encamparmos este Projeto, acreditamos que ela esteja, sempre, revestida do sentido de liberdade expresso nas sensações dos afetos e dos desejos, as quais emergem nas oportunidades possibilitadoras do livre pensamento e da livre escolha nas ações de todos aqueles que nele estão envolvidos.

Com a certeza de que cada vez mais estaremos fortalecidos neste trabalho com a terceira idade, unidos na crença de que

O ser não envelhece, mas vive numa relação com a eternidade onde a pessoa humana, em sua temporalidade, experimenta seu corpo-essência, seu futuro, essência do presente sendo a história de cada um a história de convivência, história de um tempo (Joel Martins).

quando nos aproximamos do término deste ano de 1997, deixamos aqui:

(Aluna: Taty Perine Torresi, 57 anos)

LA DESPEDIDA DEL 1997

*¡ Más un ano vencido!
¡ Muchas energías para el 1998!*

*El curso de español en la Facultad
Com Balbina, Claudete, qué disposición!
Luciana, Daniela y Maira, qué facilidad!
Nuevamente Luciana y Juliana dan la lección.*

*¡Las colegas fueron una cantidad!
Y muchas amigas no volverán más,
Pero tenemos la grande felicidad,
De no olvidarlas jamás.*

*Neusa vive sólo viajando,
Paraguay y Perla son la situación,
Maria Alice el español está hablando,
Mientras Yulli venció su construcción.
Neide, siempre muy pontual,
Finalmente consiguió decir al
Olga siempre guapa y enamorada,
Por su nieta y por el novio bien amada
Ofélia com su eterna discreción,
Habla com Jacy sobre la lección
Daisy, uma buena abogada,
De italiano y español hace la ensalada.
Irene jamás habla de libre voluntad
Pero Bertha da la respuesta com facilidad.
Cristina en la clase es discreta también
Pero los diálogos interpreta bien.*

*Com Luciana y Juliana en la dirección
En este semestre aprendemos bien el español
Ellas merecen toda nuestra admiración,
Porque olvidamos un poco el portuñol.
Edna merece todo nuestro cariño,
Por dirigir tan bien la tercera edad,
Llevó a nosotros en este camino,
Bueno, lleno de grande felicidad.*

*Terminamos así más una jornada,
Que fue muy buena, com sinceridad.
Creo, ella jamás será olvidada.
Deseo a ustedes una grande y feliz navidad.*

(Aluna: Jacy Perine Torresi, 67 anos)



IX - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTE:

1. CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

- Artigo 110 da Seção V "Do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana"
- Artigos 272, 273 (LIV. VI e DO) e 280 da Capítulo VII "Da Proteção Especial"

2. ESTATUTO DO NÚCLEO DO IDOSO DE ASSIS

3. FUNDAÇÃO SEADE

- Proteção da População Residente, por faixa etária e sexo, do Município de Assis - Julho de 1972

4. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)

- Censo Demográfico: Dados Distritais de São Paulo - IX Recenseamento

Geral do Brasil, 1960, v. 1 *O tempo da memória não é o da morte. É o das*

- Censo Demográfico: Dados Distritais de São Paulo - IX Recenseamento Geral do Brasil, 1960, v. 1 *formas e dos píncaros mais ricos da vida. É a salvaguarda deste*

estatístico *tempo que pode permitir, à sucessão de homens e de gerações, par-*

- Estimativa de Mortalidade por Sexo e Idade, 1960, v. 1 *participar utilmente do vir a ser humano. Os velhos devem sentir-se*

estatístico *responsáveis pela memória do futuro.*

- Anuário Estatístico do Brasil - 1994

(Paul Bastide)

- Contagem Populacional: População Residente por Sexo, Segundo Municípios - SÃO PAULO, 1996

IX - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES:

1. CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO:
 - Artigo 110 da Seção V "Do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana"
 - Artigos 277, 278 (III, VI e IX) e 280 do Capítulo VII "Da Proteção Especial".
2. ESTATUTO DO NÚCLEO DO IDOSO DE ASSIS
3. FUNDAÇÃO SEADE
 - Projeção da População Residente, por faixa etária e sexo, do Município de Assis. Julho de 1992.
4. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)
 - Censo Demográfico: Dados Distritais de São Paulo - IX Recenseamento Geral do Brasil. 1980, v. 1, tomo 3, no. 17.
 - Censo Demográfico 1991: Resultados do Universo relativos às Características da População e dos Domicílios. Nº 21: São Paulo.
 - Estimativa da População Residente, por faixa etária e sexo, do Município de Assis. Setembro de 1993.
 - Anuário Estatístico do Brasil - 1994.
 - Contagem Populacional: População Residente por Sexo, Segundo Municípios - SÃO PAULO. 1996.

JORNAIS, REVISTAS, MANUAIS E/OU FOLHETOS:

- *Folha de São Paulo*
- *O Estado de São Paulo*
- *Folha da Tarde*
- *Jornal do Brasil*
- *Jornal do Comércio*
- *O Estado do Paraná*
- *Diário de Fortaleza*
- *Zero Hora*
- *Diário do Grande ABC*
- *O Tempo de Assis*
- *Jornal 60 Minutos* - TV Cultura de S.P.
- *Associação Paulista de Medicina*
- *Sociedade Brasileira de Psiquiatria Clínica*
- *Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo*
- *Revista Veja*
- *Revista Exame*

LIVROS, PERIÓDICOS, DISSERTAÇÕES E TESES:

ALONSO, L. K. Movimentos sociais e cidadania: a contribuição da Psicologia Social. In: SPINK, M. J. P. (org.). *A Cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994. Cap.3, p.75-92.

- AMORIM, C. A., ALBERTO, C. A. Atividades físicas e terceira idade: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia Argumento*. (Curitiba), v.14, p.47-64, 1996.
- ARRUDA, S. M. de B. O. de. A sociedade dos descartáveis. *Psicologia, Ciência e Profissão*. (Brasília), v.1, p.19-20, 1986.
- AUGRAS, M. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ÁVILA, J. J. Geriatria e gerontologia: sua importância no mundo atual. *Senectat: Revista Médica Clínica e Terapêutica da Terceira Idade*. (São Paulo), v.1, p.22-5, 1978.
- BASTIDE, P. A. A Idéia do tempo e do envelhecimento. *A Terceira Idade*. (São Paulo), n.6, p.23-6, 1980.
- BEE, H. Velhice. In: ____ *A Criança em desenvolvimento*. Trad. A. C. A. Pereira. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977. p.286-94.
- BIANCHI, H. *O Eu e o tempo: psicanálise do tempo e do envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- BOKOVOY, J. L., BLAIR, S. N. Aging and exercise: a health perspective. *Journal of Aging and Physical Activity*. Human Kinetics Publishers, Inc., p.243-60, 1994.
- BORDA, O. F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (org.) *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 42-62.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

- BUFFA, E., ARROYO, M., NOSELLA, P. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* São Paulo: Cortez, 1987. (Polêmicas do Nosso Tempo, 23).
- CANÔAS, C. S. *A Condição humana do velho*. São Paulo: Cortez, 1986.
- CARSTENSEN, L. L. Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional. In: NERI, A. L. (org.) *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995. p.111-44.(Viva Idade).
- COIMBRA, C. M. Cidadania e processos de inclusão e exclusão social: a construção da identidade. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*. (Fortaleza), v.6, p.1-8, 1994.
- CORIA-SABINI, M. A. O Desenvolvimento do adulto. In: ____ *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: Ática, 1993. p.105-19.
- COSTA, A. M. R., DAVIS, C. e SILVA, M. R. C. O Psicólogo na equipe multiprofissional. In: CONGRESSO DE PSICOLOGIA, II, 1992, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 1992. p.169-92.
- COSTA, E. M. S. Grupo psicodramático com pacientes acima de 50 anos: relato de uma experiência. *TEMAS: teoria e prática do psiquiatra*. (São Paulo), n.27, p.109-18, 1984.
- COSTA, S. Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*. (São Paulo), n.38, p.38-52, 1994.
- COVRE, M. de L. M. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Primeiros Passos, 250).
- DAMASCENO, M. N. O Saber social e a construção da identidade. *Contexto & Educação*. (Ijuí), n.38, p.19-39, 1995.

- FRANCISCO, A. L. e BASTOS, A. V. B. Conhecimento, formação e prática: o necessário caminho da integração. In: *Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços*. Campinas: Átomo, 1992. p.211-27 (Conselho Federal de Psicologia).
- FREIRE, P. Alfabetização e cidadania. *Educação Municipal*. (São Paulo), n.1, p.6-15, 1988. (Estudos e Pesquisas).
- GIUBILEI, S. Uma pedagogia para o idoso. *A Terceira Idade*. (São Paulo), v.5, n.7, p.10-4, 1993.
- GÓIS, C. W. de L. *Noções de psicologia comunitária*. Fortaleza: Viver, 1994.
- HADDAD, E. G. de M. *A Ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.
- _____. *O Direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. São Paulo: Cortez, 1993. (Questões de Nossa Época, 10)
- HELLER, A. *O Cotidiano e a história*. Trad. C. N. Coutinho e L. Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- JORDÃO NETTO et al. *Levantamento de algumas Condições de Vida da População maior de 60 anos, Moradora nas Sedes das Regiões Metropolitanas do Brasil e Capital Federal*. São Paulo: L.B.A., Sandoz, CEI, 1992. (mimeo).
- JUSTO, J. S., DIAS, R. de S. e PIPINIS, S. M. de C. "Ofissignas" na Ponta da Língua: Relato de uma Experiência com Linguagem e Reflexões. *VERTENTES UNESP*. (Assis), nº 3, p. 95-110, 1997.
- LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: ____ (org.) *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.10-9.

- LANE, S. T. M., SAWAIA, B. B. *Psicologia: ciência ou política?* São Paulo: EDUC, 1988. (Apoio ao Ensino).
- _____. *Psicologia social comunitária no Brasil. Applied Psychology: An International Review*, v. 40, n.2, 1991.
- MAGALHÃES, D. N. *A Invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.
- MARQUES, M. O. Por uma pedagogia da educação popular. *Contexto & Educação*. (Ijuí), n.37, p.69-81, 1995.
- MARTINS, E. J. S. *A Igreja: sua prática político-ideológica: um estudo das representações sociais de sujeitos que compõem uma Unidade de CEB no Brasil*. São Paulo, 1987. 109 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MARTINS, Joel. Não somos cronos somos kairós. *DOXA UNESP*. (Araraquara), v.1, p.7-24, 1995.
- MELLO, R. C. P. O Tempo programado e os idosos. *A Terceira Idade*. (São Paulo), v.4, n.9, p.36-43, 1994.
- MELO, A. A Educação popular numa estratégia de educação permanente. In: *Concepções e Experiências de Educação Popular*. São Paulo: Cortez, 1989. p.41-60. (Cadernos CEDES, 1)
- MOSCOVICI, F. *Desenvolvimento interpessoal*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1985.
- MOTTA, E. Envelhecimento social. *A Terceira Idade*. (São Paulo), v.2, n.2, p.16-39, 1989.
- MUCCHIELLI, R. *O Questionário na pesquisa social*. Trad. L. L. Rivera e S. Magaldi. São Paulo: Martins Fontes, 1979.



- NASCIMENTO, M. L. do. *Ramificações da psicologia social: perspectivas da atuação comunitária*. São Paulo, 1990. 228 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- NERI, A. L. Atitudes em relação à velhice: uma revisão de literatura. *Estudos de Psicologia*. (Campinas), v.6, n.1, p.77-93, 1989a.
- _____. Atitudes em relação à velhice: uma revisão da literatura (estudos investigando variáveis individuais de natureza psicológica e sociológica). *Estudos de Psicologia*. (Campinas), v.6, n.2, p.41-61, 1989b.
- _____. Atitudes em relação à velhice: uma revisão de literatura (conclusões e sugestões para pesquisa no Brasil). *Estudos de Psicologia*. (Campinas), v.7, n.1, p.107-11, 1990.
- _____. O Desenvolvimento integral do homem. *A Terceira Idade*. (São Paulo), n.10, p.4-15, 1995a.
- _____. A Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: ____ (org.) *Psicologia do envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995b. (Viva Idade).
- PAIVA, V. M. B. A Velhice como fase do desenvolvimento humano. *Revista de Psicologia*. (Fortaleza), v.4, n.1, p.15-23, 1986.
- _____. A Mulher de meia idade: perdas, solidão e corpo. *A Terceira Idade*. (São Paulo), n.5, p.5-8, 1992.
- PAULA, A. S. V. O Papel do estado em relação à velhice. *A Terceira Idade*. (São Paulo), n.7, p.5-9, 1993.
- PEREIRA, W. C. C. *O Adoecer psíquico do subproletariado*. Belo Horizonte: SEGRAC, 1990.
- PRATES DA SILVEIRA, M. I. e SILVA BENTO, V. E. A Síndrome normal da velhice: uma abordagem psicossocial e uma proposta psicoterápica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. (R. J.), v.34, n.4, p.133-41, 1982.

- PRETI, D. *A Linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991. (Temas Atuais).
- QUEIROZ, Z. P. V. *Minorias masculinas: o homem idoso*. (mimeo).
- RAMADAM, Z. B. A. O Ser-no-mundo do idoso: abordagem existencial da psicoterapia na terceira idade. *TEMAS: teoria e prática do psiquiatra*. (São Paulo), n.27, p.119-25, 1984.
- REBOREDO, L. A. *Da Serialidade à institucionalização: um estudo do movimento de um grupo que se afirma e se nega na (des)construção do ser favelado*. São Paulo, 1992. 240 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- REBOUL, H. Vieillir, projet pour vivre. *A Terceira Idade*. (São Paulo), n.6, p.29-31, 1980.
- SANTOS, B. de S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SAWAIA, B. B. Cidadania, diversidade e comunidade: uma reflexão psicossocial. In: SPINK, M. J. P. (org.) *A Cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994. Cap.7, p.147-56.
- SOUZA, M. L. de. *Desenvolvimento de Comunidade e Participação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1986.
- TREIN, E. Conquista da cidadania: A educação diz: Presente! *Contexto & Educação*. (Ijuí), n.41, p.17-27, 1996.
- TREIN, F. A Universidade e a atividade na construção da cidadania. *Contexto & Educação*. (Ijuí), nº 37, p.44-55, 1995.

VALE, J. M. F. do. Educação popular: um exercício de democracia numa sociedade autoritária. *Didática*. (Marília), v.24, p.61-4, 1988.

_____. A Pedagogia de Paulo Freire: A Busca da Unidade de Pensamento e Ação. *Pensando a Educação*. (São Paulo), p.41-6, 1989. (Seminários Debates UNESP).

WASHINGTON, M. L. Educação Permanente na Terceira Idade. *A Terceira Idade*. (São Paulo), n.6, p.13-6, 1980.

WITTER, G. P. *et al.* Atuação do psicólogo: espaços e movimentos. In: *Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços*. Campinas: Átomo, 1992. p.161-80. (Conselho Federal de Psicologia).

ANEXOS



X
ANEXOS

unesp
ABERTA À
3^a
IDADE

Nesta oportunidade, estamos lhe entregando este Questionário. Solicitamos que você responda a todas as perguntas e nos devolva preenchido no dia 07 ou 08 de junho, sem falta.

É muito importante para nós - o Grupo de Trabalho do Programa "UNESP Aberta à Terceira Idade" as informações que você puder nos dar a seu respeito.

Muito Obrigado.

Nome:.....

Sexo: () Masculino () Feminino

Data de Nascimento:..... de de

Estado Civil:

Nível de Escolaridade:

Endereço: Rua..... nº

Cidade: Telefone:

ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE A SUA SAÚDE:

1- Você tem algum problema de saúde? () SIM () NÃO

Qual?

2- Você tem este problema há quanto tempo?

3- Frequenta com regularidade algum serviço médico? () SIM () NÃO

SOBRE A UNESP E A TERCEIRA IDADE:

1- Você participou de todas as atividades do Programa "UNESP Aberta à Terceira Idade"? () SIM () NÃO

2- Se não participou, explique porque:

.....



3- Se participou, de qual atividade gostou mais?

.....

4- Quais são as suas expectativas, interesses em relação à Faculdade? O que você acha que ela poderia oferecer para você?

.....

.....

5 - O que você gostaria de aprender na Faculdade?

.....

6- Se fossem oferecidos cursos ou atividades com mais frequência, a partir do segundo semestre, você se inscreveria para fazer? () SIM () NÃO

Por que?

7- Quais os dias e horários da semana que você tem maior disponibilidade para frequentar as atividades?

8- Atividades e Cursos que você propõe:.....

.....

9- No dia 23 de junho está programada uma confraternização entre os participantes e os profissionais envolvidos no Programa "UNESP Aberta à Terceira Idade".

Qual o horário que você acha melhor para acontecer esta atividade?.....

.....

Sugira o que poderia estar sendo realizado neste dia:.....

.....

.....

OFICINAS
(aulas semanais)

Artesanato

Profª Malvina P. D. Moraes

Às sextas-feiras - 14 Horas

Início: 16 de setembro (1ª turma)

21 de outubro (2ª turma)

Teatro

Profª Marli Pedrazza

Às quartas-feiras

Início: 14 de setembro - 14 Horas

CONFRATERNIZAÇÃO

O dia, o horário e as atividades a serem desenvolvidas nesta ocasião serão definidos com os participantes do semestre.

Com vocês...

aprendemos que sempre é tempo de estar vivendo uma nova experiência,

... e que a nossa faculdade pode ser o local do reencontro, do estabelecimento de novos laços e da união entre as pessoas,

... e que "a escola contente, menina, viva, a escola que amadurece mas que não envelhece" já está presente no nosso câmpus e no espírito de todos nós.

**Grupo de Trabalho do
Projeto Universidade Senior da
Faculdade de Ciências e Letras de
Assis - UNESP**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

**UNESP
ABERTA À
3ª
IDADE**

2º Semestre de 1994

Programação

PALESTRAS

- 01/09 (5ª feira) - 14 Horas
Aspectos Cardio-Respiratórios do Envelhecimento
Profª Telma G. C. S. de Andrade
- 22/09 (5ª feira) - 14 Horas
A 3ª Idade na Cultura Japonesa
Prof. Francisco Hashimoto e Ademir Mizumoto
- 06/10 (5ª feira) - 14 Horas
Poesia e Música Portuguesa
Profª Elêusis Mirian Camocardi
- 20/10 (5ª feira) - 14 Horas
A Música Sertaneja
Darci Laurindo Barbosa
- 17/11 (5ª feira) - 14 Horas
Problemas Osteo-Articulares na Terceira Idade
Dr. Luiz Alcântara (Médico - Professor na Universidade Estadual de Londrina)
- 24/11 (5ª feira) - 14 Horas
Relato de Experiência na Área Social na Alemanha Ocidental
Roberto Nicolau Schorr (Secretário da Educação do Município de Marília)

Obs.: Após as palestras haverá atividade de educação física e/ou de recreação (Profªs Maria Helena S. Galli e Leda A. Ortega de O. Garcia)

CURSOS (aulas semanais)

Introdução à Psicologia
Prof. Paulo Tadeu R. da Motta
Às quartas-feiras
Início: 14 de setembro - 14 Horas

Aspectos Psico-Biológicos do Envelhecimento: Distúrbios do Sono e Questões Acerca da Sexualidade
Profªs Miriam M. M. de Andrade e Telma G. C. S. de Andrade
Às sextas-feiras
Início: 16 de setembro - 14 Horas

Bordados em Geral
Profª Loyde Almeida Fraga Moreira
Às quartas-feiras
Início: 14 de setembro - 14 Horas

A Importância da Ginástica na Terceira Idade
Profª Leda A. Ortega de O. Garcia
Às quartas-feiras
Início: 14 de setembro - 14 Horas

Noções Básicas de Botânica e Ecologia
Profs. Aldo Luiz Klein e Maria Ap. Marin Morales
Às quartas-feiras
Início: 19 de outubro - 14 Horas

MINI-CURSOS

Saúde na Terceira Idade

Professores: médico, psicólogo, nutricionista, enfermeira e assistente social - profissionais da Secretaria da Saúde do Município de Assis.

Dias: 08 de setembro (5ª feira)
29 de setembro (5ª feira)
27 de outubro (5ª feira)
08 de novembro (3ª feira)

Horário: 14 Horas

Linguística e Alfabetização: Teoria e Prática
Prof. Olímpio Correa de Mendonça

Dias: 29 de setembro (5ª feira)
(das 10:30 às 12:00 horas e das 14:00 às 15:30 horas)
30 de setembro (6ª feira)
(das 10:30 às 12 horas)

Obs.: O interessado neste mini-curso deverá se inscrever no II Encontro de Estudos Linguísticos de Assis no Departamento de Linguística.

Educação Ambiental

Professores: Equipe de Profissionais da Estação Experimental de Assis.

Dias: 13 de setembro (3ª feira)
11 de outubro (3ª feira)
03 de novembro (5ª feira)

Local: Horto Florestal

Obs.: Os participantes serão transportados para o Horto Florestal, nos dias especificados acima, por ônibus.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

UNESP Aberta à Terceira Idade

Nesta oportunidade, estamos lhe entregando este questionário. Para nós, da UNESP, é muito importante que você o responda e nos devolva preenchido até o dia 08 de dezembro (5ª feira), ocasião em que acontecerá a nossa confraternização.

- 1- Neste semestre nós atuamos de forma diferente do primeiro. Além das palestras, oferecemos também cursos e/ou oficinas com aulas semanais às quartas e sextas-feiras. O que você achou desta forma de funcionamento do Programa UNESP Aberta à Terceira Idade? Para você, este semestre foi:

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Por que?

.....

- 2- Você teve oportunidade de fazer algum Curso, Mini-Curso e/ou Oficina?

() SIM () NÃO

Se respondeu SIM, qual?

Se respondeu NÃO, por que não fez?

.....

- 3- Você gostou do Curso, Mini-Curso e/ou Oficina que fez?

() SIM () NÃO

Por que?

.....



4- (Só responda esta questão caso você tenha feito algum dos Cursos, Mini-Cursos e/ou Oficinas)

Analise a atividade que você frequentou semanalmente com relação a:

Assunto: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Duração: () Suficiente () Insuficiente

Horário: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Satisfez suas expectativas? () SIM () NÃO

5- Abaixo está a relação de palestras que foram oferecidas neste 2º semestre.

Assinale, com um X, aquela (ou aquelas) a que você compareceu.

Aspectos Cardio-Respiratórios do Envelhecimento

Profa. Telma G. C. S. de Andrade ()

A Terceira Idade na Cultura Japonesa

Prof. Francisco Hashimoto e Ademar Mizumoto ()

Poesia e Música Portuguesa

Profa. Elêusis Miriam Camocardi ()

A Música Sertaneja

Darci Laurindo Barbosa ()

Problemas Osteo-Articulares na 3ª Idade

Dr. Luiz Alcântara ()

Relato de Experiência na Área Social na Alemanha Ocidental

Roberto Nicolau Schorr ()

6- O que você achou dos temas que foram abordados nas palestras?

() Ótimos () Bons () Regulares () Ruins

Por que?.....

.....

7- Você acha que as palestras têm que continuar? () SIM () NÃO

Por que?

.....

8- Você sugere algum outro assunto que não foi abordado este ano para ser tema de palestra em 1995?

Qual?

9- Dê um conceito para os dias das nossas atividades neste semestre, assinalando com um X.

Terça: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Quarta: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Quinta: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Sexta: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim

10- Com relação ao horário (14 horas) de nossas atividades, você acha:

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Por que?.....

.....

Observação: No dia 08 de dezembro, faremos a nossa confraternização de final de ano. Esperamos que seja uma grande festa como foi a do fim do primeiro semestre. Nesta oportunidade, solicitamos que você traga um prato de doce ou salgado, como fizemos em junho.

Muito Obrigado

Grupo de Trabalho do Programa
UNESP Aberta à Terceira Idade

PALESTRAS

04/04 (3ª feira) - 14 Horas

"O Efeito das Drogas sobre o Homem e as Drogas mais consumidas por Estudantes de 1º e 2º graus da cidade de Assis".

Prof. Dr. Rubens Cruz
(UNESP - Assis)

09/05 (3ª feira) - 14 Horas

Questões Previdenciárias e Jurídicas relacionadas à 3ª idade".

Dr. Francisco Balcotti (advogado)

06/06 (3ª feira) - 14 Horas

"Aids"

Dr. Cilas Tavares Costa
(médico infectologista)

MINI-CURSOS

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Prof. Olympio Correa de Mendonça

Aulas : 28 de abril (início do mini-curso)

05 de maio

12 de maio

19 de maio

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Professores: Equipe de Profissionais da
Estação Experimental de Assis (Horto
Florestal)

Aulas : 26 de maio (início do mini-curso)

02 de junho - 09 de junho

16 de junho - 23 de junho

OBS: O transporte para o Horto será feito por ônibus com saída da frente da Catedral de Assis, sempre às 13:30 horas (uma e meia da tarde).

SAÚDE NA TERCEIRA IDADE

Professores: Médico, Psicólogo,
Nutricionista, Enfermeira e Assistente
Social da Secretaria da Saúde do
Município de Assis.

Aulas: 18 de abril (3ª feira)

02 de maio (3ª feira)

30 de maio (3ª feira)

20 de junho (3ª feira)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

**UNESP
ABERTA À**

**3ª
IDADE**

1º Semestre de 1995

Programação



CURSOS

E

OFICINAS

(aulas semanais)

Segunda-feira

Língua Estrangeira através da Música
(Professores do Departamento de Letras Modernas)

Início: dia 17 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Artesanato
(Professora Malvina P. D. Moraes)

Início: dia 17 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Musicalização através da Flauta Doce
(Prof. Fernando Antonio Cazarini)

Início: dia 17 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Música Regional e Folclórica
(Darci Laurindo Barbosa)

Início: dia 17 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Quarta-feira

Introdução à Psicologia
(Prof. Paulo Tadeu R. da Motta)

Início: dia 19 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Musicalização através da Flauta Doce
(Prof. Fernando Antonio Cazarini)

Início: 17 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Bordados em Geral
(Prof. Loyde Almeida Fraga Morcira)

Início: dia 19 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Quinta-feira

Aspectos Básicos de Anatomia e Fisiologia Humana
(Prof. Telma G. C. de Andrade e alunos)

Início: dia 20 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

O Sono da Infância à Terceira Idade
(Prof. Miriam M. M. de Andrade e alunos)

Início: Após o término do curso da Prof. Telma

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Teatro
(Prof. Marli Pedrazza)

Início: dia 20 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

A importância da Ginástica para a Terceira Idade
(Professores Leda A. Ortega de O. Garcia e Paulo Celso N. Garcia)

Início: dia 20 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Obs: Haverá turma masculina e feminina

(às sextas-feiras)

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

(Professores: Equipe de Profissionais da
Estação Experimental de Assis (Horto
Florestal))

Aulas: 01, 08, 15, 22 e 29 de setembro

OBS: O transporte para o Horto será feito
por ônibus com saída da frente da Catedral
de Assis, sempre às 13:30 horas (uma e meia
da tarde).

SAÚDE NA TERCEIRA IDADE

Professores: Anelize Bicalho Martinho
Tondato (nutricionista), Maria Aparecida
Paula Francisco (psicóloga), Dr. Carlos
Miguel Yazlle Rocha, Dr. José Eduardo
Rabelo, Dr. Cilas Tavares Costa, Dr. Waldir
Pereira Modotte (médicos) e outros
profissionais da Secretaria da Saúde do
Município de Assis.

Aulas: 06 de outubro
13 de outubro
27 de outubro
10 de novembro
24 de novembro

Horário: das 13:30 horas em diante

O Programa UNESP Aberta à 3ª Idade, em
desenvolvimento na Faculdade de Ciências e
Letras de Assis desde o 1º semestre de 1994,
tem como objetivo propiciar aos participantes
inscritos, a educação continuada ou
permanente.

As diferentes atividades oferecidas nas
áreas da saúde, trabalho, educação e lazer
procuram sempre estar direcionadas para
capacitar as pessoas situadas na 3ª idade a
enfrentar, de modo saudável e consciente, a
evolução da sociedade e de seus costumes.

Além disso, a Faculdade de Ciências e
Letras de Assis/UNESP está sendo
reconhecida, por aqueles que frequentam o
Programa UNESP Aberta à 3ª Idade desde o
seu início, como o espaço do reencontro, da
integração, do estabelecimento de novos laços
e da união entre as pessoas.

INFORME-SE!

Venha você também participar do
Programa UNESP Aberta à 3ª Idade da
Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

Inscrições: de 21 a 25 de agosto,
no período da tarde, na UNESP.

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

UNESP ABERTA À

3ª IDADE

2º Semestre de 1995

Programação

APOIO: PROEX



Segunda-feira

Alfabetização de Adultos
(Prof. Olympio Correa de
Mendonça e colaboradores)

Início: dia 28 de agosto
Horário: das 13:30 às 15:30 horas

**Língua Estrangeira através da
Música**
(Professores do Departamento de Letras
Modernas)

Início: dia 28 de agosto
Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Artesanato
(Professora Malvina P. D. Moraes)

Início: dia 28 de agosto
Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Musicalização através da Flauta
(Prof. Fernando Antonio Cazarini)

Início: dia 28 de agosto
Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Música Regional e Folclórica
(Darci Laurindo Barbosa)

Início: dia 28 de agosto
Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Terça-feira

**Línguas Estrangeiras: inglês, francês,
alemão, espanhol, italiano e japonês**
(Professores do Depto. de Letras
Modernas, do Depto. de Educação e
alunos colaboradores)

Início: dia 29 de agosto
Horário: das 13:30 às 15:15 horas

A Língua Portuguesa Falada
(Prof. Carlos Eduardo M. de Moraes)

Início: dia 29 de agosto
Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Quarta-feira

Alfabetização de Adultos
(Prof. Olympio Correa de
Mendonça e colaboradores)

Início: dia 28 de agosto
Horário: das 13:30 às 15:30 horas

Grupo de Vivência
(Prof. Paulo Tadeu R. da Motta)

Início: dia 30 de agosto
Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Musicalização através da Flauta
(Prof. Fernando Antonio Cazarini)

Início: 28 de agosto
Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Bordados em Geral
(Prof. Loyde Almeida F. Moreira)

Início: dia 30 de agosto
Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Quinta-feira

Linguagem e Expressão Corporal
(Prof. José Sterza Justo
e alunos colaboradores)

Início: dia 31 de agosto
Horário: das 13:30 às 15:30 horas

Teatro
(Prof. Marli Pedrazza)

Início: dia 31 de agosto
Horário: das 13:30 às 15:15 horas

**A importância da Ginástica
para a Terceira Idade**
(Professores Leda A. Ortega de
O. Garcia e
Paulo Celso N. Garcia)

Início: dia 31 de agosto
Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Sexta-feira

Linguagem e Expressão Corporal

Prof. José Sterza Justo

Alunos Colaboradores: Ruy de Souza Dias e
Stella Maris de Castro Pipinis

Início: dia 12 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Bordados em Geral

Profª Loyde Almeida Fraga Moreira

Início: dia 12 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Teatro

(Para Iniciantes)

Aluna Colaboradora: Sara Andreia Turcatto

Profª. Surpevisora: Marli Pedrazza

Início: dia 12 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Teatro

(Para Veteranos)

Profª Marli Pedrazza

Início: dia 12 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Musicalização através da Flauta (Módulo II)

Prof. Fernando Antonio Cazarini

Início: 10 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

MINI-CURSO

SAÚDE NA TERCEIRA IDADE

Coordenador: Dr. Carlos Miguel Y. Rocha

Professores: Profissionais da Saúde de Assis

Aulas: 26 de abril

30 de maio

27 de junho

Horário: das 13:30 horas em diante

SESSÃO DE CINEMA

Dias: 06, 13 e 20 de maio (Filmes Italianos)

Horário: 13:30 horas

Local: Salão de Atos

INFORME-SE!

Telefone: (0183) 22-2933

Venha você também participar do
Programa UNESP Aberta à 3ª Idade da
Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

INSCRIÇÕES: 01 e 02 de abril

na período da tarde, na UNESP

UNIVERSIDADE ESTATADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

UNESP ABERTA À

3ª

IDADE

1º Semestre de 1996

Programação

APOIO: PROEX



CURSOS

E

OFICINAS

(aulas semanais)

Segunda-feira

Artesanato

Profª Malvina P. D. Moraes

Início: dia 08 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Língua e Cultura Estrangeiras:

Alemão, Francês, Italiano e Espanhol

Profs. do Depto. de Letras Modernas

Início: dia 08 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Língua Estrangeira : Italiano

(Módulo II)

Prof. Cesar Palma dos Santos

Início: dia 08 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Terça-feira

Musicalização Através da Flauta

(Módulo I)

Prof. Fernando Antonio Cazarini

Início: dia 09 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

A Língua Portuguesa Falada

Prof. Carlos Eduardo M. de Moraes

Início: dia 09 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Registrando Nossas Histórias

(Profª Jeane Mari Sant'Ana Spera)

Início: dia 09 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Quarta-feira

Alfabetização de Adultos

(Aberto a Estágio de Formação de
Alfabetizadores de Adultos da 3ª Idade)

Profs. Olympio Correa de Mendonça e
Onaide Schwartz Correa de Mendonça

Início: dia 10 de abril

Horário: das 13:30 às 17:15 horas

Ginástica para a 3ª Idade

Profª. Leda A. Ortega de O. Garcia

Módulo I

Início: dia 10 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Módulo II

Início: dia 10 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Musicalização através da Flauta

(Módulo II)

Prof. Fernando Antonio Cazarini

Início: 10 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Obs: Este curso será desenvolvido na FAC.

Quinta-feira

Musicalização Através da Flauta

(Módulo I)

Prof. Fernando Antonio Cazarini

Início: dia 09 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Língua Estrangeira: Espanhol

(Módulo I)

Aluno Colaborador: Eliseu M. da Silva

Profª Supervisora: Gisele D. do Mar

Início: dia 11 de abril

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Língua Estrangeira: Espanhol

(Módulo II)

Profª Claudete Ferreira Gomes

Aluna Colaboradora: Luciana S. Rosseto

Início: dia 11 de abril

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Sexta-feira

Teatro (Para Iniciantes)

Aluna Colaboradora: Sara Andreia Turcatto
Profª Supervisora: Marli Pedrazza

Início: dia 13 de setembro
Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Teatro (Para Veteranos) Profª Marli Pedrazza

Início: dia 13 de setembro
Horário: das 13:30 às 15:15 horas

INSCRIÇÕES: 03 e 04 de setembro,
terça e quarta-feira, a partir das 13:30
horas, na UNESP.

Av. Dom Antonio, 2100 - Assis/SP.

Neste ano de 1996 o Programa UNESP Aberta à 3ª Idade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis comemora o seu terceiro ano de funcionamento.

Ao procurar atender uma clientela específica, não só de Assis mas também da região mais próxima, as diferentes atividades desenvolvidas - cursos e oficinas com aulas semanais - se movem por objetivos que visam a satisfação dos interesses e necessidades de todos os participantes.

Desta forma, a Faculdade vem sendo reconhecida não só como o local onde se pode aprender, mas também como aquele que propicia o entretenimento e a oportunidade de se fazer novas amizades.

INFORME-SE!

Telefone: (018) 322-2933

Venha você também participar das atividades do Programa UNESP Aberta à 3ª Idade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis

UNESP ABERTA À

3ª

IDADE

2º Semestre de 1996

Programação

Segunda-feira

Artesanato

Profª Malvina P. D. Moraes

Início: dia 09 de setembro

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Língua estrangeira: Italiano (Módulo I)

Aluna Colaboradora: Lúcia A. Sanches Orsi

Profª Supervisora: Creobel F. Maimoni

Início: dia 09 de setembro

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Língua estrangeira: Italiano (Módulo II)

Aluno colaborador: César Palma dos Santos

Profª Supervisora: Creobel F. Maimoni

Início: dia 09 de setembro

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Musicalização através da Flauta (Módulo II)

Prof. Fernando Antonio Cazarini

Início: dia 09 de setembro

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Local: Antigo Colégio Santa Maria às
2ª e 4ª feiras.

Terça-feira

Grupo de Vivência

Aluna Colaboradora: Carla Cristina Bettio

Profª Supervisora: Márcia Elizabeth Torresi

Início: dia 10 de setembro

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Quarta-feira

Alfabetização de Adultos

(Aberto a Estágio de Formação de
Alfabetizadores de Adultos da 3ª Idade)

Profs. Olympio Correa de Mendonça e
Onaide Schwartz Correa de Mendonça

Início: dia 11 de setembro

Horário: das 13:30 às 17:15 horas

Ginástica para a 3ª Idade

Profª Tais de Paula Souza

Módulo I

Início: dia 11 de setembro

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Módulo II

Início: dia 11 de setembro

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Quinta-feira

Língua Estrangeira: Espanhol (Módulo I)

Aluna Colaboradora: Luciana S. Rosseto

Profª Supervisora: Gisele D. do Mar

Início: dia 12 de setembro

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Língua Estrangeira: Espanhol (Módulo II)

Aluno Colaborador: Eliseu M. da Silva

Profª Supervisora: Gisele D. do Mar

Início: dia 12 de setembro

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Língua Estrangeira: Espanhol (Módulo III)

Profª Claudete Ferreira Gomes

Início: dia 12 de setembro

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Saúde na 3ª Idade

dia 17 de abril (5ª feira) - 13:30 horas

"Reumatismo na 3ª Idade"

Dra. Elizabeth Alves Salgado

dia 15 de maio (5ª feira) - 13:30 horas

Osteoporose: como prevenir e tratar"

Dr. Carlos Miguel Yazlle Rocha

Dr. Carlos Pimenta de Souza

dia 12 de junho (5ª feira) - 13:30 horas

"Coração e Exercício Físico"

Dr. José Eduardo Rabelo

Neste ano de 1997 o Programa UNESP Aberta à 3ª Idade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis comemora o seu 4º ano de funcionamento.

Ao procurar atender uma clientela específica, não só de Assis mas também da região mais próxima, as diferentes atividades desenvolvidas - cursos e oficinas com aulas semanais - se movem por objetivos que visam a satisfação dos interesses e necessidades de todos os participantes.

Dessa forma, a Faculdade vem sendo reconhecida não só como o local onde se pode aprender, mas também como aquele que propicia o entretenimento e a oportunidade de se fazer novas amizades.

INFORME-SE!

Telefone: (018) 322-2933

INSCRIÇÕES: 13 e 14 de março, quinta e sexta-feira, a partir das 13:30 horas, na UNESP.

Av. Dom Antonio. 2100 - Assis/SP

Venha você também participar das atividades do Programa UNESP Aberta à 3ª Idade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis

UNESP
ABERTA À

3ª

IDADE

1º Semestre de 1997

Programação

APOIO: PROEX



Segunda-feira

Artesanato

Profª: Malvina P. D. Moraes

Alunas Colaboradoras:
Adriana da Silva
Fernanda Mafra Bazon
Juliana Oliveira Lima

Início: dia 17 de março

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Língua estrangeira: Italiano (Módulo I)

Aluna Colaboradora: Alessandra Valéria B. Neto
Profª Supervisora: Creobel F. Maimoni

Início: dia 17 de março

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Língua estrangeira: Italiano (Módulo Avançado)

Professor: César Palma dos Santos

Início: dia 17 de março

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Terça-feira

Da Música à Redação: uma Diversão

Profª: Diva Lea Batista da Silva

Início: dia 18 de março

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Grupo de Vivência

Psicóloga: Carla Cristina Bettio
Aluna Colaboradora: Celiane Borges

Início: dia 18 de março

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Quarta-feira

Alfabetização de Adultos

Profª: Alessandra Dias Gervasoni

Início: dia 19 de março

Horário: das 13:30 às 16:30 horas

Ginástica para a 3ª Idade

Profª: Tais de Paula Souza

Módulo I

Início: dia 19 de março

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Módulo II

Início: dia 19 de março

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Quinta-feira

Língua Estrangeira: Espanhol (Módulo I)

Profª Luciana S. Rosseto Salotti

Início: dia 20 de março

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Língua Estrangeira: Espanhol (Módulo Avançado)

Aluno Colaborador: Eliseu M. da Silva
Profª Supervisora: Gisele D. do Mar

Início: dia 20 de março

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Sexta-feira

Teatro (Para Iniciantes)

Aluna Colaboradora: Sara Andreia Turcatto
Profª Supervisora: Marli Pedrazza

Início: dia 21 de março

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Teatro (Para Veteranos) Profª Marli Pedrazza

Início: dia 21 de março

Horário: das 13:30 às 15:15 horas



Sexta-feira

Teatro

(Para Iniciantes)

Aluna Colaboradora: Sara A. Turcatto
Profª Supervisora: Marli Pedrazza

Início: dia 22 de agosto

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Local: Sala 12 - Prédio I

Teatro

(Para Veteranos)

Profª Marli Pedrazza

Início: dia 22 de agosto

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Local: Salão de Atos

INSCRIÇÕES: 12 e 13 de agosto, terça e quarta-feira, a partir das 13:30 horas, na UNESP.

Av. Dom Antonio, 2100 - Assis/SP.

INFORME-SE!

Telefone: (018) 322-2933

Saúde na 3ª Idade

dia 17 de setembro (4ª feira) - 13:30 horas

“Audição na 3ª Idade”

Dr. Roberto de Mello

dia 15 de outubro (4ª feira) - 13:30 horas

“Prevenção de Doenças Periodontais”

Dra. Márcia Gutierrez Carvalho Lioi

dia 12 de novembro (4ª feira) - 13:30 horas

“Prevenção de Doenças Infecto- Contagiosas”

Dra. Juliana de Carvalho Ferreira Penço

Neste ano de 1997 o Programa UNESP Aberta à 3ª Idade da Faculdade de Ciências e Letras de Assis comemora o seu 4º ano de funcionamento atendendo uma clientela específica, não só de Assis mas também da região mais próxima. As diferentes atividades desenvolvidas têm como objetivo a satisfação dos interesses e necessidades de todos os participantes.

Dessa forma, a Faculdade vem sendo reconhecida não só como o local onde se pode aprender, mas também como aquele que propicia o entretenimento e a oportunidade de se fazer novas amizades.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis

**UNESP
ABERTA À**

3ª

IDADE

2º Semestre de 1997

Programação

APOIO: PROEX

Segunda-feira

Artesanato

Profª. Malvina P. D. Moraes

Alunas Colaboradoras:

Adriana da Silva

Fernanda Mafra Bazon

Juliana Oliveira Lima

Regina Elisa Maragno

Início: dia 18 de agosto

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Local: Sala da 3ª Idade

Língua estrangeira: Italiano

(MóduloII)

Alunas Colaboradoras: Alessandra Valéria B. Neto
e Ana Cláudia Bandeira Barbosa

Profª Supervisora: Creobel F. Maimoni

Início: dia 18 de agosto

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Local: Sala 09 - Prédio I

Língua estrangeira: Italiano

(Módulo Avançado)

Professor: César Palma dos Santos

Aluna Colaboradora: Sandra Nery Evangelista

Início: dia 18 de agosto

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Local: Sala 09 - Prédio I

Quarta-feira

Alfabetização de Adultos

Profª. Alessandra Dias Gervasoni

Aluna Colaboradora: Regina Elisa Maragno

Início: dia 20 de agosto

Horário: das 13:30 às 16:30 horas

Local: Sala 08 - Prédio I

Observação: Este curso também
será oferecido às sextas-feiras, na
mesma sala e no mesmo horário.

Ginástica para a 3ª Idade

Profª. Taís de Paula Souza

Módulo I

Início: dia 20 de agosto

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Local: Diretório Acadêmico

Módulo II

Início: dia 20 de agosto

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Local: Diretório Acadêmico

Quinta-feira

Língua Estrangeira: Espanhol

(Módulo I)

Alunas Colaboradoras: Maira Angélica
Pandolfi e Renata Maria Rosalin

Profª Supervisora: Gisele D. do Mar

Início: dia 21 de agosto

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Local: Sala 11 - Prédio I

Língua Estrangeira: Espanhol

(MóduloII)

Alunos Colaboradores: Valdemir Boranelli
e Daniela Sanchez Molina

Profª Supervisora: Gisele D. do Mar

Início: dia 21 de agosto

Horário: das 13:30 às 15:15 horas

Local: Sala 12 - Prédio I

Língua Estrangeira: Espanhol

(MóduloAvançado)

Profª. Luciana S. Rosseto Salotti

Aluna Colaboradora: Juliana P. de
Barros Santos

Início: dia 21 de agosto

Horário: das 15:30 às 17:15 horas

Local: Sala 12 - Prédio I

Prezado(a) Aluno(a)

Nesta oportunidade, estou lhe entregando este questionário e solicito que você o traga respondido na próxima aula. Para mim, é muito importante que você responda a todas as perguntas aqui colocadas com muita sinceridade, pois este questionário é parte do trabalho que estou realizando com a 3ª idade. Você não precisa colocar o seu nome. Basta que responda a todas as questões. Muito Obrigada.

Professora Edna

DATA DE NASCIMENTO:...../...../.....

ESTADO CIVIL:.....

GRAU DE ESCOLARIDADE:

CIDADE ONDE MORA:

1- Há quanto tempo você começou frequentar os Cursos da terceira idade aqui na Faculdade? (coloque um X na sua resposta)

() no primeiro semestre do ano de 1994

() no segundo semestre do ano de 1994

() no primeiro semestre do ano de 1995

() no segundo semestre do ano de 1995

() no primeiro semestre do ano de 1996

() no segundo semestre do ano de 1996

2- Desde que você começou a fazer os Cursos aqui na Faculdade, você veio em todos os semestres, sem interromper nenhum?

() SIM

() NÃO



3- Se ficou algum semestre sem fazer Curso aqui na Faculdade, qual foi a causa de você não ter vindo?.....

4- Quais os Cursos que você já fez aqui na Faculdade?

5- Qual o Curso que você fez que mais gostou?

6- Você fez algum Curso que não gostou? () SIM () NÃO

Continuou com este Curso até o fim das aulas? () SIM () NÃO

Por que?.....

7- Algum Curso que você considerava importante deixou de ser oferecido?

() SIM () NÃO

Qual?.....

Por que essa atividade era importante para você?.....

8- O que significa para você frequentar a Faculdade para fazer os Cursos da terceira idade?.....

9- Escreva, com suas palavras, o que você sente que mudou em você depois que começou a fazer os Cursos aqui na Faculdade:.....

10-Escreva as suas sugestões de Cursos que gostaria que fossem oferecidos na Faculdade:

11-Por que esses Cursos que você sugere são importantes?.....

12-Se você acha que deve colocar mais alguma coisa aqui neste questionário, fique à vontade para emitir sua opinião.....

ERRATA

- p.21, 3ª linha do 1º parágrafo:
acrescentar uma vírgula após *depois de sua vida*
- p. 22, 3ª linha da Nota de Rodapé 3:
onde se lê *experimentava-se* leia-se *experimentavam-se*
- p. 34, 18ª linha do parágrafo:
onde se lê *hajam* leia-se *haja*
- p. 37, 1º parágrafo, antepenúltima linha:
onde se lê *revela-se* leia-se *se revela*
- p. 47, 4ª linha do 1º parágrafo:
onde se lê *reforçam* leia-se *reforça*
- p. 51, 3ª linha do 1º parágrafo:
onde se lê *construa* leia-se *se construam*
- p. 55, penúltima linha do parágrafo:
onde se lê *à* leia-se *a*
- p. 67, 5ª linha do 1º parágrafo:
onde se lê *Lei no 5763* leia-se *Lei nº 5763*
- p. 87, 3ª linha:
onde se lê *é voltado* leia-se *são voltados*
- p. 90, 2ª linha do 1º parágrafo:
onde se lê *as transportava* leia-se *transportava as pessoas*
- p. 99, 8ª linha do 1º parágrafo:
onde se lê *sentíssemos-nos* leia-se *nos sentíssemos*
- p. 128, penúltima linha do 3º parágrafo:
onde se lê *out-doors* leia-se *outdoors*
- p. 141, 6ª linha do 1º parágrafo:
após *desenvolvimento no Brasil* acrescentar *no ano de 1997*
- p. 156, última linha do 1º parágrafo:
onde se lê *mesmo* leia-se *mesma*
- p. 200, antepenúltima linha do 3º parágrafo:
onde se lê *transpô-la* leia-se *transpô-las*
- na Bibliografia, acrescentar:
LONGO JR., O. Levantamento de atitudes em participantes do programa UNESP Aberta à Terceira Idade pós aquisição de conhecimentos sobre anatomia e fisiologia humana. Assis, 1995. (mimeo).



